



FEBRE DOS BETS

Vício em apostas oferece risco à renda da população mais pobre

Pesquisa mostra que 63% dos brasileiros já perderam dinheiro com esse passatempo. **Página 17**

Foto: Carlos Rodrigo



Feiras livres mantêm tradição e freguesia fiel

Espaços na capital preservam sua importância na economia local, com um comércio movimentado, e também viram ponto de encontro de frequentadores. **Página 5**



Luta contra o racismo religioso conta com papel atuante das federações

Entidades que defendem o respeito à liberdade dos cultos afro-brasileiros enfrentam oposição da sociedade, ainda presente, e se mantêm atuantes na Paraíba.

Página 25

Botafogo busca a oitava vitória na Série C

Time paraibano enfrenta o São Bernardo-SP, amanhã, às 20h, no Estádio Primeiro de Maio, no ABC Paulista.

Página 21



Foto: Evilson de Freitas/Estadão Conteúdo

Bichos-preguiça ameaçados pelo avanço do desmatamento

Destruição do habitat natural por conta da urbanização tem forçado o animal a buscar refúgio fora das reservas, colocando em risco a espécie.

Página 20

■ “Desde que se armou um palco dimensionado para a promoção turística de Campina que as fogueiras começaram a ser apagadas sob alegação de que as fagulhas ardiam nos olhos ultrassensíveis da elite”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Penso, talvez poeticamente, que o gesto de afagar um livro, limpar a poeira, folhear suas páginas, reter a atenção sobre uma frase e deixar-se iluminar pelo conteúdo, é também um tipo de leitura”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11



Foto: Divulgação

Aos 70 anos, Pedro Osmar reflete sobre a trajetória no cenário cultural paraibano

Vocalista, instrumentista e compositor celebra também os 50 anos de seu projeto artístico mais importante – o grupo Jaguaribe Carne.

Página 9

Editorial

Mudar agora

Com duas guerras em andamento e o aquecimento global já de porta adentro, seria de se esperar que a humanidade estivesse mais preocupada com o futuro do planeta. Ocorre que um relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), no início deste mês, revelou que o mundo não está fazendo a lição de casa.

De acordo com o documento, apenas 17% das metas estabelecidas nos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) caminham na direção certa para serem cumpridas. Os 17 ODS, com suas respectivas metas, dizem respeito principalmente à redução de desigualdades e preservação do meio ambiente, e deveriam ser cumpridos até 2030. Quase metade das metas, no entanto, apresentam progresso mínimo ou moderado e mais de um terço está estagnado ou regredindo.

Uma série de fatores contribui para a situação. Os impactos persistentes da pandemia da Covid-19, a escalada de conflitos, as tensões geopolíticas e o crescente caos climático prejudicaram gravemente o progresso, na avaliação da ONU.

De acordo com o relatório, pela primeira vez neste século, o crescimento do PIB per capita em metade das nações mais vulneráveis do mundo é mais lento do que o das economias avançadas. Mais 23 milhões de pessoas foram empurradas para a pobreza extrema e mais de 100 milhões de indivíduos estavam sofrendo de fome em 2022 em comparação com 2019. O número de mortes de civis em conflitos armados disparou em 2023. Esse ano também foi o mais quente já registrado, com as temperaturas globais se aproximando do limite crítico.

“Este relatório destaca a necessidade urgente de uma cooperação internacional mais forte e mais eficaz para maximizar o progresso a partir de agora”, disse o secretário-geral da ONU, António Guterres. “Faltando mais de seis anos, não podemos deixar de cumprir a nossa promessa para 2030 de acabar com a pobreza, proteger o planeta e não deixar ninguém para trás”.

Embora o resultado do relatório seja preocupante, o documento também trouxe avaliações positivas de algumas políticas de sucesso ao redor do mundo. Foram citados os notáveis avanços na implantação de energia renovável, por exemplo. Além disso, na maioria das regiões, meninas alcançaram a paridade e até mesmo passaram à frente dos meninos na conclusão da escolaridade em todos os níveis.

Houve aumento do acesso à Internet em cerca de 70% em oito anos. Da mesma forma, décadas de progresso contra o HIV/AIDS fornecem um modelo para a superação de outras pandemias.

Nos dias 22 e 23 de setembro próximo, ocorrerá a Cúpula do Futuro, na sede da ONU em Nova Iorque (EUA), momento em que a organização espera conseguir conscientizar as nações-membros sobre a importância de persistir no cumprimento dos ODS. Tragédias como a ocorrida recentemente no Rio Grande do Sul já nos mostraram as consequências de postergar as mudanças necessárias.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A luta armada contra a Ditadura Militar

Durante o Regime Militar, surgiram organizações de luta armada, com ações de cunho radical, incluindo assaltos a bancos com o intuito de financiar a guerrilha e sequestros de figuras públicas que tinham como objetivo a troca por militantes presos. As que se tornaram mais conhecidas, até porque, em alguns momentos, atuaram juntas, foram o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8) e a Aliança Libertadora Nacional (ALN).

Nasceram na segunda metade da década de 60, quando vivemos um dos capítulos mais sombrios da resistência à ditadura militar no Brasil, ambas fruto de dissidências no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Eram grupos que atuavam na clandestinidade e tinham como perspectiva, além de “derrubar” a ditadura, a construção de um projeto de transformação profunda para a sociedade brasileira. Essas organizações de resistência produziram uma quantidade significativa de documentos, tais como textos políticos, panfletos, manuais de orientação sobre táticas de guerrilha e jornais produzidos de forma precária, com impressão de má qualidade e sem periodicidade e formato regular, se constituindo em importantes instrumentos para a pesquisa acerca de como elas atuavam.

Em 1966, um grupo de membros do PCB, formado, sobretudo, por estudantes, desligou-se do partido ao discordar de sua orientação política, que defendia via pacífica para a passagem do regime ditatorial para a democracia. Tornou-se conhecido como a Dissidência da Guanabara, com o nome de DI-RJ, depois rebatizado como MR8 em memória ao dia em que Ernesto “Che” Guevara foi capturado e assassinado, na Bolívia, em 8 de outubro de 1967.

A ALN foi formada em agosto de 1968, tendo sido a principal organização da esquerda armada no Brasil, destacando-se pela quantidade de membros que conseguiu incorporar, tendo como seu mentor, Carlos Marighella, que, inclusive, escreveu o Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano, no qual desenvolveu um tópico advogando a prática do terrorismo como “arma” decisiva para os atos revolucionários.

Um dos episódios mais marcantes da Ditadura Militar foi planejado e executado por

essas duas organizações: o sequestro do então embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick, em 4 de setembro de 1969. Em troca de sua liberdade, foi exigida a leitura de um manifesto em rede nacional e a libertação de 15 presos políticos, o que aconteceu três dias depois.

Esses grupos marcaram forte presença na cena política ao defenderem a violência como ferramenta de luta, o que incluía o sequestro de diplomatas. Eles entendiam que essa era a única forma de enfrentar a violência praticada pelos ditadores contra os opositores do regime. Além do embaixador dos Estados Unidos, também foram sequestrados os embaixadores da Alemanha e da Suíça e o cônsul-geral do Japão em São Paulo. O movimento guerrilheiro das décadas 60 e 70 recebeu considerável influência de revoluções socialistas vitoriosas em diversos países, especialmente a cubana e a chinesa, contribuindo nas formulações teóricas das organizações armadas no Brasil. No início da década de 70, a repressão exterminou os resistentes, tratando as pessoas que possuíam qualquer vínculo com a guerrilha como suspeitas de subversão e consideradas inimigas da pátria.

“

Eles entendiam que essa era a única forma de enfrentar a violência praticada pelos ditadores contra os opositores do regime

Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Menina na escada

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Cinzas do São João

Para os da minha geração, a tendência mesmo é nos deixarem sem nada. Ainda me banho de poder usar o pronome num plural acanhado graças à sobrevivência de uns pouco iguais na idade ou de contemporâneos aproximados, uns reclamando menos, outros mais, todos, porém, sem graça, no prejuízo dos seus mais enraizados costumes, devoções e lazeres.

Na última quinta-feira, o presidente que vem sendo merecidamente aclamando para continuar à frente da nossa Academia de Letras, cronista e historiador Ramalho Leite, faz coro em artigo n'A União à crítica de uma autêntica como Elba Ramalho à invasão da chamada música sertaneja com suas agressivas agências de marketing a invadir os palcos nordestinos, passando para trás a música de raízes culturais consagradas no íntimo do seu povo. O povo não protesta, mesmo que se descobrisse lesado, submisso diariamente ao que propaga ou ensina a televisão formadora de opinião de todos os nossos lares.

Entre nós, a contrafação não é nova. Desde que se armou um palco dimensionado para a promoção turística de Campina Grande que as fogueiras começaram a ser apagadas sob alegação de que as chamas, a fumaça, as fagulhas ardiem nos olhos ultrassensíveis da elite de cabeça globalizada. O São João de fogueira haveria de terminar como argueiro nos olhos dos nossos legisladores e dirigentes já dissociados ou desarraigados da mais viva e alegre das nossas devoções. Fogueira que fazia padrinhos e afilhados ou que a fé ou o fervor por ela nos faziam pisar em brasa sem sairmos queimados.

Até bem pouco tempo, e creio que ainda hoje, a festa religiosa que mais repercute na alma nordestina continua sendo a dos santos de junho, encabeçados por João Batista. A fogueira no terreiro de casa, ainda que a gente ao redor não atinasse, era a mesma pela qual Promoteu pagou caro no suplício do rochedo para resguardar os humanos no abrigo da caverna.

“

O São João de fogueira haveria de terminar como argueiro nos olhos dos nossos legisladores e dirigentes

Gonzaga Rodrigues

Proibida por lei, só nos restam as bandeirinhas, a quadrilha, a comida típica desfalcada do clima de culinária festiva ora convertida em produto diário de padaria, sem a alegre comunhão familiar e amiga em torno do moinho, da peneira ou do caldeirão que hoje se adultera dando nome a programas em tudo estranhos a esse batismo.

Não muito longe, enquanto pude morar em casa de réis ou rente com o chão, a festa do milho era uma alegria com gosto de felicidade, pela união espontânea da casa inteira e dos seus arredores, tudo sob a regência da colher de pau de Dona Edith.

Não sei como uma manifestação de fundo religioso, latente em todos nós, de Cajazeiras a Cabedelo, possa ser proscrita. Por causa do busca-pé? Do foguetão em casa de palha? Em nenhum dos nossos subúrbios sobrevive a casa de palha. Não há mais palmeiras para isso, substituídas pelas sobras de zinco ou placas de fábricas fechadas.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

NA ÁREA DA SAÚDE

IASS garante assistência aos servidores estaduais

Órgão tem laboratório, policlínica e centro de reabilitação, além de rede credenciada

Priscila Perez
 priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Os servidores públicos estaduais têm à disposição uma ampla rede de assistência à saúde, com laboratório, atendimento ambulatorial em 15 especialidades e tratamentos em áreas como odontologia, psicologia e fisioterapia. Mensalmente, mais de duas mil pessoas utilizam os serviços gratuitos do Instituto de Assistência Integral a Saúde do Servidor da Paraíba (IASS), que antes da reformulação também era destinado ao gerenciamento da previdência dos servidores estaduais.

Mas o IPEP-PB, o antigo Instituto de Previdência do Estado, não só mudou de nome, como também se tornou o único do país a oferecer esse tipo de benefício de forma gratuita, sem desconto ou sistema de coparticipação. “Os demais estados têm cobrança no contracheque do servidor”, destaca a diretora-superintendente do IASS, Laura Farias.

Centenária, a instituição foi criada em 1913, na forma de associação de funcionários, com o objetivo de oferecer planos de previdência social e assistência integrada à saúde para o servidor paraibano. Embora muita coisa tenha mudado de lá para cá, inclusive após a reforma ocorrida entre os anos 1990 e 2000, que culminou na criação do IASS – separando a saúde da previdência, a assistência ao servidor seguiu inalterada, mas com uma diferença importante: totalmente gratuita. Além de serem custeados pelo Governo do Estado, todos os serviços são prestados de forma direta, o que facilita o acesso ao benefício, como bem explica a diretora-superintendente do instituto. “Quando você tem assistência à saúde direta, sem a necessidade de fazer nenhuma regulamentação, é mais fácil de trabalhar e o servidor tem mais acesso.”

Rede de assistência

Composta por unidades próprias e 55 clínicas conveniadas, a rede do IASS tem como missão proporcionar assistência completa aos servidores estaduais. Ela abrange cuidados preventivos, como exames e *check-ups* anuais, e medicina curativa, para tratar problemas de saúde já diagnosticados. Segundo Laura Farias, a diversidade de especialistas disponíveis é grande. “Temos um leque de opções de prevenção e medicina curativa muito bom. Geriatria para a melhor idade, ginecologista e urologista para homens e mulheres fazerem suas prevenções”, ressaltou a superintendente. As especialidades médicas disponíveis incluem cardiologia, oftalmologia, gastroenterologia, mastologia, pediatria, endocrinologia, ginecologia,



Fotos: Evandro Pereira

Para ter acesso aos benefícios gratuitos, o interessado deve se dirigir a uma das agências de atendimento do IASS e realizar o credenciamento



pneumologia, dermatologia, urologia, entre outras. O benefício é oferecido a servidores efetivos e seus dependentes, além de aposentados e pensionistas.

Para ter acesso, o interessado deve se dirigir a uma das agências de atendimento do IASS e realizar o credenciamento. Além de João Pessoa, onde está localizada a sede, há postos

instalados nas cidades de Campina Grande, Guarabira, Mamanguape, Patos e Cajazeiras. Os documentos necessários são: carteira de identidade, contracheque e comprovante de residência. Já o agendamento pode ocorrer presencialmente ou pelos telefones (83) 3128-7063 e 3218-7064. Para mais informações acesse iass.pb.gov.br.

■ O benefício é oferecido a servidores efetivos e seus dependentes, além de aposentados e pensionistas

Exames laboratoriais, odontologia e fisioterapia com pilates são destaques

O atendimento aos servidores estaduais também inclui a realização de exames de baixa, média e alta complexidades, incluindo eletrocardiograma, densitometria óssea, tomografia, ressonância e ultrassom, por meio da rede conveniada. No Laboratório de Análises Clínicas do IASS, localizado no Complexo de Saúde no bairro Treze de Maio, em João Pessoa, são realizados principalmente exames de sangue. Para se ter ideia, a média é de 3,5 mil procedimentos efetuados por mês. Laura Farias explica que as clínicas parceiras atendem os servidores diretamente no laboratório do IASS, garantindo a realização de até 100 exames por dia. A coleta e entrega de materiais ocorrem de segunda a sexta-feira, das 6h às 9h.

Já no departamento odontológico da instituição, que funciona no prédio anexo da Superintendência Estadual, o servidor pode realizar diversos pro-

Dentista
 No departamento odontológico da instituição são oferecidos serviços nas áreas de endodontia, prevenção, periodontia e odontopediatria, entre outras

cedimentos, desde pequenas cirurgias até a extração de dentes. São oferecidos serviços nas áreas de endodontia, prevenção, periodontia e odontopediatria, entre outras. O atendimento acontece semanalmente, de segunda a sexta-feira, nos períodos da manhã e tarde.

Outro destaque do Instituto de Assistência Integral à Saúde do Servidor da Pa-

raíba é seu Centro de Reabilitação, onde o servidor paraibano tem à disposição uma série de especialidades ligadas à fisioterapia, como respiratória, neurológica e reumatológica, além da ortopédica e de trauma. Entre os tratamentos ofertados estão a cinesioterapia, que trabalha o corpo por meio de alongamentos, mobilizações e fortalecimentos; a mecanoterapia, com a utilização de equipamentos de terapia auxiliar como barra paralela e escada; e a eletroterapia, que utiliza correntes elétricas em diferentes intensidades e frequências.

Além disso, o instituto conta com pilates, o único do estado totalmente gratuito, para auxiliar nos tratamentos. “Este ano tivemos uma ampliação considerável na fisioterapia”, ressaltou Laura. O centro está localizado no prédio da Policlínica, anexo à sede da Superintendência Estadual, e atende adultos e crianças, mediante encaminhamento médico.

UN Informe

DA REDAÇÃO

COMISSÃO DA VERDADE NA PB COMEMORA NOVAS INVESTIGAÇÕES SOBRE DESAPARECIDOS POLÍTICOS

A Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória da Paraíba comemorou a decisão do presidente Lula de reinstalar a Comissão sobre Mortos e Desaparecidos Políticos da Ditadura Militar. O escritor, advogado e historiador Waldir Porfírio, membro da Comissão da Verdade no estado, contou à coluna que muitas violações aos direitos humanos continuam a existir por conta da impunidade aos assassinos e torturadores do regime de 1964. “A reinstalação da Comissão sobre Mortos e Desaparecidos é mais uma vitória das famílias desses mártires que lutaram pela liberdade e democracia em tempos de autoritarismo absoluto. Essas famílias nunca deixaram de cobrar justiça, a verdade e a preservação da memória deles”, afirma Porfírio. Segundo ele, os dois primeiros desaparecidos políticos da Ditadura aconteceram na Paraíba, em setembro daquele ano. Foram eles Pedro Inácio de Araújo (Pedro Fazendeiro) e João Alfredo Dias (Nego Fuba), duas lideranças camponesas. “Até hoje suas famílias sofrem porque não fizeram os velórios com seus corpos. Pesa sobre eles o fantasma do que aconteceu e onde estão enterrados seus entes queridos. O presidente Lula cumpre com sua promessa de campanha e esperamos que um dia todas as vítimas do desaparecimento forçado, esse crime de lesa-humanidade, sejam identificadas”, continua.

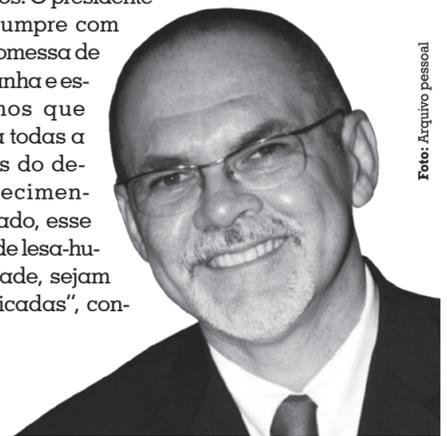


Foto: Arquivo pessoal

REUNIÃO NO TCE

O presidente do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba, conselheiro Nominando Diniz, convoca gestores públicos e secretários de finanças dos municípios para uma reunião amanhã na sede do TCE-PB. O encontro tem como objetivo discutir a legislação que trata de pagamento pela administração observada a ordem cronológica para cada fonte diferenciada de recursos, subdividida em categorias de contratos.

CRÉDITO RURAL

A Caixa divulgou, na sexta-feira (5), suas principais linhas de crédito rural, por meio do Plano Safra 2024/2025, para agricultores familiares, pequenos e médios produtores, além de agroindústrias e cooperativas. O pequeno produtor pode solicitar crédito com taxa pré-fixada, a partir de 2% a.a. pelo Pronaf Custeio. No Pronaf Custeio Mulher, a Caixa oferece redução de 0,5% em relação aos percentuais usuais.

RESSOCIALIZAÇÃO

As pessoas em privação de liberdade do sistema prisional da Paraíba passarão a ter certificação de cursos profissionalizantes ofertados pela Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba e parceiros. O benefício resulta de um protocolo de termo de cooperação técnica e acadêmica firmado, na sexta-feira (5), entre a Seap e a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba (Espes).

COORDENADOR DE CAMPANHA

O prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP) anunciou, na última sexta-feira, que seu filho Mersinho Lucena, deputado federal pelo PP, será o coordenador de sua campanha à reeleição nas eleições municipais deste ano. A exemplo do PSB, o Progressistas só vai realizar sua convenção partidária no último dia do prazo, ou seja, no feriado de 5 de agosto.

“ASTRONAUTAS” NA PARAHYBA FM

A Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties) estreia o programa “Astronautas na Nau Catarineta” na próxima quarta-feira (10), na rádio Parahyba FM. O projeto é desenvolvido em parceria com a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e tem o objetivo de popularizar e tornar a ciência ainda mais acessível.

IPM-JP REALIZA MAIS DE 3,4 MIL PROVAS DE VIDA NESTE ANO

O Instituto de Previdência do Município de João Pessoa (IPM-JP) realizou neste ano mais de 3.400 recadastramentos com aposentados e pensionistas vinculados ao instituto. O procedimento anual e obrigatório, também conhecido como prova de vida, deve ser realizado, preferencialmente, no mês de aniversário do beneficiário. O agendamento para realização da prova de vida pode ser feito previamente pelo site do IPM-JP.

Foto: Carlos Rodrigo



Roberto Beato,
superintendente do IBGE-PB

“O IBGE cumpre a missão de levar informação para a sociedade”

Em entrevista ao *Jornal A União*, gestor do órgão relata os principais marcos na história da instituição e sua atuação no estado

João Pedro Ramalho
joaoprimalhom@gmail.com

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) completou, ontem, 90 anos de sua criação, feita por meio do Decreto nº 24.609, de 6 de julho de 1934. Inicialmente chamado de Instituto Nacional de Estatística (INE), o órgão foi efetivamente instalado em 1936 e adotou a atual nomenclatura em 1940. Em entrevista ao *Jornal A União*, o superintendente do IBGE na Paraíba, Roberto Beato, relata os principais marcos na história do órgão e sua atuação no estado, desde quando a sede foi inaugurada, em 1971. O gestor, que ingressou no instituto em 2010 e assumiu o cargo atual em 2014, destacou também a receptividade do povo paraibano às pesquisas e a importância das parcerias com outras instituições públicas.

Entrevista

■ *Qual a importância da criação do IBGE para o Brasil?*

Quando a gente remete ao período em que o IBGE e as informações estatísticas importantes não existiam, começa a ver a dificuldade que os gestores públicos, presidentes de província na época, tinham para tomar decisões. Elas se baseavam em nada ou, muitas vezes, no *feeling*. Antes de 1940, existia uma verdadeira dificuldade de identificar o próprio território e a população. E para o gestor, não só o público como o privado, e para a sociedade como um todo, é importante ter informação de qualidade. Ainda mais porque, quando se fala de recursos públicos, fala-se em ter eficiência nas ações, para que esses recursos sejam bem aplicados.

■ *Antes da fundação do IBGE, na década de 1930, como era a produção de estatísticas?*

A produção de informações era muito incipiente. Elas praticamente não existiam. A primeira contagem de população que eu tenho conhecimento, antes da criação do IBGE, foi ainda na época do Império, para tentar fazer o inventário da Guerra do Paraguai. Na verdade, estavam-se contando os vivos para saber quantos morreram. Mas os levantamentos econômicos e sociais eram muito incipientes, muito frágeis.

■ *E como foi o processo de criação do IBGE?*

No dia 6 de julho de 1934, ele foi criado por lei. Mas, efetivamente, entrou em operação, com as medidas de nomear o presidente e os servidores, em 29 de maio de 1936. Quando ele foi criado, se chamava Instituto Nacional de Estatística (INE) e, somente em 1938, incorporou a parte da Geografia e passou a se chamar Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. E não são muitos os institutos de estatística pelo mundo que têm essa parte da Geografia incorporada. Isso ajuda muito na hora de fazer levantamentos mais precisos das informações que a gente necessita.

■ *Por que a relação da Geografia com a Estatística trata-se de um diferencial do IBGE?*

A Estatística busca a informação, enquanto a Geografia define o território. Isso é uma coisa que a gente preza muito, porque ela dá precisão para informação, de acordo com onde ela

está no território. Por exemplo, quando a gente vai fazer as pesquisas, obedece ao que está nas leis, que definem os estados, os municípios e os bairros. Mas, com a maior precisão, o IBGE divide ainda mais em pequenas unidades. São os setores censitários, que normalmente têm 340 domicílios, para que um só pesquisador consiga tirar informação daquele pedacinho do território. Por exemplo, com as informações do censo e o uso dos equipamentos de georreferenciamento, a gente consegue estimar uma renda média por bairro ou por um pedaço do bairro, coisa que antigamente não era possível.

■ *Quais foram as maiores transformações, então, pelas quais o IBGE passou ao longo desses quase 90 anos de funcionamento?*

Primeiro, a própria fundação do instituto, quando a gente entrou em operação e, logo em seguida, assumiu a responsabilidade pela realização do primeiro censo. Nesse momento, a coleta era feita de forma descentralizada, sob a responsabilidade dos estados e municípios, e o IBGE treinava, coordenava e administrava essa operação. Durante a história do órgão, ocorreram outros grandes marcos. O primeiro foi a incorporação da área geográfica dentro do IBGE, em 1938. O segundo, em 1944, quando criaram as inspetorias regionais, e o IBGE passou a estar presente em todas as Unidades da Federação. Outro marco muito importante foi, entre 1968 e 1969, quando se definiu que o IBGE ficaria responsável pelas agências de coleta. Depois, veio a incorporação da tecnologia. O Censo de 2010 foi o primeiro em que a gente usou equipamentos de coleta de mão, o que trouxe uma agilidade na hora de voltar a informação para a sociedade. Um momento que eu também considero importante foi a implantação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), que começou em 2012 e contribuiu demais em matéria de qualidade de informação e da frequência com que os indicadores voltam para a sociedade.

■ *E quais as principais mudanças sofridas pela sociedade brasileira nesses quase 90 anos?*

A sociedade brasileira, conforme a gente apura no censo, vem sofrendo uma transformação na sua compo-

sição. Hoje, a gente tem uma população não tão nova e a base da pirâmide demográfica está se afunilando, com cada vez mais pessoas idosas. A nossa economia também sofreu profundas mudanças nesses 90 anos. A gente saiu de uma economia predominantemente agrária para uma economia em que a produção agrária continua grande, mas que tem uma indústria muito forte. Também passamos por todas as mudanças de regime político, do democrático para uma fase não democrática e voltamos para a democracia. Mas a principal mudança, do meu ponto de vista, foi a transformação de um país agrário para um país mais urbano. Isso foi muito marcante dentro do IBGE, com a migração da população do campo para a cidade, e os nossos números mostraram o crescimento das cidades, a migração dos empregos do campo para as fábricas e, depois, para as áreas de serviço e comércio.

■ *As mudanças na forma como se entendem as populações brasileiras também se refletem nas metodologias do IBGE?*

Sim. Eu vou dar um exemplo com o tratamento da nomenclatura das favelas. O IBGE sempre esteve aberto a trocar ideias com a sociedade sobre a forma de se classificar os mais diversos segmentos sociais e de formação das cidades. Até o último censo, a gente adotava a nomenclatura de favelas como “aglomerado subnormais”, mas sofria críticas quanto a isso. Alguns historiadores e intelectuais questionavam por que não era “normal”. As favelas eram consideradas assim porque não têm escritura, o tipo de formação é irregular, além de uma série de outros indicadores. Contudo, em debate com a sociedade, os representantes das favelas, dos intelectuais e da academia nos diziam: “O nome é favela.” Então, a gente começou a adotar internamente, de maneira oficial, a classificação de “favela”.

■ *Falando, especificamente, sobre a história do IBGE na Paraíba: desde quando o instituto atua no estado?*

Desde a sua criação, mas ele ficou responsável pela coleta de dados na Paraíba a partir de 1971, junto com a inauguração da nossa sede, na Rua Irineu Pinto, no Centro de João Pessoa. Essa coleta foi migrada para o IBGE, primeiro, pela questão de recursos. Nem todas as prefeituras que tinham uma agência de coleta sob sua responsabilidade possuíam os recursos para arcar com aquilo. Diante de tantas dificuldades, em um território tão grande como o do Brasil, e para que essas informações chegassem de uma maneira mais homogênea e com mais qualidade, chegou-se à conclusão que o próprio IBGE deveria coletar.

■ *Como é, hoje, a estrutura do IBGE na Paraíba?*

Nós temos a sede, que fica na Rua Irineu Pinto, além de 11 agências. São duas na capital e as demais pelo interior, em Campina Grande, Patos, Sousa, Guarabira, Itabaiana, Sumé, Itaporanga, Esperança e Pombal. Cada

agência tem uma jurisdição de municípios. A de Itaporanga, por exemplo, é responsável por Princesa, Teixeira e pelos municípios vizinhos. Quando a gente tem as pesquisas econômicas, agropecuárias, domiciliares, é o pessoal dessa agência que vai coletar nesses municípios. Já o número de servidores varia, pois uma parte é formada por temporários. Esses ficam três anos na casa e são os principais pesquisadores que vão, cara a cara, aplicar as entrevistas. Hoje, a gente tem cerca de 200 servidores, contando já com os temporários.

■ *Na sua visão, que políticas públicas criadas para o estado basearam-se nas informações divulgadas pelo IBGE?*

Várias. Por exemplo, a gente está aplicando a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), que apura várias questões. Quanto tempo o estudante leva para se deslocar até a escola? Ele já sofreu ou viu algum tipo de violência nesse caminho ou em casa? Como é a alimentação em casa e na escola? Essas informações são divulgadas, de maneira global, para as secretarias municipais e para o Estado e são importantes na hora de fazer política pública. Se a pesquisa mostra que é uma falta de alimentação, o estado pode fazer um programa para fornecer alimentação; se, em determinada região, os estudantes têm problemas de violência no seu deslocamento para a escola, a Secretaria de Segurança pode conduzir uma iniciativa específica para melhorar a segurança. Quando a gente foi realizar o censo, também teve um apoio muito forte do Governo do Estado. O governador João Azevêdo, inclusive, é um admirador do IBGE e, desde a época em que era secretário de Planejamento de Bayeux, sempre usou nossos indicadores para a realização das políticas públicas.

■ *Existe algum dado sobre a Paraíba, inesperado ou surpreendente, que tenha chamado sua atenção nesses últimos anos?*

Talvez não seja inesperada, mas uma coisa que chama muita atenção e foi confirmada pelo censo demográfico é o crescimento da cidade de João Pessoa. A gente teve algumas informações surpreendentes em outros estados, como capitais que sofreram redução de população em relação a 2010. João Pessoa, por outro lado, superou as expectativas e cresceu acima da média, com a maior taxa de crescimento geométrico entre os 20 maiores municípios do país. Eu lembro que, quando cheguei aqui, em 2010, o bairro do Altiplano não existia. A verticalização da cidade foi uma coisa que chamou a atenção demais, porque é algo que a gente vê.

■ *Existe algum diferencial do IBGE da Paraíba em relação a outros estados?*

Um destaque, para mim, são os próprios servidores e a população paraibana. A gente foi muito grato, dentro e fora do IBGE, pelos índices de cobertura das pesquisas, frutos da característica do povo paraibano de ser receptivo. Tanto que, no Censo de 2022, a gente conse-

guiu o maior índice de cobertura do país, com uma taxa de não resposta de 1,5%. Isso significa que 0,5% das pessoas entrevistadas não quis responder e 1% a gente não localizou. Nenhum outro estado do país conseguiu um indicador tão bom quanto o nosso. Mas não basta só uma boa receptividade do informante, a gente tem que ter um corpo funcional dedicado que vai atrás da informação. Nesse sentido, a Paraíba é um estado muito bom para se trabalhar.

■ *Que avaliação o senhor faz sobre sua atuação, enquanto superintendente do IBGE na Paraíba, nos últimos anos?*

Seria muita prepotência falar de mim, mas eu gosto de exaltar nosso quadro de pessoal. Eu vim de São Paulo e tenho um orgulho enorme das pessoas que trabalham com a gente no IBGE, dos trabalhos que a gente faz e da interação que a gente tem com os outros órgãos públicos. Por exemplo, a gente apoiou a Lei nº 11.259/2018, que modernizou os limites municipais na Paraíba. Esse foi um trabalho da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer) junto com a Assembleia Legislativa do estado, em que o IBGE esteve presente. Nós mostramos com eram os limites municipais do nosso estado, sem mudar nenhum deles, e deixamos, em um único instrumento, todos os limites municipais com coordenadas geográficas. Isso trouxe uma enorme segurança jurídica para o gestor público e facilitou os nossos próprios trabalhos. Essa iniciativa demonstra a forte ligação que o IBGE tem com os outros órgãos públicos estaduais e municipais, o que demonstra que a gente está cumprindo a nossa missão de levar a informação para a sociedade.

■ *Quais são as metas do IBGE nacionalmente e na Paraíba para os próximos anos?*

Na Paraíba, na parte administrativa, a gente tem um desafio que é o nosso prédio, que tem mais de 50 anos. É uma estrutura muito desgastada, em uma área do Centro da qual a maior parte dos órgãos públicos já saiu. Eu tenho observado que, hoje, a estrutura administrativa pública saiu do Centro de João Pessoa e se deslocou no sentido da Avenida Epitácio Pessoa, onde estão repartições do Ministério da Economia, Ministério Público Federal, Defensoria Pública da União, entre outras. Eu acho que teríamos uma interação melhor com os demais órgãos e com a sociedade se a gente se deslocasse, também, para aquele eixo. No sentido das pesquisas, em âmbito nacional, o instituto tem desafios grandes também, como tentar incorporar mais cadastros administrativos. Uma visão muito discutida dentro do órgão é que a gente incomoda demais o informante. Então, o que a gente conseguir de informações por meio de bons cadastros administrativos deve tornar as nossas pesquisas mais leves. São muitas as informações que rodam na sociedade, nos meios de informática, que a gente pode captar por meio da inteligência artificial, e, com isso, ter um custo menor.

PONTO DE ENCONTRO

Feiras livres vão além do comércio

Além de movimentar a economia, esses locais proporcionam sustento, amizades e troca de experiências

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

“Fumo de rolo, arreo de cangalha / Eu tenho pra vender, quem quer comprar? / Bolo de milho, broa e cocada / Eu tenho pra vender, quem quer comprar?”. A “Feira de Mangaio”, de composição de Sivuca e Glória Gadelha, retrata um pouco do que se encontra nas tradicionais feiras livres do Nordeste. As feiras preservam sua importância para a economia e cotidiano local, mantendo um comércio movimentado, além de



“

Nós nunca podemos baixar a cabeça, mesmo depois de abrir o supermercado grande

Marcos Ursulino da Silva



Variedade de produtos e preços encanta os frequentadores



De verduras a brinquedos e roupas, a feira tem de tudo



Passar pela tenda de tapiocas e tomar um café é de praxe



Divulgação de ofertas é “no gogó”, algo típico desse ambiente



“

Quando eu cheguei nessa feira, a maioria do pessoal trabalhava no chão, como antigamente

João Neto Callado

serem importante ponto de encontro entre os seus frequentadores.

A Feira de Jaguaribe é uma das mais tradicionais da cidade. Localizada na Rua Generino Maciel, ela funciona entre 5h e 21h, com 37 boxes e 380 bancas. Assim como outras feiras livres ou mercados públicos da cidade, chama a atenção pela diversidade de produtos que se pode encontrar. De frutas, verduras, carnes e iguarias regionais até móveis, roupas, brinquedos e comércio de motocicletas.

Para Marcos Ursulino da

Silva, vendedor de bananas há mais de 25 anos nessa feira, o seu diferencial está na qualidade de seus produtos — e ele garante que a permanência desse espaço se deve à resistência dos feirantes e produtores, mesmo com o crescimento de grandes redes de supermercados pela cidade. “Nós nunca podemos baixar a cabeça, mesmo depois de abrir o supermercado grande. A gente tem que continuar, não pode parar. Se parar, a gente vai fazer o quê? Tem muito cliente fiel, que está comprando na feira

porque tem muita mercadoria diretamente do sítio, sem produto de nada”, ressalta Ursulino.

Outro feirante antigo é João Neto Callado, que está há quase 30 anos em Jaguaribe. “Quando eu cheguei nessa feira, a maioria do pessoal trabalhava no chão, ainda como naquelas feiras de antigamente, em que as pessoas forravam com uma lona e botavam a mercadoria”, conta.

Contudo, a Feira de Jaguaribe é mais antiga do que o início da carreira de João Callado. De acordo com a his-

toriadora Juliana Barros de Oliveira, na dissertação “O bairro de Jaguaribe na memória dos seus moradores idosos”, os registros de atividades comerciais no bairro vêm dos anos 1940. “Entre as décadas de 1940 e 1960, já havia registro de atividades comerciais no bairro, como as chamadas bodegas, onde se comercializavam secos e molhados, víveres e outros produtos indispensáveis às necessidades domésticas, além da feira livre, realizada às quartas-feiras”, destaca.

A localização da feira tam-

bém sofreu mudanças, por conta da construção do Centro Administrativo do Estado no local onde ela funcionava originalmente. Segundo a historiadora, a antiga feira de Jaguaribe era montada em um grande terreno baldio, localizado em frente à parte lateral da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. “Tomava todo o espaço existente, da lateral da antiga Escola de Aprendizes Artífices em diante, para o lado direito, tomando-se como ponto de referência aquele grande templo católico”, acrescenta.

Amizades se formam e se mantêm entre tendas de frutas e verduras

Na dissertação, Juliana enfatiza a noção de pertencimento como resultado das relações entre as pessoas e suas memórias sobre o lugar. Quer dizer, para entender as mudanças de um determinado espaço, é importante perceber as memórias de seus moradores, para compreender os interesses envolvidos nas mudanças por que ele passa.

“O lugar, portanto, seria o espaço que nos desperta a emoção, em que nos aproximamos de uma noção de pertencimento, de enraizamento. O lugar seria, assim, o espaço que evoca a nossa memória, os nossos sentidos e sentimentos, sendo interpretado como um espaço diferenciado, o qual nós dotamos de valor”, diz ela.

Esse sentimento de pertencimento é compartilhado por Aline Manfrin, servidora pública aposentada que preza pelos baixos preços e pelos encontros com amigas em suas idas à feira. “Para mim, é uma tradição. Eu tenho que vir à quarta-feira, é de praxe. Quando alguém olha para mim e diz ‘não vai para a feira hoje, não’, eu já fico brava. Vou porque ela faz parte da



Ana e Aline são amigas que se encontram há 20 anos

minha vida”, ressalta. Para ela, comprar na feira não é só uma questão de consumo, mas de afeto, porque sua frequência resulta em amizades com os feirantes. Além disso, a feira também é um espaço de convivência e encontros — inclusive, registrados durante a nossa reportagem.

Aline contou, durante a entrevista, que iria se encontrar com a amiga Aninha, que faz parte da vida dela há 20 anos. “Há quatro anos que a gente não se encontrava. A feira faz parte da minha vida e da vida de muitas amigas”, diz. No caso, o ponto de encontro entre Aline e sua amiga foi a tenda que vende tapioca, bolos e café, ponto tradicional para os frequentado-

res, ao terminarem as suas compras.

“Comendo uma tapiocinha, tomando um cafezinho, encontrando os amigos... Todo mundo se encontra nessa tapiocaria”, revela a jornalista Ana Neves, a Aninha, amiga de Aline. Para ela, a qualidade e o preço dos produtos chamam a sua atenção, assim como a possibilidade de encontros como aqueles. “Eu costumava vir mais tarde, para pegar a famosa ‘xepa’, quando tudo fica bem mais barato. Mas hoje não posso mais, porque minha mãe está doente, então preciso vir mais cedo. Toda quarta-feira, eu tenho que vir, porque meu neto é louco por amendoim, e aqui eu encontro um amendoim bom, de qualidade”, diz.

Feira Móvel do Produtor realiza encontros em vários bairros de JP

A Secretaria de Desenvolvimento e Controle Urbano (Sedurb) desenvolve o projeto Feira Móvel do Produtor (FMP), inspirada nessa perspectiva das feiras livres, por reunir uma diversidade de produtos. Mensalmente, a Sedurb publica o cronograma dos pontos onde será realizada a FMP. Neste mês, ela será realizada nos bairros de Castelo Branco, Estados, Bessa, Jaguaribe e Centro.

Realizado desde 2021, o projeto começou como uma alternativa aos produtores e microempreendedores da cidade durante o período de pandemia da Covid-19, sendo realizada em diversos pontos da cidade. “A gente tem de artesanato a agricultura, passando por plantas or-



Eliane expõe nas feiras de Jaguaribe e Busto de Tamandaré

namentais e gastronomia. Levamos tudo isso para diversos pontos de João Pessoa. Tem muita gente que tira o seu sustento dessa feira”, conta Jaciara Medeiros, coordenadora do projeto.

Segundo a artesã Eliane Ferreira, que trabalha na Feira de Jaguaribe e

no Busto de Tamandaré, o projeto é uma oportunidade para ter uma renda extra. Ela ressalta a diversidade encontrada nas feiras. “É um lugar diferente, do qual o público gosta. Um local onde as pessoas têm variedade, pode escolher do jeito que quer”, observa.

Programação de Julho

Feira Móvel do Produtor

- Dias 2, 9, 16, 23 e 30 – das 10h às 19h – UFPB, Praça da Identidade (Castelo Branco)
- Dias 2, 9, 16, 23 e 30 – das 15h às 20h – Vila Olímpica Paraíba (Bairro dos Estados)
- Dias 2, 9, 16, 23 e 30 – das 15h às 20h – Parque Parahyba I (Bessa)
- Dias 4, 11, 18 e 25 – das 10h às 19h – Parque Parahyba II (Bessa)
- Dias 3, 10, 17, 24 e 31 – das 10h às 19h – Feira de Jaguaribe (Jaguaribe)
- Dias 3, 4 e 5 – das 9h às 16h – Ponto de Cem Réis (Centro)

TERAPIA EM DIA

Saúde mental além dos estigmas

Processo promove o autoconhecimento e auxilia a pessoa a lidar com problemas e exigências do cotidiano

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Os avanços têm sido significativos na busca pela compreensão de si mesmo e do próprio entorno, mas ainda há estigmas quando se fala em cuidar da saúde mental. Muitas pessoas, independentemente de idade, gênero ou condição social, hesitam em procurar ajuda profissional, por medo de serem julgadas como fracas ou incapazes de lidar com os próprios problemas.

De acordo com pesquisa realizada pelo Panorama da Saúde Mental, ferramenta desenvolvida em 2023 pelo Instituto Cactus, em parceria com a AtlasIntel, 68% dos entrevistados afirmaram se sentir nervosos, ansiosos, tensos e com dificuldade de relaxar em determinadas situações, o que gera sofrimento mental — caso em que a escuta qualificada poderia ajudar. No entanto, a maioria dos brasileiros (55,8%) diz nunca

ter procurado um profissional de saúde para lidar com esse transtorno. O percentual é ainda maior quando falamos de homens: 65,4%.

Allyson Gabriel, professor de matemática na cidade de Patos, é um exemplo dessa resistência masculina em buscar ajuda na psicoterapia. “Eu sentia um pouco de preconceito, pois não entendia como alguém mais jovem do que eu poderia me aconselhar”, conta. Depois de enfrentar um período difícil, ele diz que agora está em busca de um profissional. “Tive sérios problemas no trabalho e estou vivendo as consequências das escolhas que fiz, nos últimos anos. Quero tratar isso, entender por que continuo repetindo padrões e de onde vem a angústia que estou sentindo no momento”, acrescenta.

Já o estudante Vinícius Dantas, pesquisador e mestrando pela Universidade Federal de Pernambuco, não teve resistência em começar

um tratamento, por já saber como funcionava. Mas precisou mudar de terapeuta, até encontrar alguém com quem se identificasse. “A minha atual psicóloga é alguém com quem me sinto à vontade, desde a primeira sessão. Estou há mais de seis anos com ela”, diz. Segundo ele, isso é primordial para se abrir. “Depois de um tempo, a gente descobre coisas que não estava tão disposto a conversar, mas precisa se permitir. É importante manter a cabeça aberta”.

■ Panorama da Saúde Mental mostra que 68% das pessoas se sentem ansiosas, tensas e com dificuldade de relaxar



Vinícius Dantas faz terapia há seis anos e diz que é importante manter a cabeça aberta

Foto: Vinícius Dantas / Arquivo pessoal

Admitir a necessidade de ajuda não é sinal de fraqueza

Historicamente, a terapia foi vista como um recurso exclusivo para aqueles considerados “loucos” ou “problemáticos”, uma visão simplista e prejudicial, que desconsidera a complexidade da experiência humana. A influência de normas culturais e sociais desempenha um papel crucial no reforço desses preconceitos. Em muitas comunidades, especialmente naquelas onde a resiliência é exaltada e a vulnerabilidade é vista como uma fraqueza, admitir a necessidade de ajuda pode ser particularmente difícil.

Na terapia, a pessoa atendida explora emoções, traumas e desafios cotidianos, sempre com a orientação de um pro-

fissional preparado para tal. “Esse processo tem um importante papel nos cuidados com a saúde mental, sendo um espaço livre de julgamentos, no qual a pessoa entra em contato consigo mesma, para entender melhor os próprios sentimentos, as dinâmicas das suas relações e o lugar que vem ocupando nelas”, disse Carla Amaral, psicóloga vinculada à Pagu, plataforma de psicologia e psiquiatria 100% on-line e voltada para mulheres.

Conforme a psicóloga, reconhecer a importância da saúde mental e a necessidade de suporte emocional por meio da terapia é um passo fundamental para promover uma sociedade mais saudável e com-

passiva. “A partir da terapia, abrem-se espaços para explorar e (re)construir o próprio modo de ser e estar no mundo, um existir mais autêntico e em maior conexão consigo”, argumenta.

Para quem é

Mesmo sendo uma ferramenta poderosa, que ajuda a pessoa a lidar com diversos problemas e exigências do cotidiano, não é todo mundo que necessita de atendimento qualificado. Segundo Carla, muita gente pode se beneficiar, mas nem todo mundo está em sofrimento mental.

Para a psicóloga, não é possível dizer que tudo se resolve com terapia, pois seria indi-

vidualizar problemas coletivos. “Há questões que, na verdade, estão batendo em todo mundo. Se a gente não altera o meio, acaba colocando, nas costas do sujeito, a responsabilidade de tratar essas questões de forma individual”, observa.

De acordo com ela, entre as situações que demandam terapia, três se destacam: quando os acontecimentos do passado repercutem de maneira negativa e recorrente na atualidade; quando as questões emocionais não são identificadas ou nomeadas; e quando a pessoa quer entender ou repensar a forma como tem se colocado nas relações ou como é afetada por elas. “Mas nem todo mundo está disposto a fazer esse processo, pois ele é árduo e envolve muita vontade e abertura”, acrescenta.

Ela também salientou a importância de se procurar um profissional e uma abordagem com a qual a pessoa se sinta à vontade. Psicanálise, Terapia Cognitivo-Comportamental, fenomenologia existencial, Gestalt e análise do comportamento são algumas das abordagens possíveis. Carla, por exemplo, trabalha com a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

Políticas públicas devem ser ampliadas

Para tratar a questão da saúde mental, no entanto, é necessário ir além de pensar a oferta e o acesso à psicoterapia. “É importante tratarmos desse tema a partir de um olhar ampliado sobre o que impacta nossa saúde mental. A expansão da oferta de serviços de saúde mental precisa estar articulada e ser pensada em rede, com outros espaços e políticas públicas que são fundamentais para a saúde mental e o bem-estar, como moradia e renda, cidades acessíveis, trabalho e políticas que atendam as demandas específicas de recortes populacionais, entre outros, já que esses são fatores que atravessam fortemente a vida das pessoas e têm um efeito

profundo na saúde mental, de forma geral”, conclui Carla Amaral.

Social

Além dos problemas pessoais, na carreira ou no relacionamento, há fatores externos que abalam as pessoas e podem levá-las ao sofrimento mental



Foto: Carla Amaral / Arquivo pessoal

Psicóloga salienta importância de se procurar um profissional que deixe a pessoa à vontade

“

A partir da terapia, abrem-se espaços para explorar e (re) construir o próprio modo de ser e estar no mundo, um existir mais autêntico

Carla Amaral

Atendimentos Sociais

Em João Pessoa

- Plantão Psicológico da UFPB (83) 98212-9437 (WhatsApp) / Instagram: @naepsi.ufpb
- Clínica Escola da Uninassau (83) 2107-5962 ou <https://lnq.com/sULj5>
- Clínica Escola da Faculdade Três Marias 0800 083 2656
- Clínica Escola da FPB (83) 3133-2903

Em Campina Grande

- Plantão Psicológico da UFCG (83) 2101-1855 / Instagram: @sepufcg
- Plantão Psicológico da UEPB (83) 3315-3477
- Clínica Escola da Uninassau (83) 2101-8928
- Clínica Escola da Facisa (83) 2101-8840

CULTURA MACHISTA

Quando a iniciação sexual vira abuso

Ao induzi-los ao sexo precoce como uma conquista, familiares expõem garotos menores de idade a traumas

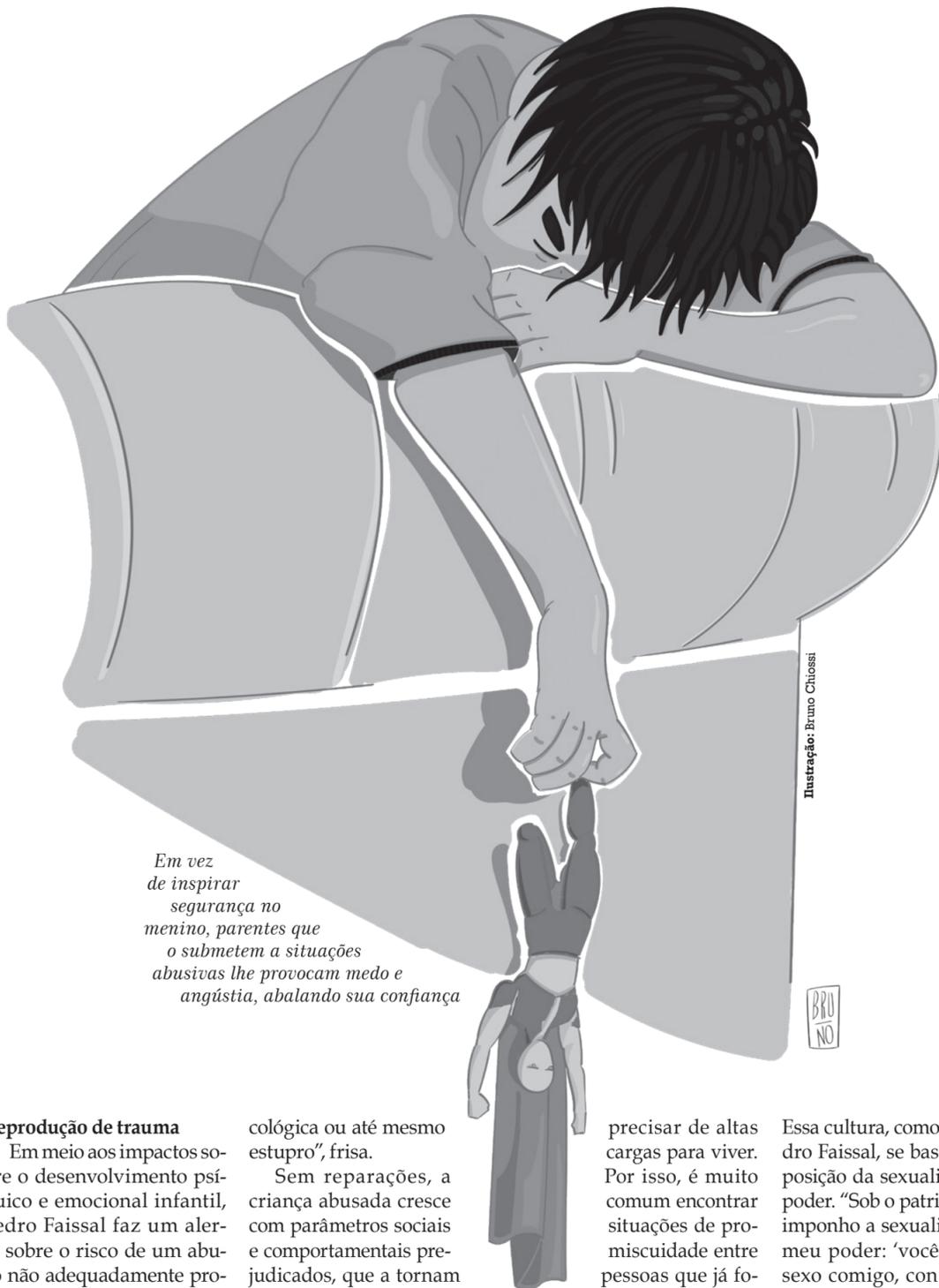
Anderson Lima
 Especial para A União

Em declarações recentes, repercutidas pela mídia nacional, o cantor Zé Felipe e o ator Bruno Gagliasso revelaram ter perdido sua virgindade — aos 12 e 13 anos, respectivamente —, com garotas de programa. A situação, juridicamente interpretada como estupro de vulnerável, é culturalmente naturalizada, entre homens heterossexuais, como uma maneira de se afirmar prematuramente sua masculinidade.

Mas a prática desse ato pode trazer reflexos negativos para a saúde mental dos jovens. O psicólogo Pedro Faissal destaca que, quando uma criança é exposta muito cedo à sexualidade, tende a se tornar hipersexualizada na vida adulta.

“O nível de erotização de um menino exposto ao sexo antes do tempo é muito grande e, na vida adulta, isso aumenta. Quando um adulto condiciona ao sexo um menino que ainda não tem um desenvolvimento psicossocial, ele não entende a carga emocional que aquilo desperta no seu corpo, mas a suporta. Então, internamente, sempre vai haver um lugar infantil, pouco desenvolvido do ponto de vista emocional, mas, do ponto de vista sexual, vai ser hipersexualizado — e esse é o ponto do abuso”, analisa o especialista.

Agravando o cenário, segundo Pedro, esse tipo de abuso é incentivado ou praticado, em sua maioria, por familiares, fato que desencadeia uma confusão ainda maior na mente da criança. “Então, o seu local de proteção e cuidado passa a ser de medo e angústia. O menino perde o vínculo e a conexão com a humanidade, em termos de confiança. A nossa família é a base da conexão com um lugar seguro no mundo”, define o psicólogo.



Em vez de inspirar segurança no menino, parentes que o submetem a situações abusivas lhe provocam medo e angústia, abalando sua confiança

Ilustração: Bruno Chiossi

BRUNO



Foto: Arquivo pessoal

Uma criança que não teve seu abuso investigado tende a sofrer e repetir, na vida adulta, situações abusivas — de violência física, psicológica ou estupro

Pedro Faissal

Reprodução de trauma

Em meio aos impactos sobre o desenvolvimento psíquico e emocional infantil, Pedro Faissal faz um alerta sobre o risco de um abuso não adequadamente processado: sua propensão a ser reproduzido na maturidade, mesmo que não necessariamente da maneira como aconteceu. “Uma criança que não teve seu abuso investigado e acolhido tem a tendência a sofrer e repetir, na vida adulta, situações abusivas, tanto de violência física, psi-

cológica ou até mesmo estupro”, frisa.

Sem reparações, a criança abusada cresce com parâmetros sociais e comportamentais prejudicados, que a tornam mais suscetível a contextos e relações abusivas. “Normalmente, quando isso acontece, a pessoa, quando cresce, vive em meios desse tipo, porque é o que ela reconhece. O seu cérebro emite cargas de excitação muito grandes, buscando uma autorregulação, fato que gera um vício em sempre

precisar de altas cargas para viver. Por isso, é muito comum encontrar situações de promiscuidade entre pessoas que já foram abusadas”, explica o psicólogo.

Problema cultural

A cultura patriarcal, enraizada em muitas famílias, perpetua costumes machistas e expõe seus filhos a situações traumáticas, criando um ciclo vicioso de abuso.

Essa cultura, como avalia Pedro Faissal, se baseia na imposição da sexualidade pelo poder. “Sob o patriarcado, eu imponho a sexualidade pelo meu poder: ‘você vai fazer sexo comigo, consequentemente, você deve me servir’”, ilustra. Nessa lógica, os meninos são criados para serem controladores, competitivos e obcecados por jogos de poder, deixando-os mais propensos a se tornarem, eles mesmos, abusadores.

Ese, por um lado, o trauma de um abuso sofrido é, muitas

vezes, ocultado entre os homens, sendo visto como sinal de fraqueza e motivo de vergonha, a falta de acolhimento e o julgamento aos quais um menino pode ser submetido, ao se negar a fazer sexo, costuma gerar situações de escárnio e humilhação, caracterizando-o como “frouxo”. De acordo com o psicólogo, nessas circunstâncias, muitos se sentem na impossibilidade de recusar o sexo, como se o ato fosse uma “obrigação cultural” — o que, por si só, já configura um abuso.

DPE-PB e delegacia especializada apoiam vítimas

Dados do Núcleo Especial de Proteção à Infância e à Juventude (Nepij), da Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB), apontam que, das 327 vítimas de violência e abuso sexual que passaram pela escuta especializada do órgão, em 2023, 33,7% são meninos. Ratificando o que afirma Pedro Faissal, José Gerardo Rodrigues Júnior, Defensor Público e coordenador do Nepij, ressalta não ser raro que pais, tios ou primos estimulem uma iniciação sexual precoce em garotos: “Trata-se de uma atitude não recomendável e, por vezes, criminosas”.

A escuta especializada, procedimento de entrevista sobre a situação de violência que uma criança ou adolescente possa enfrentar ou ter enfrentado, é realizada com psicólogos especializados na área, a fim de evitar a revitimização do entrevistado, a violência institucional e a violência secundária.

Apesar de não oferecer acompanhamento psicológi-

co às vítimas, o Nepij as direciona a serviços desse tipo. “Nós conseguimos fazer encaminhamentos, por meio de convênios com universidades, para que elas possam receber esse acompanhamento de forma gratuita, especialmente para aquelas que não têm condições financeiras”, pontua José Gerardo.

O que diz a lei

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece, em seu Artigo 241, que “aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso”, é crime, com pena de reclusão de um a três anos, além de multa.

Já o Código Penal Brasileiro, conforme seu Artigo 217, pune, com reclusão de oito a 15 anos, a conjunção carnal ou prática de ato libidinoso com menor de 14 anos (idade de consentimento legal no país), caracterizada como estupro de vulne-

rável. O Artigo 218 também determina pena de reclusão, de quatro a 10 anos, àquele que submeter, induzir ou atrair, a prostituição ou outra forma de exploração sexual, um menor de idade.

Na capital

Em João Pessoa, no ano passado, foram registrados oito casos de estupro de vulnerável contra meninos (com idades entre sete e 16 anos), dois a mais do que o total de ocorrências em 2022. Em 2024, já foram contabilizados sete casos, envolvendo garotos com idades entre três e nove anos.

A delegada adjunta da Delegacia de Repressão aos Crimes contra a Infância e Juventude, Isabel Bezerra Costa, salienta que a maioria desses crimes é cometida por proximidade — ou seja, parentes ou amigos —, e que, apesar do aumento no índice deste ano, é possível haver subnotificação de ocorrências, dado que persiste o tabu sobre o tema. Grande

parte das denúncias é feita, normalmente, tempos após o ocorrido.

“O que ocorre é que, quando essas crianças e adolescentes chegam na delegacia, já tem passado um longo período desde a prática dos atos. Geralmente, já se passaram três, quatro, cinco meses ou anos; às vezes, um período ainda maior. Inclusive, a gente já se deparou com situações em que, quando a vítima revelou [o crime], já se tratava de um caso em que o crime estava prescrito”, relata Isabel.

De acordo com a delegada, é importante que os pais conversem com seus filhos sobre abuso e sexualidade. “É preciso abordar a questão sexual, a violência, as partes do corpo que podem ou não ser tocadas. A partir daí, a criança que possui esse conhecimento diminui o risco de passar por algum abuso. E, caso ela passe, saberá comunicar. Também é preciso estar atento aos sinais: uma criança que antes brincava,

mas está quieta, com atos sexualizados; caso os pais não consigam extrair nada dela, é importante contactar um psicólogo”, orienta.

Na Paraíba, o jovem que sofreu abuso ou negligência sexual pode buscar ajuda na Delegacia de Repressão aos Crimes Contra a Infância e Juventude, situada na Rua João Amorim, 233, no Centro da capital, ou por meio do número (83) 3214-3255. A unidade funciona de segunda-feira a sábado, das 8h até 18h.

■ João Pessoa já registrou, em 2024, sete casos de estupro de vulnerável, envolvendo vítimas de três a nove anos



Foto: Orlydo Estêvão

É preciso abordar a questão sexual, as partes do corpo que podem ou não ser tocadas. A partir daí, se diminui o risco de a criança passar por algum abuso

Isabel Costa

CAMINHOS DO FRIO

Festival aquece as ruas de Pilões

Município promove atrativos turísticos, em meio a programação que une cultura, esporte e gastronomia

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

Conhecida por sediar a primeira fábrica de cocada artesanal do Brasil, suas belas cachoeiras e seu pioneirismo no cultivo de flores em estufa na Paraíba, a cidade de Pilões, localizada no Brejo do estado, recebe a Rota Cultural Caminhos do Frio 2024, de amanhã até o próximo domingo (14).

A solenidade de abertura começa às 19h30, e a atração principal da noite será o espetáculo "Romeu e Julieta", inspirado no cordel do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna. A produção é protagonizada pelo ator Aramis Trindade, que fez parte do elenco da peça teatral "O Auto da Compadecida", famosa obra de Ariano adaptada para o cinema.

O autor paraibano, a propósito, é o grande homenageado da edição deste ano do Caminhos do Frio, cujo tema se inspira no Movimento Armorial — iniciativa idealizada por Ariano, com a proposta de valorizar a cultura popular do Nordeste. A própria rota cultural vem nutrindo o mesmo propósito, tanto que, no ano passado, trouxe, entre suas atrações, o poeta e

cordelista Bráulio Bessa.

Para o presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano e secretário de Cultura e Turismo de Pilões, Jaime Souza, o Caminhos do Frio quebra paradigmas, pois é uma oportunidade de educar e entreter a população por meio da cultura popular, incluindo a tradicional literatura de cordel. "A maioria das pessoas não conhecia Bráulio Bessa, mas ficou encantada com sua história, carisma e forma genuína de fazer poesia", ressalta Jaime.

Outro destaque da abertura do festival é a exposição de arte *naïf*, do artista plástico Clóvis Júnior, no Museu de Arqueologia. A obra de Clóvis também se vincula à cultura popular, retratando o lugar onde ele nasceu e suas tradições, assim como o Movimento Armorial. O artista, natural de Guarabira, se diz honrado em expor seu trabalho em Pilões: "É uma região que traz muitos elementos que fazem parte das minhas obras, no que se refere à vida, ao cotidiano e às paisagens naturais, que transmitem a tranquilidade e grandiosidade de seu povo. No Brejo paraibano, encontrei elementos religiosos muito fortes, históricos, artísticos e culturais

que se assemelham à minha cidade natal".

De acordo com a Prefeita de Pilões, Socorro Brilhante, a organização da rota cultural estima receber, durante a programação na cidade, mais de 40 mil pessoas. "A ocupação hoteleira vem sendo ampliada desde o ano passado. No São João, as pousadas fi-

caram lotadas e já estão comprometidas para o Caminhos do Frio", revela Socorro.

Atrativos diversos

Em meio às atrações do Caminhos do Frio, o público visitante ainda poderá conferir o roteiro Pilões Rota Criativa, que inclui o Memorial Casa de Farinha, o primei-

ro museu arqueológico da Paraíba, a produção local de flores em estufa e a nacionalmente pioneira fábrica de cocada artesanal do município, encerrando o passeio com um café cultural e o pôr do sol no Targino's Sítio.

Além disso, a passagem pela cidade é uma oportunidade de conhecer seus de-

mais atrativos turísticos, a exemplo das cachoeiras Ouricuri e da Manga, que recebem centenas de visitantes semanalmente. Outro ponto forte de Pilões é o turismo de aventura, com destaque para a Pedra do Cruzeiro, na Serra do Espinho, onde é possível praticar o maior rapel da Paraíba, com 200 m de altura.



Durante o evento na cidade, a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus abrirá suas portas para o Concerto Sinfônico

Foto: Miguel Oliveira

Visitantes poderão escalar pedras, provar flores e fazer arte



Pilões é conhecida pela produção de flores em estufa e pelo maior rapel da Paraíba

Na terça-feira (9), o destaque da programação em Pilões será o desfile de moda Mulheres da Pedra, às 20h30, com uma associação local de artesãs que passará a receber turistas em sua sede. Já na quarta-feira (10), o evento se volta ao Festival Gastronômico do Brejo Paraibano e à Rota das Flores. Às 8h, será promovida uma oficina de gastronomia, no Memorial Casa de Farinha, além de uma oficina de modelagem em argila, seguida por uma experiência gastronômica, na Churrascaria Beira Rio, às 12h30.

À tarde, às 14h, está prevista uma visita técnica à Casa da Cocada, considerada a primeira fábrica de cocada artesanal do país, na Vila Pau D'Arco. Em meio ao sucesso como atração turística, o estabelecimento precisou ter sua estrutura e mão de obra ampliadas para dar conta da alta demanda. "Ele produz cocadas nos sabores amendoim, coco, macacujá, castanha e goiaba. E, depois da divulgação, aumentou a produção em 50%, tanto que seus produtos circulam por vários estados do Nordeste", relata Jaime Souza, secretário de Cultura e Turismo do município.

Ainda na quarta, às 15h, a cooperativa de floricultores apresenta ao público sua produção de flores comestíveis. Haverá também, às 19h, no Museu de Arqueologia de Pilões, uma aula-espetáculo de gastronomia, ministrada por um *chef* do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

Da tirolesa à xilogravura

A partir de quinta-feira (11), o destaque vai para a primeira edição do Encontro Paraibano de Turismo de Aventura, realizado por uma parceria entre a prefeitura municipal e os proprietários da parte superior da Pedra do Cruzeiro, conforme explica Jaime: "Na programação, vai ter várias oficinas, incluindo técnicas de segurança em ancoragem para esportes, escalada *top-rop*e primeiros socorros, além da contemplação do pôr do sol e de luau na Pedra do Cruzeiro". No sábado (13) e no domingo (14), serão oferecidas, durante o dia, atividades ao ar livre, como rapel, trilha e tirolesa.

Os interessados em arte e cultura popular também terão dias cheios: às 8h e às 14h da quinta-feira, por exemplo, serão ministradas oficinas de xilogravura, no Museu de Arqueologia, e, às 19h, a Praça João Pessoa sediará o Festival de Cordel, seguido por uma apresentação de Marcus e Banda, às 21h. Já às 8h da sexta-feira, o mesmo museu será palco de contação de histórias para as crianças, além de uma oficina de bonecos de Babau e musicalização de poesia, apresentada por Felipe Pajau e Guto Ferreira.

Agenda musical

Uma das novidades do Caminhos do Frio 2024 é a Rota das Igrejas Criativas, que visa transformar igrejas do Brejo em palco para apresentações de música

e cultura popular. Assim, no sábado, a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, em Pilões, recebe, às 19h, o Concerto Sinfônico.

Entre outras atrações musicais da programação na cidade, se apresentam, no domingo, o grupo Pagode Nação PB, às 17h, e Os 3 do Xamego, às 19h. O encerramento do festival fica por conta do cantor e compositor Flávio José, às 21h30. Todos os shows ocorrem na Praça João Pessoa.

Shows

Entre as atrações musicais do evento, estão o cantor e compositor Flávio José, o grupo Pagode Nação PB e Os 3 do Xamego, que se apresentam na Praça João Pessoa

A Rota Cultural Caminhos do Frio passará, ainda, por Matinhas (15 a 21 de julho), Solânea (22 a 28 de julho), Serraria (29 de julho a 4 de agosto), Borborema (5 a 11 de agosto), Remígio (12 a 18 de agosto), Bananeiras (19 a 25 de agosto), Alagoa Grande (26 de agosto a 1º de setembro) e Alagoa Nova (2 a 8 de setembro).

TRAJETÓRIA

Pedro Osmar, em carne e música

Lenda viva da cultura paraibana, que completou 70 anos, reflete sobre sua carreira

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“Como eu consigo falar com Pedro Osmar?”. Essa foi a pergunta feita mais vezes, nos últimos dias, pela reportagem de **A União**, para uma matéria sobre seus 70 anos de vida, completados dia 29, e os 50 anos de seu projeto artístico mais importante – o grupo Jaguaribe Carne, influência perpétua para a cena musical pessoense, do qual ele participou como vocalista, instrumentista e compositor.

Por telefone, sem resposta. O motivo foi descoberto depois: o músico esquece o celular no modo silencioso e nem sempre visualiza as ligações. O jornalista Jamarri Nogueira, da assessoria de comunicação da Funesc, foi quem ajudou a localizá-lo no Espaço Cultural, onde ele trabalha no setor de Pesquisa Musical, catalogando documentos históricos de nossa cultura. “Estou com ele aqui, na minha frente. Pode ligar agora, que ele promete atender”, disse. “Onde você está agora, Pedro Osmar?”, perguntamos logo após o alô. “Em casa”, ele respondeu.

Por “casa”, pode-se entender o Espaço Cultural, que não é apenas seu local de trabalho, mas também foi palco de muitas apresentações do duo Jaguaribe Carne, criado com seu irmão, Paulo Ró, no ano de 1974. Quando não está na Funesc, ele está em sua residência, em Jaguaribe, bairro da capital onde fincou raízes. “Hoje moro numa outra casa, mas no mesmo lugar onde vivi minha infância, a Rua Professor Renato Carneiro da Cunha”, disse Paulo.

A paixão pela música surgiu naquela morada, por meio

do rádio, única fonte de acesso a algumas de suas canções prediletas: Martinho da Vila e os irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle foram algumas das inspirações de Paulo na infância e na adolescência. As primeiras lições de violão foram aprendidas por ele na Escola Estadual de Música Anthenor Navarro (Eeman), na época, no Varadouro, antes que ela fosse transferida para o Espaço Cultural, nos anos 1980; seus professores na época eram Vital Farias, também compositor, e Maria Lins.

“É a carne cultural”

Apesar de estar consolidado hoje como um dos artistas mais relevantes da cena independente paraibana, na juventude, ele não tinha pretensão de seguir carreira profissional na música. Tudo mudou no início dos anos 1970. Um dia, chegando em casa, ele ouve um som de violão vindo do quarto onde dormia. Era Paulo, seu irmão, que dedilhava uma canção. “Por que você nunca me disse que tocava?”, eu perguntei. Ele me respondeu que ‘arranhava’ algumas coisas, mas só por brincadeira. E naquele dia eu propus: que tal se a gente se juntasse, para fazer música?”, relembra Paulo.

Esse foi o começo do Jaguaribe Carne, mítico grupo pessoense de música experimental que reuniu, em formações diversas, além dos irmãos Pedro e Paulo, artistas paraibanos em começo de carreira, que viriam a ganhar destaque dentro e fora de nosso estado nas décadas seguintes, como Chico César, Ecurinho, Totonho e Paulo Negão. O nome remetia ao movimento antropofágico do modernismo brasileiro. “Essa carne

é a carne cultural. Eu também me encantei muito pela música contemporânea que outros independentes faziam naquela época e pelo poema processo”, enumera o artista, citando, por último, um movimento de vanguarda em voga a partir do fim dos anos 1960.

O grupo se apresentava em circuitos populares de música, junto a escolas, universidades, sindicatos de trabalhadores e associação de moradores.

O período de efervescência musical e social do Jaguaribe coincidia com o momento político do Brasil àquela altura, ainda sob a égide do regime militar. “Quando os movimentos se reuniam para protestar, a gente estava junto. E algumas de nossas canções viraram hinos, como ‘Lá vem a barca’ e ‘Boi cavalo de tróia’, esta última, Elba gravou”, detalha o pessoense.

“Não valho tudo isso”

O Jaguaribe Carne foi a gênese do movimento Musiclube da Paraíba, coletivo criado no fim da década 1970 e que trazia, além dos membros do Jaguaribe, outros grandes artistas de nossa terra, como Cátia de França, Adeildo Vieira e Milton Dornellas. Na época, Pedro tocava na banda de Zé Ramalho e decidiu largar seu posto para voltar a João Pessoa e trabalhar em prol da música de sua terra natal. “Todo esse pessoal já tinha música no sangue, cantando, tocando e compondo. Quando se encontraram comigo e com Paulo, a nossa criatividade deslanchou”, explica.

Foi a partir do selo Musi-

Pedro Osmar comemora também os 50 anos do Jaguaribe Carne

Foto: Leonardo Ariel



Em 1980, com o irmão Paulo Ró (acima); em 1983, com Bráulio Tavares, Flavio Eduardo, Paulo Machado e Jarbas Mariz (abaixo)



Em 1992, com Chico César (acima), e em 2001, fazendo o que faz melhor (ao lado): uma vida de música e encontros



clubes que Pedro e Paulo conseguiram gravar seu primeiro disco, de maneira independente: *Jaguaribe Carne Instrumental*, lançado em vinil, em 1993. Raro, hoje, o LP é comercializado por pequenas fortunas: no Discogs, site catalográfico de álbuns musicais, a cópia disponível está à venda por R\$ 1.400. “Não valho tudo isso. Na época, nós cobrávamos apenas R\$ 10 por cada LP. Por R\$ 1.400 eu jamais compraria”, brincou Pedro.

O artista diz que acompanha a nova geração que compõe, atualmente, o cenário musical da Paraíba e assevera que os artistas estão “botando para quebrar”. Ele ainda atesta que a situação deles hoje junto aos palcos é muito melhor do que era quando ele começou, nos anos 1970.

“Principalmente na divulgação. Eles tocam muito por aí, pelo estado todo. Os filhos e os netos de muitos colegas estão nessa lida, e eu estou gostando muito do que eles estão fazendo”, alegou.

Futuro

“Eu quero tirar uma foto ali, junto daquele cocar” disse Pedro ao fotógrafo Leonardo Ariel, apontando um dos adornos do carnaval tradição de João Pessoa pendurados no teto do Espaço Cultural.

“Eu adoro isso aqui, mas não saio no carnaval por ser muito tímido”, nos confidenciou. Sua timidez também quase impediu que ele nos contasse sobre seu novo projeto. “Estou produzindo meu novo disco. Vai se chamar *Isabel – Sete Cirandas e Um Apito*. Não tem previsão de lançamento, mas até dezembro ele deve pintar por aí”, finalizou Pedro Osmar.



Foto: Reprodução

Eu defino ele como um furacão que sai arrebatando um exército de pessoas do bem para formar uma guerrilha cultural

Paulo Ró



Foto: Divulgação/Áurea

Pensar em Pedro é como pensar em um manancial, uma onda que afetou todo mundo e que gerou muitos frutos

Titã Moura



Foto: Divulgação/Altair

Ele foi a espoleta de um movimento que provocou a cidade politicamente e compôs uma geração de músicos que sabe onde pisa

Adeildo Vieira

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Considerações sobre o problema do mal

O meu texto da semana passada sobre o problema do mal gerou algumas críticas dos leitores. Um argumento recorrente é o de que o mal é o resultado da má conduta humana e de Satanás. Deus teria nos legado o livre-arbítrio, portanto, somos nós que escolhemos agir com bondade ou maldade.

Penso que a existência objetiva do mal, dentro das condições de possibilidade do mundo, é uma questão anterior a Satanás, ao livre-arbítrio e à queda do homem. O argumento do livre-arbítrio é frágil, pois leva a contradições com atributos divinos como a onisciência e a onipotência. Se Deus é capaz de saber o futuro, a nossa capacidade de escolha é uma ilusão.

Deus também não poderia criar um mundo onde existissem o mal e o livre-arbítrio ao mesmo tempo, sem que isso implicasse uma impossibilidade lógica. Esse é um debate que perpassa a tradição cristã e que foi enfrentado de várias maneiras.

Os gnósticos, no século 2, acreditavam que o mundo teria sido

criado por um Deus mau. O planeta Terra seria uma espécie de prisão material, que estamos confinados, mas que poderíamos nos libertar.

Antes

Penso que a existência objetiva do mal, dentro das condições de possibilidade do mundo, é uma questão anterior a Satanás, ao livre-arbítrio e à queda do homem

Para os gnósticos existiria também um Deus bom que cuida do mundo espiritual e que foi o responsável por nossa centelha de vida. Essa

dualidade é uma forma de explicar as misérias do mundo, salvaguardando a ideia de um Deus bom. O que não resolve o problema do mal como um elemento estruturante do mundo.

Outra coisa para pensarmos é que a onipotência de Deus não escaparia das leis da lógica. Ele não poderia criar algo simultaneamente contraditório como, por exemplo, um quadrado redondo. Além disso, trata-se de um erro muito comum afirmar que Deus causou a própria causalidade. Essa é uma ideia que remonta a Aristóteles.

Já pensou como um ser pode causar a si mesmo? A causalidade é a “lei de regularidade das modificações dos estados das coisas”. Ela, portanto, é a “condição de possibilidade da realização de um estado, a partir de estados anteriores”. O que pressupõe o tempo. Tudo o que existe está sujeito ao tempo e à causalidade. Um que Deus existisse fora do tempo não poderia criar nada, na medida em que a causalidade fora do tempo não é possível.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Dialética negativa e crítica

Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969) foi um filósofo, musicólogo, compositor e sociólogo alemão. Em sua obra *Dialética Negativa* (1966), influenciada pela Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, ele versa a libertação da alienação da consciência por meio da dialética como uma maneira de confrontar as forças opressivas da sociedade e do Estado. Para Adorno, encarar esse mal-estar significa despertar para a realidade da própria existência e reconhecer que tal realidade surge de um contexto prévio que a influenciou, havendo um processo histórico implícito à formulação de políticas e a todas as atividades humanas. Escapar desse ciclo cruel é liberar-se da própria alienação, o que requer a negação das premissas estabelecidas para questionar a própria identidade, caracterizando assim a essência da “dialética negativa” contra a necropolítica, que representa a politização da morte. A dialética adorniana revela modos de pensamento que vão além do que está visível na realidade. O seu senso crítico gera a autonomia do sujeito.

Na obra *Dialética Negativa*, Adorno critica a filosofia que se deixou envolver pelo princípio de dominação, que reduz a liberdade do pensamento a um mero processo de construção conceitual sistemático e generalizador. As capacidades filosóficas, que deveriam representar o pensamento sem restrições, tornam-se meras reafirmações dos padrões impositivos que absorvem tudo o que é discordante em uma realidade estática, na qual o indivíduo é guiado por um instinto de sobrevivência que condiciona toda a sua existência. Uma das teses de Adorno afirma: “O mundo amarrado objetivamente em suas bordas e transformado em uma totalidade não deixa a consciência livre. Ele a fixa incessantemente no pondo de onde ela quer se evadir. [...] O poder do existente erige as fachadas contra as quais se debate a consciência. Essa deve ousar atravessá-las. [...] Lá onde o pensamento se projeta para além daquilo a que, resistindo, ele está ligado, acha-se a sua liberdade. Essa segue o ímpeto expressivo do sujeito. A necessidade de dar voz ao sofrimento é condição de toda verdade. Pois sofrimento é objetividade que pesa sobre o sujeito: aquilo que ele experimenta como seu elemento mais subjetivo, sua expressão, é objetivamente mediado (Adorno, 2009, P. 24).



Foto: Reprodução

Adorno escreveu “Dialética Negativa”

O senso crítico em Adorno surge da necessidade expressiva do sujeito. Dar voz ao sofrimento é essencial para a construção dos próprios conceitos. Para o pensador, a angústia sobrecarrega o sujeito, sendo a dor sua experiência mais íntima e subjetiva, mediada objetivamente. Através do respeito à diversidade, Adorno desenvolve sua ‘dialética negativa’, permitindo que o sujeito fale. Se ele não consegue se expressar devido ao sofrimento, cabe ao pensamento e à dialética dar voz a ele. O pensamento transmite sua voz à alteridade, sem impor sua palavra. Cada forma de tortura carrega sua própria mágoa, pois cada indivíduo carrega sua dignidade afetada. Assim, sofrer é sentir o vazio e a alienação entre o ideal e a realidade. Refletir sobre o sofrimento é sentir a crueldade de cada dor.

A dialética adorniana permite ao sujeito conviver com o diferente em relação ao que é identificado, proporcionando a ele uma experiência existencial de se libertar de uma dominação e da própria alienação por meio da autorreflexão. Esse movimento de se aprofundar internamente, sem negligenciar o ambiente externo, amplia a consciência do senso de pertencimento. Segundo o pensador: “Os elementos identifi-

cativos, como por exemplo os conceitos, as categorias, são vistos como momentos de aproximação. As formas de pensamento vão além daquilo que está presente. A ‘dialética negativa’ revela o não-consciente em um estado consciente. O pensamento irreconciliável é acompanhado pela esperança de reconciliação porque a resistência do pensamento ao meramente ente, a liberdade imperiosa do sujeito, também procura obter do objeto aquilo que se perdeu por meio da sua transformação em objeto” (Adorno, 2009, p. 25).

Finalizo com o poema do poeta, ensaísta e jornalista norte-americano Walt Whitman (1819-1892) de sua obra *Folhas de Relva* (1855), traduzido por Geir Campos (1924-1999), escritor, jornalista e tradutor brasileiro.

Com música forte eu venho / com minhas cornetas e meus tambores: / não toco hinos / só para os vencedores consagrados / toco hinos também / para as pessoas batidas e assassinadas.

// Vocês já ouviram dizer / que ganhar o dia é bom? / pois eu digo que é bom também perder: / batalhas são perdidas / com o mesmo espírito / com que as ganhas.

// Eu rufo tambores pelos mortos / e sopro nas minhas embocaduras / o que de mais alto e mais jubiloso / posso por eles.

// Vivos àqueles que levaram a pior! / E àqueles cujos navios de guerra / afundaram no mar! / e a todos os generais / das estratégias perdidas, / que foram todos heróis!

// E ao sem-número dos heróis desconhecidos, / Equivalentes aos heróis maiores / que se conhecem!

// Aos que falharam, / grandes na aspiração!

Sinta-se convidado à audição do 476º Domingo Sinfônico, deste dia 7, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br ou <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Comentarei as contribuições do violoncelista catalão Pau Casals I Defiló (1876 - 1973) para construção da paz entre as nações, destacando sua representatividade na luta pela democracia contra regimes autoritários. O seu nome está imortalizado em concursos e festivais internacionais de violoncelo.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Diálogos eletrônicos malditos

Entre as muitas curtições que rondam o show análogo de cada um, competitivo ou agressivo, pouca paz, existe aquele que separa de modo binário gente boa, de gente fina, que nunca foi outra coisa.

Pessoas tais de repente mostram que são portadoras de dentes arreganhados de *pitbull* e dizem horrores nas redes sociais, mas só cola quando continua na polêmica, que nunca é nada. O mundo é bôo, Sebastiana.

Para tornar as coisas ainda mais complexas, há histórias preconceituosas por trás dos ataques em que o herói nunca foi aquele que morre por ser último, pois não teve tempo de correr. Isso não existe. O herói é como a donzela, se casou e se mandou.

Na última quinta-feira, o ator Reynaldo Gianecchini fez um desabafo sobre os ataques que ele vem recebendo por estar fazendo o papel de uma drag queen na peça *Priscilla, a Rainha do Deserto* no teatro – ele lembra de quando fez o papel de um psicopata na série da Netflix, *Bom Dia, Verônica*, e ninguém falou nada: “Tudo bem ser um psicopata, um abusador legal, uma drag queen não é”.

É visível, palpável, nas relações com o público nas redes onde se destila todo ódio e preconceito. Nas relações pessoais fazem cobranças absurdas, coisas que afirmavam não admitir. Uma relação boa, seja amorosa ou de “interesses”, não se sustenta, quando na teoria os tiros esbarram na velha culatra. Não tem quem aguente.

No filme *Beijos que Matam*, de Gary Fleder - a gente fica de frente com a natureza humana: um psicólogo forense (Morgan Freeman) viaja em busca de solucionar um problema familiar – um detetive vai em busca de assassino contumaz. Não se mata só com as mãos. No filme se percebe muito bem o que o ser humano é capaz, além da tela. Novidade? Nenhuma.

Por exemplo. Esse relacionamento afetivo com o outro, como às vezes se ostenta os que tem como amigo um fiel *pitbull*, é um exemplo notório da estupidez. Ou não é nada, porque nada mais falta acontecer.

Milhares de acontecimentos entre os seres ou não seres alimentam especulações sobre uma coisa que pouco se preza hoje em dia, o respeito pela vida e trabalho de cada um.

O envolvimento das pessoas com o dinheiro e a polarização com a ganancia, de quem quer saber quanto você ganha, quanto você gasta, quanto você dribla para ganhar mais e ostentar, é bem cruel.

O que expressamos nos agradecimentos é algo sutil e já não tem importância nenhuma, quando o caso for relacionado a quem mais dá, quem é o melhor na foto. Tô fora.

Episódios do ódio se repetem, enquanto a população do Rio Grande Sul está à deriva, sem um apoio maciço do governo, de nenhuma instituição, para salvar quem não tem literalmente mais nada.

Você já imaginou o que é perder sua casa, a intimidade, seus lençóis, roupas, geladeira e alimentos, sua dignidade? Mas não demora muito para que o afeto seja transformado em estupidez, gente roubando de quem mais precisa.

Esse é o ser brasileiro do dia seguinte, o ser humano cercado de acusações e de diversos tipos de assédio moral: a moça do café, o rapaz que limpa os banheiros etc.

O que se percebe é o rompimento unilateral, a teoria que não funciona no dia seguinte, a pessoa que só quer falar, só ela sabe das coisas, uns e outros, todos filhos da puta.

Não, esse texto não é um texto redundante, é o retrato que hoje funciona na parede do Brasil, com conversas vazadas nas redes sociais, diálogos eletrônicos malditos, o dito pelo não dito e, no final, todos acusadores estão juntinhos, dizendo que não fez por mal: mil perdões.

Acontece. Sempre se repete.

Kapetadas

1 - No Brasil, até o caos tem coreografia das escolas, botecos e bacanais.

2 - Pois é, nunca, na História desse país, houve um país.



Foto: Divulgação

Gianecchini está em “Priscilla, a Rainha do Deserto” no teatro

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Areia, cinema, gastronomia e muitas histórias

Julho é um mês que sempre me traz gratas recordações de vida. Sobretudo, de atividades em cinema. Também, de certos lugares que frequentava com amigos, repassando informações sobre a arte de luzes, sombras e muitos sonhos. E nesses tempos juninos de hoje, alguns eventos me fazem rever, de como foram prazerosas minhas idas e vindas à cidade de Areia, no Brejo paraibano, justamente durante os seus primeiros festivais de artes, lá pelos idos iniciais da década de 1980.

Esta semana, um desses eventos foi a abertura da Rota Cultural Caminhos do Frio, com locações dentro e fora do Teatro Minerva. Atividades reunindo música, teatro, “cinema com rapadura”, além de um festival gastronômico, que deverá ser o *bon départ* da grande festa serrana. E aqui, então, entra o outro assunto de hoje, que trago ao conhecimento dos fiéis leitores desta coluna: a gastronomia.

E falando de guloseimas, tema que é um dos pontos altos da Rota Cultural de Areia, menciono de um outro “caminho” igualmente interessante, que sempre faço com minha família nos finais de semana, na busca de um lugar onde o bem-estar existe à toda prova. Além de uma excelente cozinha, bom atendimento e carinhosa recepção, sobretudo, são marcas permanentes do restaurante do amigo Romeu Lemos, localizado no bairro de Manaira. Mas, a minha relação de amizade com o afável gourmet, Romeo Lemos,

não apenas se restringe a uma orientação culinária, não. Ele nos faz vê-lo também, por suas iniciativas de empreendedor nas cercanias da encantadora cidade de Areia.

E retornando aos saudosos festivais de artes em Areia, onde o cinema teve sempre presença ilustre, assunto de interesse maior desta coluna – sem deixar de lado o tema gastronomia –, lembraria de uma obra famosa e clássica da sétima arte: *La Grande Bouffe (A Comilança)*. Interessante realização franco-italiana do diretor Marco Ferreri, lançada em 1976, com um elenco grandioso. Michel Piccoli, Philippe Noiret, Ugo Tognazi e Marcello Mastroianni são os comilões de uma noite cheia de surpresas.

Segundo a sinopse do filme, quatro senhores de meia-idade bem-sucedidos, um comandante de bordo,

também um executivo de televisão, o outro em chef de cozinha e um juiz vão parar numa mansão comprada de um químico polonês, após o final da 2ª Guerra Mundial. Reunidos e abastecidos com quantidade enorme de comida, eles planejam comer até morrer. Uma comédia grotesca, porém, bastante divertida, que causou alvoroço na crítica daquela época.

Reverendo essa questão relacionada à gastronomia, como parte do programa da Rota Cultural de Areia, diria que, cinematograficamente, lembro das noites bem orvalhadas, “degustantes”, que convivi com amigos nabrejira e acolhedora Areia, após nossas atividades culturais, que eram sediadas no Colégio Santa Rita, centro da cidade. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: www.alexantost.com.br

Foto: Arquivo pessoal



O Colégio Santa Rita, em Areia, onde eram realizados festivais e outras atividades culturais



Debate sobre o filme Sob o Céu Nordestino

Esta semana, com presença da Academia Paraibana de Cinema, o Projeto Estratégico Cinemateca Aruanda realizou, na sala de reuniões do CCTA da Universidade Federal da Paraíba, mais um debate sobre cinema. Dessa vez foi sobre o filme *Sob o Céu Nordestino*, de Walfredo Rodriguez. O evento teve o apoio de vários órgãos da UFPB, inclusive do curso de Cinema e Audiovisual.

A Academia Paraibana de Cinema foi representada pelo seu presidente, professor João de Lima, que participou dos debates sobre o filme juntamente com Lorenzo Starling.

COLETÂNEA

Textos do Frei Caneca são relançados

Em homenagem ao bicentenário da Confederação do Equador, a Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) lançou uma segunda edição do livro *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*. A obra, com organização e introdução do historiador Evaldo Cabral de Mello, apresenta uma coletânea da produção intelectual de frei Caneca, um dos principais líderes do movimento.

O título tem 736 páginas, é dividido em dez séries de textos e traz 28 edições do jornal *O Typhis Pernambucano*, fundado e redigido por Frei Caneca de dezembro de 1823 a agosto de 1824; cartas trocadas com opositores; a dissertação sobre o que se deve entender por pátria do cidadão e deveres deste para com a mesma pátria, escrito em 1822; e o itinerário que fez

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, saindo de Pernambuco a 16 de setembro de 1824, para província do Ceará Grande. Este último narra a fuga dos rebeldes do Recife, já tomado pelas tropas imperiais, em direção à Mata Norte de Pernambuco, até a capitulação em 29 de novembro, dando fim à Confederação do Equador.

Movimento iniciado em Pernambuco a 2 de julho de 1824, no século 19, a Confederação reuniu as províncias da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte contra o autoritarismo de Dom Pedro I. Na introdução do livro, Evaldo Cabral de Mello faz uma síntese das manifestações de independência de Pernambuco, de 1817 a 1824, para uma melhor compreensão dos artigos elaborados pelo frade. “As obras

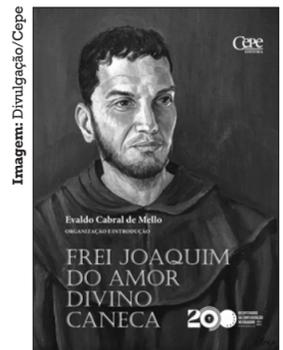
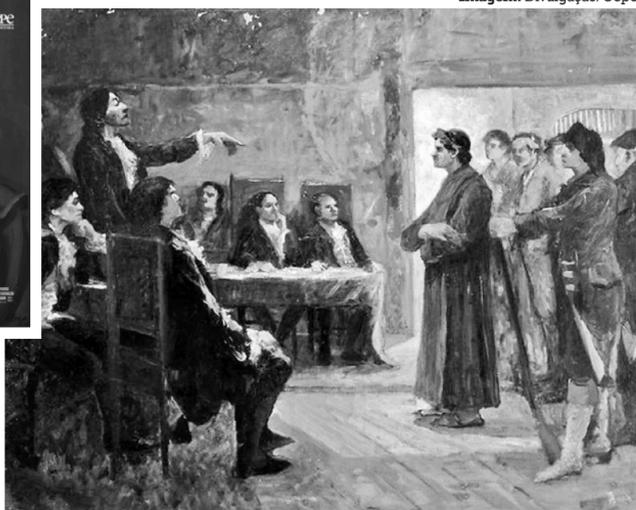
políticas de Frei Caneca escapam ao doutrinário e ao debate puramente especulativo de ideias. Elas constituem sobretudo tomadas de posição relativamente a situações da política provincial e brasileira”, escreveu o historiador.

Um exemplo pode ser conferido na edição de 10 de junho de 1824, do *Typhis Pernambucano*, na qual o religioso deixa claro seu recado para o imperador: “Uma província não tinha direito de obrigar a outra província a coisa alguma, por menor que fosse; nem província alguma, por menor e mais fraca, carregava com o dever de obedecer a outra qualquer, por maior e mais potentada. Portanto, podia cada uma seguir a estrada que bem lhe parecesse, escolher a forma de governo que julgasse mais apropriada

às suas circunstâncias, e constituir-se da maneira mais conducente à sua felicidade.” Professor de retórica, geometria e filosofia, Joaquim da Silva Rabelo era filho de um fabricante de tonéis (tanoeiro) e nasceu no Recife em 1779, na área hoje denominada Bairro do Recife.

O livro com a produção intelectual de Frei Caneca foi publicado originalmente em 2001 e revela o amplo conhecimento do frade carmelita em história, matemática, teoria literária e doutrinas políticas. A nova edição vem com o acréscimo do jornal de nº 17 do *Typhis Pernambucano*, que não constava anteriormente. O religioso teve participação na Revolução Republicana de 1817, foi preso e ficou encarcerado na Bahia por dois anos. De volta ao Recife, teve presença de destaque na Confederação do Equador, presidida por Manuel de Carvalho Paes de Andrade. Depois de se renderem, encerrando o movimento revolucionário com a promessa de que seriam recebidos com clemência pelo imperador, Frei Caneca é preso e condenado à força.

Imagem: Divulgação/Cepe



Condenação de Frei Caneca, em pintura de Antônio Parreiras, de cerca de 1918

FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA

■ De Evaldo Cabral de Mello (org.). Editora: Cepe. R\$ 90 (impresso) e R\$ 35 (e-book).

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Arrumando os livros

Estou em fase de arrumação da minha biblioteca. Melhor dizendo: sempre estou a arrumar a minha biblioteca. Esse ato, que me exige cuidado, carinho, paciência, foi se transformando numa venturosa rotina ao longo dos dias. Venturosa, cansativa, surpreendente.

Estar entre os livros não deixa de ser uma maneira muito especial de habitar o mundo, de conviver com geografias diferentes, de compartilhar ideias múltiplas e emoções universais. Enfim, de estar aqui e ali ao mesmo tempo, em tempos diversos e em outras culturas e civilizações.

O ato de arrumar os livros foi me ensinando muitas formas de ordená-los nas prateleiras e nas estantes, conforme os critérios racionais e sensíveis que os possam aproximar, pela semelhança ou pela diferença, dentro do habitat bibliográfico determinante.

Sei que o ato de arrumar os livros consiste num modo muito particular de lê-los. Diria mesmo que existe uma leitura que não é a leitura que imaginamos e que admitimos como natural. Ler as palavras, os períodos, os parágrafos, os capítulos, os volumes de cabo a rabo, naquela perspectiva do estudo, da análise e da interpretação.

Penso, talvez poeticamente, que o simples e terno gesto de afagar um livro, limpar a poeira do dorso, folhear suas páginas, reter a atenção sobre uma frase qualquer e deixar-se iluminar pelo conteúdo que sugere, é também um tipo de leitura. Uma leitura que se converte, a princípio, num silencioso reconhecimento ou numa convocação despreziosa para o que chamo de um gesto de amor.

Ora são os autores e autoras que me mobilizam. Ora são os assuntos, a temática, os motivos que me desencadeiam o senso de organização e estabelecem a pauta das escolhas, das preferências, das relevâncias nesse mágico país em que se transmutou a minha biblioteca.

Não sigo as normas da biblioteconomia. Sempre fui meio desconfiado dos paradigmas científicos. Detesto as rígidas nomenclaturas e sei da precariedade de qualquer classificação. Aposto, sim, no princípio do prazer, na volúpia dos momentos íntimos, na gramática intuitiva que me conduzem ao universo dos livros.

Se devo me referir a nomes (e seriam tantos!), destacaria, por exemplo, os poetas, seja os da “última flor do Lácio”, seja os de outros idiomas, mortos e vivos. Alguns ocupam espaços especiais com seus textos e os textos acercam de sua vida e obra. Um Dante, um Baudelaire, um Pessoa, um Borges, um Augusto, um Bandeira, um Drummond, um Jorge de Lima me parecem emblemáticos dentro de minha tradição poética. Isto é, dentro de meu gosto, zelo e paixão.

Se me prendo aos assuntos (que assunto não me interessa?), termino por me desmembrar em diversas paisagens. A paisagem da poesia, já que aludi a poetas, me atrai diuturnamente. Gosto dos livros teóricos acerca da fenomenologia do verso. Sem contar as tantas nacionalidades, junto-os, os livros, numa estante só, dando-me a convicção de que ali posso me abastecer com os instrumentos necessários para dialogar com o mistério da criação poética.

Ninguém me convence de que não seja essa sistematização uma maneira de ler. Uma leitura física, tátil, muscular, respiratória, responsável, ao fim, por um halo de intimidade que se instala entre mim e os livros, vitalizando, assim, o silêncio e a solidão que se fundem na minha biblioteca.

Arrumar os livros me proporciona outros encontros, formaliza outras vizinhanças, sugere pactos e cumplicidades entre autores e obras, talvez inimagináveis, não fosse o ritual sagrado da arrumação.

Curioso: na vida real Tolstói e Dostoiévski nunca se encontraram. Leram-se, quem sabe, de viés e aos pedaços. Pois bem: na minha biblioteca estão juntos um do outro. São vizinhos irmanados na mesma senha de perplexidade e grandeza. Faço-os falar sempre um ao outro. Eu mesmo não consigo compreender um sem o outro. Lendo este estou lendo aquele. Não rastreio *Crime e Castigo* sem pensar na *Morte de Ivan Ilitch*. Há algo que aproxima a Sibéria de Yasnaya Polyana.

Essas junções, essas idiosincrasias, esses esquemas subjetivos, entre outras estratégias, comandam a cerimônia da arrumação dos livros. Como que formam outros modelos e me dão outros suportes para desenvolver e explorar o ato de ler. Enfim, o gosto de arrumar.

MÚSICA

Fuá do Guegué lança disco de forró

Grupo liderado pelo paraibano Guegué Medeiros em São Paulo estreia “O Baile” após dois anos de shows

Foto: Divulgação



O Fuá do Guegué virou um disco, lançado nesta semana

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Há dois anos, nas últimas quintas-feiras de cada mês, a Casa de Cultura Os Capoeira, em Pinheiros, São Paulo, vem apresentando espetáculos de ritmos nordestinos de lotar o local. Quem protagoniza essa festa é o grupo musical Fuá do Guegué, que lançou na última quarta-feira (3), em todas as plataformas de streaming de áudio, o álbum *O Baile*, uma coletânea das apresentações realizadas pelo grupo nas noites paulistanas.

O Fuá do Guegué reúne artistas apaixonados pela riqueza dos ritmos nordestinos. São eles: Salomão Soares (piano), Lau Trajano (baixo), Danilo Moraes (voz e guitarra), Rafael Beibi (voz e triângulo), Dido Trajano (voz e zabumba) e Olívio Filho (sanfona). Uma das faixas do álbum também conta com a participação especial do cantor Jota.Pê.

O fuá

O baterista, percussionista e produtor cultural Guegué Medeiros, idealizador do Fuá do Guegué, assim define o grupo, fundado em 2019: “Nós somos um coletivo de amigos, artistas, músicos, amantes da cultura popular nordestina. Eu já acompanhava o Danilo Moraes, a Janaína Pereira, o Rafael Beibi e

um dos meus projetos era tocar com Lau e com o Dido no Forró do Zé Pitoco. Daí resolvi juntar essa turma para gente fazer uma grande homenagem a Jackson do Pandeiro”.

Guegué conta que, depois de vários ensaios e muita preparação, considerou o show, do qual participaram Chico César e Vanessa Moreno, muito bonito. “Quando terminou o show, eu falei: ‘Putz! Tanto trabalho assim, para gente montar um show e o projeto terminar...’ Aí eu resolvi dar continuidade com um projeto de fazer o álbum”, lembra.

A ideia foi tentar levar para o estúdio a mesma atmosfera do baile paulistano, o que tem chamado a atenção dos amigos e frequentadores do local. O baile conta com 10 faixas, entre composições autorais e algumas releituras, todas dedicadas ao forró, a grande paixão de Guegué: “Tome forró” (Rafael Beibi, Matheus Tagliatti, André Tagliatti), “Forró da titela” (Guegué Medeiros), “Estrada” (Rafael Beibi), “Mal acostumado” (Meg Evans, Ray Araujo),

“Querer de querer bem” (Rafael Beibi), “Tililingo” (Almira Castilho), “Toque de pife” (Dominguinhos), “Se ele bebe pinga” (Danilo Moraes), “Meu cenário”, com participação especial de Jota.Pê (Petruccio Amorim) e “Pretendo” (Danilo Moraes, Paulo Cesar de Carvalho).

“No próximo mês a gente lan-

Foto: Divulgação



Novo disco já está disponível nas plataformas

ça um single, releitura de ‘Meu cenário’, que entra como faixa bônus desse álbum, e um pouquinho mais para frente a gente vai lançar esse EP com a participação da Vanessa Moreno”, finalizou Guegué, enfatizando projetos futuros no horizonte da banda.

Em Cartaz



Cinema

Programação de 4 a 9 de julho, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

ESTREIAS

ENTREVISTA COM O DEMÔNIO (*Late Night with the Devil*). Austrália/ EUA/ Emirados Árabes Unidos, 2023. Dir.: Cameron Cairnes e Colin Cairnes. Elenco: David Dastmalchian, Laura Gordon, Ingrid Torelli. Terror. Em 1977, apresentador de TV apresenta jovem possuída pelo demônio e a noite dá terrivelmente errada. 1h33. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 17h, 19h15.

A FLOR DO BURITI. Brasil, 2024. Dir.: Renée Nader Messora e João Salaviza. Elenco: Ilda Patro Krahô, Francisco Hyjô Krahô. Drama. As lutas do povo indígena krahô através das décadas. 2h04. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: seg.: 19h. Próximas semanas: sab., 13/7: 19h; dom. 21/7: 15h; ter. 23/7: 19h.



Foto: Divulgação/ Universal

MAXXXINE (*Maxxxine*). EUA/ Reino Unido, 2024. Dir.: Ti West. Elenco: Mia Goth, Elizabeth Debicki, Kevin Bacon, Michelle Monaghan. Terror. Nos anos 1980, atriz de filmes adultos consegue seu primeiro grande papel, mas um misterioso assassino persegue as estrelas de Hollywood. 1h44. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 21h30.

MEU MALVADO FAVORITO 4 (*Despicable Me 4*). EUA, 2024. Dir.: Chris Renaud. Vozes na dublagem brasileira: Leonardo Hassum, Maria Clara Gueiros. Comédia/ aventura/ animação. A família do ex-vilão Gru é forçada a fugir quando é perseguida por um supervilão. 1h35. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 3D: 15h10, 19h30. CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h, 16h15, 20h45. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 13h20, 17h50. CINÉPOLIS MANAÍRA

RA 4: dub.: 14h15, 16h30, 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 15h, 17h15, 19h30, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 3D: 14h, 16h15, 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 14h30, 16h45, 19h, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 15h, 17h15, 19h30, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h, 16h15, 18h30, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 19h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 14h, 16h, 18h, 20h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 14h, 16h, 18h, 20h. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 19h. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 14h45, 16h45, 18h45. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: qui. a ter.: 18h, 20h; qua.: 18h. MULTICINE PATOS 1: dub.: 17h45. MULTICINE PATOS 3: dub.: 3D: 14h40, 19h10; 2D: 16h55.

ESPECIAL

8½ FESTA DO CINEMA ITALIANO. 10 filmes da recente safra do cinema da Itália. Domingo: “A Imensidão” (15h); “O Sequestro do Papa” (17h); “Lubo” (19h30).

João Pessoa: CINE BANGUÊ.

CONTINUAÇÃO

BAD BOYS – ATÉ O FIM (*Bad Boys – Ride or Die*). EUA, 2024. Dir.: Adil El Arbi e Bilal Fallah. Elenco: Will Smith, Martin Lawrence, Vanessa Hudgens, Alexander Ludwig. Policial/ ação. Dois ex-policiais voltam à ativa para ajudar antigo chefe. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h50.

DIVERTIDA MENTE 2 (*Inside Out 2*). EUA/ Japão, 2024. Dir.: Kelsey Mann. Vozes na dublagem brasileira: Miá Mello, Tatá Werneck, Dani Calabresa, Katiúscia Canoro, Otaviano Costa, Léo Jaime. Aventura/ comédia/ animação. As emoções na cabeça de menina de 13 anos têm problemas quando novos sentimentos surgem. 1h36. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 3D: 13h, 17h15. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h30, 20h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h15, 16h45, 19h, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h45, 16h, 18h15, 20h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h15, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h10, 16h20, 18h50, 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 14h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): dub.: 15h15, 17h45, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h15, 16h45, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h30, 15h45, 18h, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 15h30, 17h30, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 17h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h30, 17h30, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: qui. a ter.: 20h40. CINE

GUEDES 2: dub.: 15h15, 17h15, 19h15. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: qua.: 14h10, 16h05. MULTICINE PATOS 1: dub.: 15h30, 19h55. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: 14h15, 16h30, 18h45; 2D: 20h55.

UM LUGAR SILENCIOSO – DIA UM (*A Quiet Place – Day One*). EUA/ Reino Unido, 2024. Dir.: Michael Sarnoski. Elenco: Joseph Quinn, Lupita Nyong'o, Djimon Hounsou. Ficção científica/ horror/ drama. Mulher tenta escapar durante invasão de alienígenas assassinos com superaudição. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h45. CENTERPLEX MAG 2: dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 15h10, 17h30, 19h45, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h30, 17h, 19h45, 22h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h50, 18h45, 20h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h50, 18h45, 20h45. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: qui. a ter.: 21h10. MULTICINE PATOS 3: dub.: 21h15.



Foto: Divulgação/ Paris Filmes

TÔ DE GRAÇA – O FILME. Brasil, 2024. Dir.: César Rodrigues. Elenco: Rodrigo Sant'anna, Isabelle Marques, Roberta Rodrigues, Evelyn Castro. Comédia. Moradora do subúrbio leva sua imensa família a um feriado em Búzios. 1h36. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 21h. CINESERCLA TAMBIA 3: 15h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: 15h.

REAPRESENTAÇÃO

A HORA DA ESTRELA. Brasil, 1986. Dir.: Suzana Amaral. Elenco: Marcélia Cartaxo, José Dumont, Tamara Taxman, Fernanda Montenegro. Drama. Migrante nordestina ingênua tenta viver em São Paulo e se apaixona por um operário bruto. 1h36. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter.: 19h. Próximas semanas: sáb. 13/7: 17h; dom. 21/7: 19h; qua. 24/7: 19h; sáb. 27/7: 15h; seg. 29/7: 19h.

CONTATO

CENTERPLEX: (MAG Shopping, JP - https://www.centerplex.com.br/cinema/mag).

CINE BANGUÊ: (Espaço Cultural, JP - Instagram: @cinebanguê). **CINÉPOLIS**: (Manáira Shopping e Mangabeira Shopping, JP - https://www.cinepolis.com.br/programacao/joao-pessoa.html). **CINESERCLA**: (Tambia Shopping, JP e Partage Shopping, CG - https://www.cinesercla.com.br). **CINE GUEDES**: (Guedes Shopping, Patos - https://www.guedesshopping.com.br/entretenimento/cinema). **MULTICINE**: (Patos Shopping, Patos - https://www.multicinecinemas.com.br/).

Teatro

HOJE

O SURTO – A COMÉDIA. Da Cara Dupla Coletivo de Teatro. Direção: Leticia Rodrigues. Comédia baseada em *O Rico e o Pobre*, de Ariano Suassuna. Classificação não informada.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manáira – 3214.8021 - @ednaldodoegypto). Domingo, às 20h. Ingressos: R\$ 20, antecipados pelo pix (leticiaatrizpb@gmail.com), comprovante enviado para o whatsapp 83-9.8625.5220.

PRÓXIMAS SEMANAS

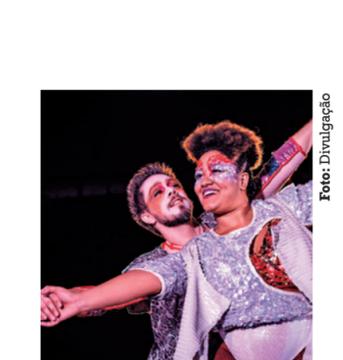


Foto: Divulgação

JACKSONS DO PANDEIRO. Da Barca dos Corações Partidos. Texto: Bráulio Tavares e Eduardo Rios. Direção: Duda Maia. Musical conta a trajetória de Jackson do Pandeiro. 10 anos.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Rod. PB-008, Km 5, s/nº). Domingo, 14/7, às 19h. Ingressos: de R\$ 19,50 (plateia popular/meia) a R\$ 120 (plateia especial/ inteira), antecipados na plataforma Sympla.

Música

NESTA SEMANA

Próximas semanas: sab. 13/7: 17h; dom. 21/7: 19h; qua. 24/7: 19h; sáb. 27/7: 15h; seg. 29/7: 19h.

FIMUS. 15ª edição do Festival Internacional de Música de Campina Grande e 8ª edição do Fimus Jazz.

Campina Grande: TEATRO SEVERINO CABRAL (Av. Mal. Floriano Peixoto, s/nº, Centro). De sexta, 12/7, a domingo, 21/7, às 20h. Entrada franca, reservados na plataforma Sympla.

PRÓXIMAS SEMANAS

ALCIONE. Cantora apresenta show de 50 anos de carreira.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Rod. PB-008, Km 5, s/nº). Sexta, dia 9 de agosto, às 21h. Ingressos: de R\$ 100 a R\$ 300, antecipados na loja Homem do Sapato (Manáira) ou na plataforma Sympla.

Livros

NESTA SEMANA

MAIAKÓVSKI; EU! + TODOS OS POEMAS ANTERIORES. Livro com poemas de Maiakóvski traduzidos direto do russo por Astier Basílio.

João Pessoa: CAFÉ DA USINA (Usina Cultural Energisa, Av. Juarez Távora, 243, Centro). Sexta, 18h. Entrada franca.

OUTONO – MEMORIAL DA ESCRITURA. Políbio Alves lança livro sobre sua relação com o ato de escrever.

João Pessoa: CAFÉ DA USINA (Usina Cultural Energisa, Av. Juarez Távora, 243, Centro). Quarta, 19h. Entrada franca.

Exposições

ÚLTIMOS DIAS

CORAÇÃO GELADO. Fotografias de Pedro Anísio.

João Pessoa: ESPAÇO EXPOSITIVO ALICE VINAGRE (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Visitaçãõ até 10 de julho. Entrada franca.

CONTINUAÇÃO

TRAÇOS DE MEMÓRIA E SONHO. Pinturas de Flávio Tavares.

João Pessoa: ESPAÇO ARTE BRASIL (Liv Mail, Av. Flávio Ribeiro Coutinho, 500, Jardim Oceania, João Pessoa). Entrada franca.

VAQUEIRO – A ALMA DO SERTÃO. Fotografias de Antônio David.

João Pessoa: SESC CABO BRANCO (Av. Cabo Branco, 2788, Cabo Branco – 3219.3400). Abertura sexta, 19h. Entrada franca.

INSTRUMENTO DEMOCRÁTICO

A importância do Quinto Constitucional na Justiça

Duas novas vagas de desembargador são destinadas para advocacia e MPPB

Tiago Bernardino
tiago.bernardino@gmail.com

Com a abertura das novas vagas de desembargadores no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), duas delas foram destinadas para o preenchimento do Quinto Constitucional pela advocacia e pelo Ministério Público da Paraíba. O doutor em Direito Constitucional, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e procurador-geral do Ministério Público de Contas, Marcílio Franca, explica que o instituto do Quinto Constitucional existe há 90 anos, tendo nascido na terceira Constituição, em 16 de julho de 1934.

“Hoje, o núcleo fundamental do Quinto está descrito no artigo 94 da Carta de 1988, que determina um modelo complexo de escolha, em que listas sêxtuplas são convertidas em tríplexes, de onde o Poder Executivo escolhe finalmente o nomeado. Todavia, de tão importante, a participação de advogados e membros do Ministério Público na composição dos tribunais é referida em vários outros dispositivos da nossa Constituição”, explica Marcílio Franca.

Para o advogado e professor de Direito Fábio Brito, o Quinto Constitucional serve para pluralidade de ideias nos tribunais. “O Quinto Constitucional é um instrumento que possibilita congrega distintas visões das carreiras jurídicas na composição dos tribunais, aprimorando a qualidade das decisões proferidas e proporcionando uma gestão mais democratizada e equilibrada do Poder Judiciário”, defende.



Foto: Arquivo pessoal

O Quinto Constitucional possibilita congrega distintas visões das carreiras jurídicas, aprimorando a qualidade das decisões

Fábio Brito



Foto: Arquivo pessoal

A experiência demonstra que esse processo tem sido eficaz para garantir a participação de vários atores na construção de um Judiciário plural

Harrison Targino



Foto: Arquivo pessoal

Outro fundamento que contribui para a legitimidade do Quinto é a sua compreensão como peça indissociável do sistema de freios e contrapesos

Marcílio Franca

Atualmente, dois dos 19 desembargadores do TJPB chegaram ao órgão a partir da indicação dos advogados paraibanos. São eles os desembargadores Joás de Brito Pereira e José Ricardo Porto. O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional da Paraíba (OAB-PB), Harrison Targino, explica que a vaga destinada aos advogados no Quinto Constitucional é importante para que haja uma renovação nos posicionamentos da corte.

“O Quinto Constitucional é um espaço de arejamento das cortes judiciais, que se renova trazendo à sua composição o olhar e a experiência

de outros atores processuais, como os advogados. A experiência demonstra que esse processo de Quinto Constitucional tem sido extremamente eficaz para garantir a participação dos vários atores do sistema de justiça na construção de um Judiciário plural”, argumenta Harrison Targino.

Contraponto

Marcílio Franca discorda do uso de termos como “oxigenação” ou “arejamento” do Poder Judiciário no contexto do Quinto Constitucional. “Não gosto dessas expressões porque elas podem levar à falsa crença de que há certa ‘asfixia’ ou ‘hi-

póxia’ da jurisdição”, adverte. Para ele, o instrumento busca prestigiar o princípio do pluralismo previsto no artigo 1º, inciso V, da Constituição Federal de 1988.

“Sem dúvida, o Quinto Constitucional leva às Cortes ricas experiências profissionais e diferentes visões de mundo a respeito do exercício da jurisdição e da concretização da Justiça. Outro fundamento constitucional que contribui para a legitimidade do Quinto é a sua compreensão como peça indissociável do sistema de freios e contrapesos (*checks and balances*) imamente à separação das funções estatais”, analisa.

Concorrência

De acordo com o edital publicado pela OAB-PB, a inscrição dos advogados que pretendem concorrer ao Quinto Constitucional começou na última segunda-feira (1º) e deve ser feita até o dia 20 deste mês. Para orientar os advogados que pretendem concorrer, a Ordem criou um *site* específico para a eleição.

Harrison Targino, explica que no *site* consta também a portaria de nomeação dos membros da comissão eleitoral – composta pelos advogados e advogadas: Afrânio de Melo (presidente), Gilvania Maciel, Tainá de Freitas, José Edísio Souto e Laplace

Guedes –, que irá organizar, dirigir e supervisionar todo o processo eleitoral. “A página também disponibiliza suporte para sanar eventuais dúvidas no processo de inscrição on-line”, complementa o presidente da OAB-PB.

A comissão eleitoral formada pela OAB-PB para organizar, dirigir e supervisionar as eleições para formação da lista sêxtupla para vaga destinada à advocacia no Tribunal de Justiça (TJPB) estabeleceu, no Ato nº 01/2024, que define regras para o pleito, o dia 18 de setembro como data prevista para as eleições do Quinto Constitucional.



Ilustração: Bruno Chiozzi

Ministério Público já definiu lista sêxtupla

Para a vaga destinada ao Ministério Público da Paraíba (MPPB), 15 membros do órgão se candidataram. A lista sêxtupla foi formada a partir da votação do Conselho Superior do Ministério Público. Os escolhidos foram Amadeus Lopes Pereira, Bertrand de Araújo Asfora, Carlos Romero Lauria Paulo Neto, Francisco Seráfico Ferraz da Nóbrega Filho, João Geraldo Carneiro Barbosa e Vanina Nóbrega de Freitas Dias Feitosa.

Para a 1ª subprocuradora-geral de Justiça do MPPB, Vasti Cléa Marinho da Costa Lopes, o Quinto Constitucional favorece a pluralidade de pontos de vista no processo decisório da Corte estadual.

“O Quinto Constitucional carrega em si a intenção de democratizar o Sistema de Justiça, fortalecendo a ideia dos pesos e contrapesos e também engrandecendo com a diversidade a composição dos tribunais. A presença de membros do Ministério Público e de ad-



O Quinto Constitucional carrega em si a intenção de democratizar o sistema de Justiça, engrandecendo os tribunais com diversidade

Vasti Cléa Marinho da Costa

vogados na formação desses tribunais, sem dúvida, favorece que estes operadores do Direito tragam para a função judicante a visão de sociedade que têm, a partir do dia a dia de suas atribuições originárias. Dessa forma, enrique-



Foto: Arquivo pessoal

Sub-procuradora defende que o Quinto favorece a pluralidade

cem a prestação jurisdicional no segundo grau, com essa diversidade de visões e pensamentos”, explicou.

Próximos passos

Assim como ocorre com os nomes que serão envia-

dos pela OAB-PB, a lista sêxtupla do MPPB será reduzida a uma lista tríplex pelo Pleno do TJPB. A nova relação, por sua vez, será enviada ao governador para a escolha do nome que passará a compor a Corte estadual.

Saiba Mais

O doutor em Direito Constitucional e procurador-geral do Ministério Público de Contas, Marcílio Franca, explica que outros órgãos decisórios que compõem o sistema judiciário brasileiro também contam com a participação de advogados ou membros do Ministério Público. São eles:

■ Superior Tribunal de Justiça

A proporção fixada pela Constituição é de 1/3 de ex-advogados e ex-membros do Ministério Público.

■ Justiça Eleitoral

A participação corresponde a 2/7, mas não conta com egressos do Ministério Público, apenas da advocacia.

■ Tribunais de Contas estaduais

A participação corresponde a 2/7 das Cortes, mas não conta com membros advindos obrigatoriamente da advocacia.

■ Tribunal de Contas da União

A proporção é de 1/9 de egressos do MP na composição.

■ Superior Tribunal Militar

Os advogados preenchem 1/5 da Corte; os egressos do Ministério Público militar ocupam 1/15 da composição do tribunal.

MIGRAÇÃO INTERNA

Senado discute política nacional para deslocados

Projeto visa amparar brasileiros forçados a abandonar suas moradias

Daniella Almeida
Agência Brasil

A Comissão Temporária do Senado Federal que acompanha os desdobramentos da catástrofe climática no Rio Grande do Sul realizou, na última segunda-feira (1º), uma audiência pública para debater o Projeto de Lei nº 2038, de 2024, que trata da criação de uma Política Nacional para Deslocados Internos. A legislação foi elaborada a partir da situação de calamidade pública que afetou o estado, causada por chuvas volumosas, entre abril e maio.

O texto prevê a adoção de medidas de assistência às pessoas forçadas a abandonar suas residências, em consequência, entre outras situações, de calamidade humana ou natural de grande proporção, sem que

os afetados tenham deixado o Brasil.

O autor do projeto, senador Paulo Paim (PT-RS), apontou que o Brasil é vulnerável frente às mudanças climáticas e que, em 2022, o país registrou 713,6 mil deslocados internos, por diversos fatores, como degradação ambiental, afundamento do solo, urbanização desordenada e falta de infraestrutura adequada em áreas vulneráveis. “Nosso país, como um dos mais afetados na região, pode exercer papel de liderança no combate a essa situação, implementando políticas humanitárias que respeitem os direitos humanos e o meio ambiente. É necessário e urgente a construção de políticas públicas para os deslocamentos internos”.

Mudanças climáticas

A oficial de proteção do

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur-Brasil), Silvia Sander, apontou que as mudanças climáticas são um multiplicador de vulnerabilidades no mundo, gerando novos deslocamentos e necessidades de proteção a essa população, e que três quartos das pessoas em deslocamento forçado, ao redor do mundo, estavam vivendo em nações com alta ou extrema exposição a riscos relacionados ao clima, inclusive o Brasil.

Ao citar números da tragédia no Rio Grande do Sul, Sander também observou que, entre os afetados, estão refugiados de outros países. “Existem, no estado, cerca de 43 mil pessoas refugiadas e outras em necessidades de proteção internacional que já tinham sido deslocadas, a partir dos seus países de origem, por razões diversas”.

Ela também citou, como uma das preocupações da Acnur, a quantidade de lixo que as chuvas e enxurradas geraram: cerca de 47 milhões de toneladas, o que representa 61% de todo o lixo gerado no Brasil em um ano.

Impacto

Segundo o senador Paulo Paim (PT-RS), o país registrou, em 2022, 713,6 mil deslocados internos, devido a fatores como degradação ambiental e falta de infraestrutura em áreas vulneráveis

Foto: Jürgen Mayrhofer/ Governo do Rio Grande do Sul



Nova legislação se inspira na situação de calamidade pública provocada pelas recentes enchentes no Rio Grande do Sul

Governo prioriza segurança pública no RS

O representante do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MSP), tenente-coronel Jaldemar Ribeiro Pimentel Júnior, ressaltou que, após a fase de salvamento de vidas, nesse momento, a preocupação é com a segurança pública da população do Rio Grande do Sul, devido à violência gerada pela crise econômica que afeta o estado. “O Ministério da Justiça tem a preocupação de manter a Força [Nacional], enquanto for solicitada pelo Rio Grande do Sul, pela questão do pós-catástrofe. A população está acreditando que está retornando para casa, mas não existe a residência, o que pode desencadear situações de violência, se o estado não estiver bem presente nesse momento”.

O militar garantiu que a Força Nacional continuará atuando no Rio Grande

do Sul, com 300 membros, que já estão nos municípios de Canoas, São Leopoldo, Nova Santa Rita, Roca Sales e Porto Alegre.

Legislação

O consultor legislativo do Senado Federal, Tarciso Dal Maso Jardim, destacou que, pela primeira vez, o parlamento brasileiro trata do assunto de deslocamento interno, no texto em debate na comissão temporária, e que o novo projeto de lei é inspirado na legislação existente com o tema migratório e de refugiados, como a Operação Acolhida, que oferece apoio a migrantes e refugiados da Venezuela interiorizados pelo Brasil.

Ele explicou que as garantias e medidas de assistência aos deslocados internos podem ser temporárias ou duradouras, conforme

a necessidade. “Diante do tumulto da calamidade de uma catástrofe, temos as medidas emergenciais, mas há que se pensar, também, em medidas duradouras. E, aí, entram as unidades federativas, que devem pactuar as diretrizes, o financiamento e as questões operacionais para trazer essa política de longo prazo”.

Tragédia

As fortes chuvas, enchentes e enxurradas de abril e maio deste ano atingiram 478 municípios, de um total de 497 cidades gaúchas, e afetaram cerca de 2,39 milhões de pessoas. Desde maio, devido às inundações, já se somaram 538 mil deslocados internos no estado.

Dados da Defesa Civil do estado apontam que 179 pessoas morreram pe-

las chuvas e, ainda, 33 seguem desaparecidas. Pouco mais de 800 pessoas ficaram feridas.

“

As unidades federativas devem pactuar as diretrizes, o financiamento e as questões operacionais para trazer essa política de longo prazo

Tarciso Jardim

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Poeta centenário

Em 18 de maio de 2020, faleceu, em Guarabira, o poeta cordelista, violeiro, xilogravador e Mestre da Cultura Ismael Freire da Silva. A prefeitura local registrou o desaparecimento do artista, que estava radicado em Guarabira desde 1940, “onde desenvolveu toda a sua produção artística e deu voz à cidade e ao povo, com um legado que ficará para a história e os admiradores das futuras gerações”.

Ismael Freire nasceu no dia 30 de julho de 1924. No dia 3 de maio deste ano, a Academia de Cordel do Vale do Paraíba homenageou o poeta bananeirense, em plena feira livre daquela cidade brejeira, durante sarau do Projeto Caravana do Cordel Brasileiro. O cordelista Gilberto Baraúna, de Pilões, disse na ocasião: “Queremos estar aqui, nesta feira, em julho, para festejar o centenário desse grande poeta bananeirense”. Eu distribuí gratuitamente meu folheto “Cordel para Bananeiras” e prometi voltar à feira com um folheto sobre Ismael Freire, no dia 30 de julho, data do seu centenário de nascimento. De fato, em alusão aos 100 anos do nascimento de Ismael Freire, e em honra da sua memória, lançarei o folheto “Poetas de Bananeiras”, onde registro fatos sobre a vida desse homem simples e fecundo criador, uma das principais figuras do cordel brasileiro produzido na Paraíba, onde nasceu esse gênero.

Não há de se negar a importância e o papel de Ismael Freire no cordel brasileiro — nascido em Bananeiras, cidade onde também veio ao mundo João Melchíades Ferreira da Silva, outro monstro sagrado do gênero. Como sócio efetivo da Academia Bananeirense de Letras e Artes, estou propondo algumas ações, por parte das entidades públicas e privadas de Bananeiras, envolvendo, inclusive, os estudantes da rede de ensino, com o fito de incentivar o conhecimento da vida e da obra do escritor, entre os alunos e o público em geral. Quem sabe, um concurso municipal de poesia. Sei que o prazo é exíguo, temos menos de 30 dias, mas vale a pena o esforço para que o poeta, um dos grandes personagens na história cultural da cidade, seja lembrado em sua terra natal.

Morador do município há quatro anos, já produzi um folheto contando a história de Bananeiras, onde se faz um passeio pela história dessa cidade de 21 mil habitantes, situada na região do Brejo paraibano, que já foi o maior produtor de café do Nordeste, até o começo do século 20, o que a tornou a cidade mais rica da região, algo expresso, até hoje, na arquitetura dos seus 80 casarões preservados. Quis fazer essa homenagem à terra dos poetas Ismael Freire e João Melchíades Ferreira da Silva, e, agora, apresento o cordel “Poetas de Bananeiras”, no centenário de Ismael.

Ismael Freire da Silva
Um vate que idolatro
Nasceu em 30 de julho
Do ano de 24
Sua vida dá um filme
Ou uma peça de teatro.

No ano dois mil e vinte
Deu-se falecimento
Desse artista celebrado
Pelo versátil talento
Viveu 96 anos
Transformou-se em monumento.

Foi poeta cordelista
E um mestre violeiro
Como xilogravurista
Dominou o seu terreiro
Como editor/produtor
Deste cordel brasileiro.

Sua terra Bananeiras
Fica devendo homenagem
Mesmo depois que o poeta
Fez sua grande viagem
Resgatando a memória
Do bardo e sua imagem.

PROTEÇÃO ÀS CRIANÇAS

Leis enfrentam cultura de violência

País é lento em banir o uso de castigos na educação mesmo com regramentos que preveem punições a agressores

Luiz Claudio Ferreira
Agência Brasil

O contorno com a família em mãos dadas, o balão colorido com as crianças, e o cata-vento. Nas paredes e muros na região administrativa do Cruzeiro (DF), a conselheira tutelar Viviane Dourado, de 49 anos, resolveu traduzir ideais com tintas e pincel. Ela, que é *designer* e educadora social, entende que a arte pode ser estratégia para aproximação com famílias para combater a violência contra a infância.

Viviane lembra dos tempos de criança, quando recebeu castigos, com beliscões e tapas desnecessários. São as tintas também do passado que a inspiraram a ser mãe solo, educadora e profissional na luta contra essa conduta.

Nos tempos da infância de Viviane não existia legislação como as de hoje. Aliás, no dia 26 de junho, a Lei Menino Bernardo, também conhecida como “Lei da Palmada” (Lei 13.010/2014), completou uma década. Esse regramento, em complementação ao Estatuto da Criança e do Adolescente, garante o direito a uma educação sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel.

A lei foi batizada assim para lembrar a morte do menino Bernardo Boldrini, de 11 anos, que foi vítima de agressões e morto pela madrasta e pelo pai, em Três Passos (RS), em abril de 2014.

Dor em casa

Para a promotora de Justiça Renata Rivitti, do Ministério Público de São Paulo, a lei é um marco para o Brasil, um país em que ainda existe, de forma arraigada, uma percepção distorcida de que a educação precisa ser rígida. “Há ainda uma romantização e uma crença real de que educar com violência é legítimo e seria para o bem da criança ou adolescente”. Ela explica que a lei reafirma a ilicitude e a ilegalidade do castigo físico.

A promotora, que é da coordenação do Centro de Apoio da Infância do MP, avalia que, de fato, existe esse problema cultural. “Dentro de casa, há uma legitimização da violência”. Seja como uma forma deturpada de educar ou de corrigir. “Existe uma carga histórica e cultural do nosso país”.

De acordo com informações disponíveis no Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (via Disque 100), houve, no país, neste ano até o último dia 23 de junho, 129.287 denúncias de algum atentado à integridade contra crianças e adolescentes. O mesmo painel apresenta que, desse total, 81.395 casos (62%) foram dentro de casa (onde moram a criança vítima e a pessoa suspeita).

O painel disponibilizado pelo Ministério dos Direitos Humanos considera que essa violência à integridade compreende violações físicas, de negligência e psíquica. Quem denuncia, em geral, são terceiros. No entanto, chama atenção que 8.852 crianças conseguiram pedir ajuda diante da violência que sofriam.



Foto: Freepik

Desde 2014, o Brasil conta com legislação específica para coibir o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel e degradante contra crianças e adolescentes

Fragilidade em efetivação amplia desproteção

“

Há ainda uma romantização e uma crença real de que educar com violência é legítimo e seria para o bem da criança ou adolescente

Renata Rivitti

A pesquisadora em direitos da infância e em ciências sociais Águeda Barreto, que atua na ONG ChildFund Brasil, considera que a Lei Menino Bernardo tem um caráter pedagógico e preventivo. “Precisamos celebrar os 10 anos de efetivação dessa lei, mas a gente ainda precisa avançar muito, especialmente culturalmente. A gente vive numa sociedade que ainda educa as crianças através de violência”, lamenta.

A pesquisadora recorda que, em 2019, a entidade fez levantamento com crianças brasileiras e contabilizou que 67% delas não se consideravam suficientemente protegidas contra a violência. A pesquisa Small Voices, Big Dreams (Pequenas vozes, grandes sonhos) para o Brasil mostrou, além dis-

so, que 90% das crianças rejeitam o castigo físico como forma de educação.

Águeda Barreto, que também escreveu dissertação de mestrado sobre o tema, identificou que os castigos físicos são a forma com que as crianças mais reconhecem a violência. “Muitas delas não tinham tanta clareza sobre uma violência psicológica”.

A pesquisa nacional da Situação de Violência contra as crianças no ambiente doméstico, realizada pela ChildFund, concluiu, no ano passado, que no Brasil existe uma fragilidade em relação à implementação de leis que respaldam a intolerância à violência contra crianças. A ONG argumentou que a garantia de direitos preconizada no ECA ainda chega lentamente na vida

real, a exemplo da Lei Menino Bernardo).

“A efetivação de ações se dará a partir do momento em que o Governo Federal, estados e municípios atuem de forma integrada na elaboração de políticas que previnam e coíbam práticas nocivas e que a implementação aconteça com serviços operantes, monitoramento e repressão a agressores em todos os municípios do país”, argumenta o relatório da entidade.

Avanços

Entre as legislações que Águeda Barreto considera avançadas estão a Lei Henry Borel, aprovada após a morte do menino no Rio de Janeiro, em 2022, e também a 14.826, que define a “parentalidade positiva e o direito ao brincar” para prevenção

à violência contra crianças.

A promotora Renata Rivitti acrescenta ainda o valor da Lei 13.431, de 2017, que garantiu maior proteção às crianças. “A legislação determina o olhar integrado, da atenção integral, de justiça, segurança pública, saúde, conselho escolar, assistência social, educação, todo mundo trabalhando junto para prevenir, para enfrentar essa violência”.

Águeda Barreto explica que a legislação coloca como dever do Estado, da família e da sociedade, fazer a promoção de educação baseada no respeito. Para ela, são legislações que se mostraram como evoluções a partir da Lei do Menino Bernardo e do Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, uma das primeiras legislações mundiais sobre o tema.

Sobram normas e falta indignação na sociedade

Foi uma novidade considerar a criança como um sujeito de direitos, mas o desafio ainda é grande. “A gente tem percebido que a educação violenta de crianças é muito naturalizada no contexto brasileiro. Há uma cultura que nós vivemos no Brasil que a gente chama de adultocêntrica. Muitas vezes, as crianças são empurradas como uma posse do adulto”, avalia a pesquisadora.

A promotora Renata Rivitti avalia que é preciso mais pressão da sociedade para que as leis saiam do papel e funcionem no dia a dia. “A gente tem, desde 1988, legislação de primaríssimo mundo. A nossa obrigação como Poder Público, como família e como sociedade é a de combater essa violência. O principal gargalo está em conseguirmos garantir a implementação dessa legislação para

que ela de fato saia do papel”.

“Nós brasileiros não estamos ainda indignados o suficiente e cobrando. Não existe campanha, não existe alerta, não existe informação. Quanto menos se fala disso, menos a gente entende a gravidade da situação”, afirma a promotora.

É justamente para sensibilizar as famílias que exemplos como a da conselheira tutelar Viviane Dourado podem funcionar. Ela é al-

guém que segue pintando paredes, paradas de ônibus e até camisetas para falar sobre respeito e já foi até convidada para trabalhar em parceria com outros conselhos e entidades públicas. “As crianças querem brincar, ser felizes e viver a inocência”, diz. Ela sabe que alertas podem surgir por um traço, uma tinta no muro, ou um desenho de mãos dadas que pode ser mais forte do que uma palmada.

■ Brasil possui legislação eficiente para garantir direitos às crianças e adolescentes desde 1988, com a Constituição

INSCRIÇÕES ABERTAS

Cidades em PE têm 1,7 mil vagas

Prefeituras de Jaboatão dos Guararapes e de Lagoa Grande ofertam cargos de diversos níveis de escolaridade

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Atenção, concurseiros: em Pernambuco, duas prefeituras estão com 1.739 vagas para profissionais de diferentes níveis de escolaridade. A primeira delas é a Prefeitura Municipal de Jaboatão dos Guararapes, com 1.592 vagas e remuneração que varia de R\$ 1.364,26 a R\$ 9.132,43, referente a jornadas de até 40 horas semanais. Entre os cargos com mais vagas disponíveis estão os de cuidador educacional (150); auxiliar de apoio pedagógico (640); auxiliar de educação infantil (142); guarda municipal (117) e agente de combate às endemias (103). A segunda opção é a Prefeitura de Lagoa Grande, que está ofertando 147 vagas em suas principais secretarias: Saúde, Educação, Assistência Social, Agricultura, Infraestrutura e Orçamento. Os salários podem chegar a até R\$ 10.580.

Últimos dias

Aos interessados em participar do concurso de Jaboatão dos Guararapes, o processo de inscrição deve ser realizado até o dia 11 de julho no *site* da Fundação Carlos Chagas (concursosfcc.com.br), mediante o pagamento da taxa de inscrição, que vai de R\$ 80 a R\$ 250. Dependendo do



Foto: João Pedrosa

Remunerações ofertadas nos editais chegam a R\$ 10.580, a depender do cargo pretendido

cargo escolhido, os candidatos passarão por provas objetivas, discursivas, prática e de títulos. As duas primeiras estão previstas para ocorrer no dia 25 de agosto e serão compostas, respectivamente, por 100 questões de múltipla escolha e duas discursivas. De acordo com o edital, o conteúdo programático das provas inclui perguntas de Língua Portuguesa, Matemática, Raciocínio Lógico, Conhecimentos Gerais e Específicos.

Os resultados das provas objetivas e discursivas serão divulgados no dia 30 de outubro. Na sequência, os candidatos selecionados terão entre os dias 5 e 8 de novembro para apresentar seus títulos. O resultado definitivo, por sua vez, deverá ser publicado no dia 19 de dezembro.

Oportunidades

Já em Lagoa Grande, os candidatos têm até 22 de julho para garantir sua participação no certame. As inscrições devem ser efetuadas pelo *site* do Instituto de Desenvolvimento Institucional Brasileiro (idib.selecao.net.br) e custam entre R\$ 70 e R\$ 130, dependendo do nível de escolaridade do cargo pretendido. Os requisitos para participar são: ter Ensino Fundamental, Médio/Técnico ou Superior completo, experiên-

Provas

Certame em Jaboatão dos Guararapes prevê provas objetivas, discursivas, prática e de títulos. Em Lagoa Grande, candidatos farão apenas provas objetivas e de títulos

cia comprovada na área, registro no respectivo Conselho Regional e idade mínima de 18 anos. A avaliação será dividida em duas fases: prova objetiva para todos os candidatos e prova de títulos exclusiva para professores.

Prevista para 25 de agosto, a prova objetiva abordará questões de Língua Portuguesa, Raciocínio Lógico, Informática, Conhecimentos Gerais e Específicos. O resultado da avaliação e a convocação para a prova de títulos ocorrerão no dia 15 de outubro, enquanto o resultado definitivo do concurso deverá ser publicado em 11 de novembro.

Cuidador educacional: suporte a alunos com deficiência

Dentro de sala de aula, a figura do cuidador educacional é tão importante quanto a do professor. São esses profissionais que garantem a adaptação de alunos com deficiência, seja física ou intelectual, à rotina de estudo, oferecendo suporte tanto nas atividades escolares quanto em suas necessidades mais básicas, como higiene pessoal, mobilidade e alimentação. Isso inclui ajudá-los a realizar exercícios, supervisionar brincadeiras, administrar medicamentos, observar possíveis alterações de comportamento, entre outras ações. Ou seja, ele está sempre presente para garantir o desenvolvimento integral do estudante, independentemente do desafio.

Além disso, o cuidador educacional também atua como mediador entre a escola e a família, garantindo que as necessidades específicas de cada aluno sejam atendidas de maneira adequada. Ao proporcionar uma assistência personalizada e atenta, ele cria condições para que os estudantes possam alcançar seu pleno potencial. É o que aponta Monique Rocha de Araújo, analista do comportamento, pedagoga

e supervisora de cuidadores. “O cuidador no ambiente escolar é um profissional de apoio para os alunos de inclusão; é ele quem os auxilia conforme as suas demandas específicas”, observa.

Quando uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta algum desconforto em permanecer em sala ou dificuldade em interagir com o próprio conteúdo da aula, o cuidador é quem facilita esse processo. Por isso, segundo Monique, empatia, paciência e sensibilidade são atributos imprescindíveis para que esse profissional seja capaz de proporcionar suporte emocional e prático ao aluno. Outra característica igualmente crucial é a capacidade de adaptar estratégias conforme as diversas situações que surgem no cotidiano.

Qualificação

Embora não seja exigida uma formação superior para esse profissional, há diversos cursos disponíveis que buscam qualificá-lo no âmbito da Educação Especial. Por meio de conteúdos teóricos e práticos, eles aprendem técnicas de



Foto: Dayse Euzébio/Secom-PE

Profissional ajuda aluno a realizar exercícios, além de supervisionar brincadeiras e observar alterações de comportamento

inclusão, estratégias de comunicação e manejo comportamental. “Também é muito importante adquirir conhecimentos sobre estimulação precoce, psicologia do desenvolvimento e neurociências - cognitiva e comportamental”, complementa a especialista.

Mas, como Monique bem ressalta, o fato de a profissão não ser regulamentada contribui, e mu-

to, para sua desvalorização. Segundo ela, por mais que a presença de cuidadores nas escolas seja obrigatória no país, muitos desses profissionais só contam com Ensino Fundamental. “Por isso, é muito importante que eles busquem uma formação contínua para oferecer cada vez mais um serviço especializado. Um cuidador bem capacitado faz toda a diferença na vida

do aluno”, destaca.

Além da falta de regulamentação, a profissão é permeada por inúmeros desafios, desde a falta de recursos pedagógicos até problemas de acessibilidade nas escolas. No entanto, um dos maiores obstáculos, segundo Monique, é a ausência de um plano de ensino individualizado que garanta a interação do aluno com o conteúdo.

Requisitos básicos

No concurso da Prefeitura Municipal de Jaboatão dos Guararapes, há 150 vagas disponíveis para o cargo de cuidador escolar. O salário oferecido é de R\$ 1.412 por uma jornada de trabalho de 40 horas semanais. Para concorrer, o candidato deve apresentar certificado de conclusão do Ensino Médio/Técnico e experiência comprovada de um ano na função.

Selic

Fixado em 19 de junho de 2024

10,50%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

-0,46%

R\$ 5,462

Euro € Comercial

-0,20%

R\$ 5,921

Libra £ Esterlina

+0,07%

R\$ 7,002

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Mai/2024 0,46

Abril/2024 0,38

Março/2024 0,16

Fevereiro/2024 0,83

Janeiro/2024 0,42

Ibovespa



DE OLHO NA SORTE

Bets ganham gosto popular mas comprometem renda

Pesquisa mostra que 63% dos brasileiros já perderam dinheiro com apostas

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Em sites, outdoors, redes sociais e televisão. As propagandas de apostas esportivas, também chamadas de *bets*, estão por toda parte, e cada vez mais brasileiros têm se rendido a uma diversão que pode parecer inocente, porém não é. De acordo com o estudo “Efeito das apostas esportivas no varejo brasileiro”, realizado pela Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (SBVC) e pela AGP Pesquisas, 38% dos entrevistados já realizaram apostas on-line, sendo que mais de 50% deles o fazem ao menos semanalmente e 63% já perderam dinheiro dessa forma.

Para o atendente Jhúlio Fernando de Miranda, as perdas fazem parte da prática. “Acho que todo mundo que aposta já perdeu. Tem que apostar o que se pode perder, o que não vai fazer falta para pagar uma conta de água, de luz. O grande problema das apostas é o vício”, avaliou.

Ele contou que leva as apostas a sério desde que a prática foi legalizada no Brasil (Lei nº 14.790/23, sancionada em janeiro). “Já perdi bastante no início, mas nunca apostei alto, então eu perdia R\$ 5, R\$ 10. Mesmo assim, fazia falta. Eu pensava que



Propagandas de apostas esportivas estão por toda parte

podia ter saído com meus amigos em vez de ficar apostando”, comentou.

Ainda assim, ele afirmou que sabe se controlar e não insiste nas apostas quando percebe que está perdendo dinheiro. “Hoje em dia eu ganho mais do que perco”, afirmou.

Jhúlio contou que sempre gostou muito de esportes e foi daí que nasceu o interesse pelas *bets*, pois parecia seguro apostar

em algo que ele tinha muito conhecimento. Sua preferência é pelo futebol, mas ele disse que recentemente também começou a apostar em basquete.

Ele disse que consegue ganhar um pouco de dinheiro, mas acredita que muitos influenciadores fazem propagandas irresponsáveis. “Tem gente que divulga ganhos enormes e tem um estilo de vida extravagante. Eles até podem ter ga-



Acho que todo mundo que aposta já perdeu. Tem que apostar o que se pode perder, o que não vai fazer falta

Jhúlio Fernando

nhado o dinheiro apostando, mas pra isso eles fazem apostas muito altas. É uma coisa irreal, mas muita gente acredita e acaba se viciando achando que vai ficar rico”, atestou.

“Apostas são perigo para orçamento familiar”

Se a ideia é ganhar dinheiro, apostar é o caminho errado, de acordo com o economista Lucas Milanez. Ele avaliou as *bets* como “perigosas para o orçamento familiar” e destacou que essas atividades são desenvolvidas de forma a gerar uma ilusão de que sem-

pre se pode ganhar. “O que não é verdade, porque se fosse, não haveria empresas lucrativas com isso”, comentou.

Para ele, se a pessoa está com dinheiro sobrando e quer ganhar mais, deve aplicar esse dinheiro em um fundo de investimento para ter uma rentabilidade, “não em um lazer viciante, que tem um potencial nocivo”, argumentou.

Lucas Milanez lembrou ainda que, embora não seja novidade, esse tipo de aposta só foi legalizada recentemente e avaliou que a regulamentação ainda é muito frouxa, com propagandas em excesso.

Pesquisa

Ainda segundo a pesquisa da SBVC, neste ano, 49% dos entrevistados que apostam aumentaram a quantidade de *bets* realizadas nos últimos meses, contra 35% que diminuíram (principalmente devido ao medo do vício). Esse aumento na realização de apostas esportivas on-line pode ter um efeito negativo sobre o consumo, uma vez que 64% utilizam a renda principal para apostar.

O estudo mostrou ainda que 63% dos entrevistados já se prejudicaram pelo menos uma vez com o uso da renda principal para realizar apostas, sendo que 24% afirmam ter problemas com certa fre-

quência e, 3%, sempre.

As categorias mais prejudicadas até o momento têm sido vestuário (23%), itens de mercado (19%) e viagens (19%), embora os efeitos negativos das apostas esportivas on-line também apareçam até mesmo no pagamento de contas de água, luz e gás (11%). O impacto é mais pronunciado nas classes C (54% dos apostadores) e B (33%). “É um público que experimenta restrições de renda e, movidos pelo desejo de uma renda extra aparentemente fácil de obter, arriscam a sorte”, afirmou o presidente da SBVC, Eduardo Terra.

O estudo “Efeito das apostas esportivas no varejo brasileiro” ouviu 1.337 consumidores de todas as regiões do país, em um painel on-line quantitativo com um perfil amostral que representa a demografia da população brasileira.

Bolsa Família

Pesquisa do Datafolha revelou que 17% dos beneficiários do Bolsa Família apostam ou já fizeram apostas on-line. Desses, quase um terço relata gastar ou ter gasto mais de R\$ 100 por mês. Seis em cada 10 dizem apostar mais de R\$ 50 por mês. A pesquisa apontou também que as apostas têm maior adesão entre homens jovens.

As entrevistas, realizadas com 2.004 pessoas em 135 municípios, ocorreram em dezembro de 2023, mês em que o Bolsa Família havia repassado uma média de R\$ 680,61 para mais de 21 milhões de famílias.

Como funciona

Para apostar, primeiro é necessário criar uma conta em algum site de apostas e depositar algum dinheiro para, a partir daí, escolher qual aposta deseja fazer com esse saldo. As mais simples consistem em escolher qual time deve vencer uma determinada partida. Também é possível fazer apostas mais elaboradas, como quantas defesas um determinado goleiro fará ou quantos chutes a gol serão realizados por um certo jogador.

No momento da aposta, o site já informa quais serão os possíveis ganhos. No caso de quatro, por exemplo, significa que quem deu o palpite correto ganhará quatro vezes o valor apostado.

As apostas em futebol são mais comuns, mas muitos sites oferecem apostas em partidas de vôlei, basquete e tênis, entre outros esportes. Além das apostas esportivas, muitos sites de *bets* também funcionam como cassinos on-line, com jogos de cartas, roletas etc.



Se a pessoa está com dinheiro sobrando e quer ganhar mais, deve aplicar esse dinheiro em um fundo de investimento

Lucas Milanez

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Emprego formal em João Pessoa registra novo recorde

Em maio deste ano, João Pessoa criou 1.235 novos postos de trabalho com carteira assinada, mantendo o ritmo de saldos positivos desde o início do ano. Com isso, o número total de trabalhadores formais na cidade atingiu 205,1 mil, destacando-se pelo forte crescimento econômico e pela forte geração de empregos.

No primeiro trimestre de 2024, a taxa de desocupação em João Pessoa permaneceu estável em 10,6%, abaixo da média nordestina de 11,5%. Esse resultado representa um desempenho abaixo da média histórica de 11,05% da cidade, marcando o melhor índice desde 2018.

João Pessoa lidera o crescimento do emprego formal, registrando um aumento de 0,61% em maio, superando a média nacional (0,28%), da Paraíba (0,36%) e do Nordeste (0,41%). De janeiro a maio, a cidade apresenta um crescimento acumulado de 3,10% nos empregos formais, destacando-se frente ao índice paraibano (0,63%), nordestino (1,24%) e brasileiro (2,39%).

Os setores econômicos de João Pessoa demonstraram expansão em maio, com todos os principais segmentos apresentando crescimento positivo. O setor de serviços liderou as contratações com 404 novos postos de trabalho, seguido pela construção (395), comércio (365), indústria (41) e agropecuária (30). Em termos percentuais, a agropecuária teve o maior crescimento, com 4,54%, seguida pela construção (1,41%), comércio (0,79%), serviços (0,36%) e indústria (0,25%).

No acumulado de 2024, João Pessoa acumula um saldo positivo de 6.161 novos empregos formais, refletindo um marco significativo em comparação aos anos anteriores. Este resultado superou toda a geração de empregos de 2022 e 2023 somados. O setor de serviços se destaca como principal impulsionador desse crescimento, com 3.940 novos postos criados, seguido pela construção, com 1.858.

Em relação à distribuição por gênero, 65,8% das novas vagas foram ocupadas por homens e 34,2% por mulheres em 2024. Esse dado reflete a demanda crescente por mão de obra na construção civil, especialmente em funções como ajudantes de obras e trabalhadores gerais. Nos serviços administrativos, houve uma contratação equilibrada entre homens e mulheres, com ligeira vantagem masculina. No setor de vendas do comércio, os homens predominaram, enquanto nas áreas de educação, saúde e técnicas, as mulheres ocuparam a maioria das novas vagas na capital.

O crescimento do emprego formal em João Pessoa impulsiona significativamente a economia local e o bem-estar das famílias. Com mais trabalhadores empregados, há um aumento no consumo, beneficiando diversos setores, desde o comércio até o setor de serviços, e proporcionando impactos positivos no mercado imobiliário, com crescente demanda por moradias e novos empreendimentos.

Olhando para o futuro, as perspectivas para a cidade são ainda mais promissoras com a chegada de novos empreendimentos e a expectativa de manutenção do crescimento sustentado. Investimentos contínuos em infraestrutura e iniciativas para fomentar o empreendedorismo devem consolidar João Pessoa como um polo de crescimento regional, beneficiando tanto os empreendedores quanto a população local, que desfruta de um ambiente acolhedor e com melhorias significativas.

DESTAQUE INTERNACIONAL

Brasil em alta na produção de lítio

Metal se torna essencial para a transição energética, impulsionado pela demanda crescente por energia limpa

Agência Gov

O Brasil, com a quinta maior reserva mundial de lítio, tem potencial para saltar de 2% para cerca de 25% da produção global do mineral nos próximos anos, de acordo com a consultoria A&M Infra.

O lítio tem ganhado destaque no cenário mundial, impulsionado pela crescente demanda nos setores de transporte e energia limpa. O metal se tornou peça fundamental para a transição energética, estimulando governos, montadoras, concessionárias e empresas de diversos segmentos a aumentarem seus planos de investimento para participar e contribuir com esse ambiente em transformação.

O Ministério de Minas e Energia (MME) estima que os investimentos para a produção do lítio no país vão atingir R\$ 15 bilhões até 2030. É a mesma cifra com a qual trabalha o governo de Minas Gerais, apenas para os aportes que serão feitos no estado, que detém a maior reserva do mineral no país, o que significa que os recursos poderão ser maiores do que prevê o MME.

Baseado nesse cenário, essa semana, durante abertura do painel “Ações do Serviço Geológico do Brasil (SGB) no fomento à pesquisa mineral e ao desenvolvimento da cadeia produtiva do lítio”, o assessor da Diretoria de Geologia e Recursos Minerais (DGM) Anderson Dourado, disse que a participação do SGB no setor de lítio é fundamental para o desenvolvimento sustentável das indústrias relacionadas ao setor mineral.

Segundo ele, “fornecemos mapeamentos detalhados e dados geológicos essenciais, facilitando a identificação e avaliação de depósitos de lítio. Além disso, o suporte técnico do SGB é vital para atrair investimentos e fomentar o desenvolvimento econômico regional e nacional”.

Além disso, os pesquisadores do SGB ministraram palestras, abordando projetos realizados pela instituição, como: Avaliação do Potencial de Lítio no Brasil, Modelagem e Potencial Mineral de Pegmatitos Litíferos na Província da Borborema, Tecnologias Geofísicas na Prospecção de Pegmatitos, entre outros.

Para a chefe do Departamento de Recursos Minerais, Maisa Abram, a execução do projeto Lítio no Vale do Jequitinhonha e na Província Borborema propiciou, de forma significativa, o aumento nos processos de pesquisa para o lítio daquelas regiões, trazendo investimentos de empresas do setor. “Dessa forma, o SGB cumpre o papel de fomentar investimentos em pesquisa onde seus projetos são executados”, esclareceu.

■ SGB fornece mapeamentos e dados geológicos para a identificação de depósitos de lítio



Foto: José Patrício/Estadão Conteúdo

Avaliação do mineral no país, iniciada em 2012, traz uma significativa melhora do nível de conhecimento das concentrações de lítio proporcionada pelos estudos do SGB

Serviço Geológico do Brasil apresenta pesquisas

Na apresentação sobre o projeto “Avaliação do Potencial do Lítio no Brasil: área do Médio Rio Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais – Resultados no fomento a empreendimentos mineiros”, o geólogo Vinicius Paes falou da importância do SGB em apresentar às comunidades nacional e internacional do setor as suas ações.

Segundo ele, “a avaliação do lítio no país, iniciada em 2012, traz uma significativa melhora do nível de conhecimento das concentrações de lítio proporcionadas pelos estudos do SGB, envolvendo os seus aspectos descritivos e genéticos, seus guias prospectivos e sua potencialidade, e tem como consequência palpável o incremento acentuado da atividade de pesquisa mineral e a descoberta de novas e significativas reservas do metal no país”.

Mônica Perrotta abordou a construção da biblioteca de assinaturas espectrais de minerais de lítio presentes nos depósitos hospedados em pegmatitos. As análises que deram origem a essa biblioteca de mais de 2.000 assinaturas foram realizadas no Laboratório de Sensoriamento Geológico e Espectroscopia Mineral da Divisão de Sensoriamento Remoto e Geofísica (Disege), utilizando centenas de amostras coletadas nos projetos do SGB, de Avaliação do Potencial

Disege

Laboratório de Sensoriamento Geológico e Espectroscopia Mineral gerou biblioteca de mais de 2.000 assinaturas

de Lítio no Brasil, nas regiões do Médio Vale do Jequitinhonha e da Província Borborema.

Perrotta disse ainda que assinatura espectral é o gráfico da intensidade da energia refletida pelos materiais, em função do comprimento de onda, como resposta da incidência da luz. Diferentes tipos de superfície — como a água, o solo descoberto, a vegetação e os minerais — refletem a radiação com intensidade diferente, conforme os comprimentos de onda do espectro eletromagnético.

Segundo o geólogo Diego Guilherme, durante sua palestra sobre “Tecnologias Geofísicas na Prospecção de Pegmatitos: uma nova fronteira”, o SGB está utilizando sensores geofísicos para identificar novas ocor-

rências de pegmatitos, que são fontes de lítio, no Vale do Jequitinhonha. “A técnica se baseia no contraste de resistividade, que serve como um guia eficaz na pesquisa de novos depósitos”.

Já o geógrafo Rogério Celestino comentou sobre a aplicação da Modelagem de Potencial Mineral na pesquisa de pegmatitos contendo lítio, tomando como exemplo a província Pegmatítica da Borborema, que visa identificar áreas potenciais para a exploração de lítio.

“Nosso enfoque está na integração de diversos tipos de dados geológicos, geofísicos e geoquímicos, permitindo a construção de modelos exploratórios baseados no conceito de Sistemas Minerais, que auxiliam na identificação de alvos promissores para a exploração mineral. Essa abordagem otimiza os recursos e esforços de exploração e também proporciona uma base científica sólida para o desenvolvimento sustentável e estratégico do setor mineral no Brasil”, explicou o geógrafo.

O chefe da Divisão de Geologia Econômica (Digeo), Guilherme Ferreira, apresentou as ações do Projeto Avaliação do Potencial de Lítio no Brasil, que atualmente está na fase 3, com duas áreas concomitantes. A área do leste de Minas e a área de Solonó-

pole, no Ceará.

Ferreira anunciou algumas ações que serão feitas no futuro, como o início dos levantamentos de dados geoquímicos de alta densidade em toda a Província Pegmatítica. “Estamos iniciando novos levantamentos geoquímicos regionais de solo, sedimento de corrente e concentrado de bateia, que deve cobrir toda a Província Pegmatítica Oriental do Brasil, contemplando o Médio Jequitinhonha e o leste de Minas Gerais. Essas são áreas com potencial reconhecido para lítio, e esses dados podem fomentar novas descobertas nessas regiões”.

“

A avaliação no país traz uma melhora do nível de noção das concentrações de lítio apontadas pelo SGB

Vinicius Paes

Paraíba e Rio Grande do Norte no foco de estudo

Iniciado em 2012, pelo Serviço Geológico do Brasil (SGB), o Projeto Avaliação do Potencial do Lítio no Brasil tem estudado o potencial do lítio em várias regiões. A primeira fase, concluída em 2016, focou no Distrito Pegmatítico de Araçuaí, no Médio Rio Jequitinhonha, em Minas Gerais.

A segunda fase estudou a Província Pegmatítica da Borborema, na Paraíba e Rio Grande do Norte. Em 2022, a terceira fase foi

lançada, abrangendo uma extensa área no leste de Minas Gerais, que inclui o Distrito Pegmatítico de São José da Safira e a Subprovíncia Pegmatítica de Solonópole, no Ceará.

Com esse projeto, o SGB tem fomentado, de maneira decisiva, a pesquisa mineral de lítio no país, contribuindo para o desenvolvimento da cadeia produtiva do metal e posicionando o Brasil como potencial líder no cenário global de produção de lítio.



Fotos: Mateus de Medeiros / Ascom Secties

Edital “Conectando Startups” é uma iniciativa da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba

FONTES RENOVÁVEIS

PB incentiva transição energética

Governo do Estado lança o “Conectando Startups”, conjunto de políticas públicas para reduzir as emissões de carbono

A atual transição energética tem sido apontada como um dos grandes pilares para o crescimento econômico e social dos países, de forma justa e inclusiva. Trata-se da passagem da geração de energia a partir dos combustíveis fósseis - que emitem carbono - para uma com baixa ou zero emissão de carbono, baseada em fontes renováveis. Tal substituição envolve demandas para a ciência, a tecnologia e a criação de soluções inovadoras, o que gera novas oportunidades para o ensino acadêmico, para o mercado de trabalho e para o empreendedorismo. Nesse contexto, o Governo do Estado da Paraíba lança um conjunto de políticas públicas, o “Conectando Startups”, focado em transição energética, um setor fundamental para o desenvolvimento socioeconômico da Paraíba.

O edital “Desafios Tecnológicos e Inovação - Conectando Startups - Transição Energética” está aberto até o dia 25 deste mês. Os recursos financeiros são exclusivamente oriundos do Tesouro Estadual na ordem de R\$ 1,5 milhão e disponibilizará até R\$ 150 mil para cada projeto selecionado. É uma iniciativa da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secities-PB), em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB).

“O Estado hoje chama a atenção pelo desenvolvimento de energias renováveis tipo eólica e solar e o

editado tem o objetivo de fomentar o desenvolvimento de soluções que possam agregar valor às empresas do estado para que elas possam impactar o nosso Parque Tecnológico Horizontes de Inovação”, explica Claudio Furtado, secretário da Secities-PB. É uma mudança de paradigma de todo o sistema e abre vantagens não apenas para o clima, mas para a economia e a sociedade.

A transição energética é um conjunto de instrumentos para alcançar os objetivos relacionados ao aumento da temperatura global, conforme determinado pelas Conferências das Nações Unidas

sobre as Mudanças Climáticas, realizadas anualmente, conhecidas pela sigla COP. O Brasil sediará a 30ª no próximo ano.

A energia é o combustível de setores importantes para o desenvolvimento econômico como a indústria e os transportes. Uma análise histórica demonstra que o processo de transição energética não é novo. Da madeira para o carvão no século 19; do carvão para o petróleo, no século 20, e hoje em dia, a busca por aquela que menos gera gases que desequilibrem o efeito estufa.

O que diferencia esta transição das anteriores é a



Secretário de Estado Cláudio Furtado lidera as ações

urgência, pois a temperatura média anual global se aproximou de 1,5 grau Celsius acima dos níveis pré-industriais. Os cientistas alertam que é um limite perigoso, gatilho para a aceleração de eventos climáticos e que aumentam as chances de ocorrerem catástrofes.

Portanto, o conjunto de soluções a serem propostas pelos candidatos neste edital devem fluir para os nichos de energias renováveis, eficiência energética, descarbonização, digitalização, transição justa ou integração de setores.

Mas o que é efeito estufa? O efeito estufa é um fenôme-

no da natureza, uma troca de energia entre a superfície e a atmosfera, um dos agentes para o equilíbrio entre o frio e o calor no Planeta. “É a presença desses gases na atmosfera o que torna a Terra habitável, pois, caso não existissem naturalmente, a temperatura média do planeta seria muito baixa, da ordem de 18 °C negativos. A temperatura média global de 14 °C próximo à superfície é mantida por meio desse fenômeno” (MMA/Brasil).

O problema é que a balança está pesando para o lado gasoso na atmosfera, com o aumento do dióxido de carbono (CO2), desequilibrando

o sistema. A energia refletida na forma de calor, devido a mudanças na concentração de gases de efeito estufa na atmosfera, é maior. O CO2 é o gás mais abundante no Planeta e é o mais produzido na atividade humana, principalmente pelo transporte e pela indústria.

Por isso, a descarbonização é urgente e necessária, o que significa encontrar meios de abastecimento que diminuam a produção de gases.

A atuação do Governo do Estado, por meio da Secities-PB, na criação de políticas direcionadas a essas demandas do mercado toma esta direção. Na avaliação de Euler Macedo, professor do curso de Engenharia Elétrica e diretor do Centro de Energias Alternativas Renováveis (CeAr) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o estado se destaca na capacidade técnica e inventiva tanto dos docentes quanto dos alunos. “Com isso a gente consegue desenvolver tanto a parte de *hardware* quanto de *software* que façam melhorias ou otimizações nessa geração de energia renovável”.

Sobre o edital, o diretor do Centro de Energias Renováveis da UFPB, Euler Macedo, complementa: “uma empresa nascente precisa validar o seu modelo de negócios e muitas vezes estudantes de graduação ou pós-graduação não têm essa condição financeira. Com esse tipo de edital o governo fomenta a criação e a concretização dessas empresas”.

Energias renováveis são propostas para além do sol e do ar

A abrangência do conceito de energias renováveis ultrapassa a geração de energia solar e eólica e abre uma série de aplicações. O professor Euler Macedo menciona as frentes de atuação nessa área, usadas como base na prática do ensino acadêmico: “No curso de Engenharia Elétrica há pesquisas em utilização otimizada da energia, o desenvolvimen-

to de novas tecnologias de instrumentação eletrônica e sensoriamento e diversas outras aplicações. No curso de Energias Renováveis nós temos o desenvolvimento de novos materiais aplicados à energia, a parte de biocombustíveis. Ou seja, desde a parte elétrica e eletrônica quanto a parte de materiais e técnica, isso tudo está relacionado com esse momento

que é a transição energética”, informa Macedo.

Um fato ilustrativo do que o diretor do CEAR-UFPB fala é encontrado na Paraíba. Como destacou o secretário Claudio Furtado, “o Estado hoje chama a atenção pelo desenvolvimento de energias renováveis tipo eólica e solar”. Sobre isso, informações da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel)

dão conta de que 46% da potência fiscalizada (em operação) na Paraíba é de origem eólica, e 27,65% vêm das fotovoltaicas (solar). Há 42 empreendimentos eólicos e 27 usinas solares.

O professor Euler falou sobre um caso emblemático de um projeto que vislumbrou a geração de energia fotovoltaica na qual foi empregada uma solução ino-

vadora criada na universidade. “É uma aplicação que utilizou inteligência artificial para fazer o posicionamento de painéis de energia solar. O produto foi validado em uma grande usina fotovoltaica em Coremas, uma cidade paraibana. O resultado foi o aumento da geração de energia em mais de 7% no dia, a partir do uso dessa inteligência artificial”.

O sucesso tem impacto financeiro para a empresa e repercute para o estudante por ter sua pesquisa aplicada, chegando na ponta, constataando o resultado de forma efetiva. Esse exemplo pode ser enquadrado no processo de digitalização das redes que permite a criação de redes inteligentes, abrindo o caminho para novos serviços aos consumidores.

BICHO-PREGUIÇA

Animal busca por sossego na cidade

Destruição do hábitat natural força a procura por refúgio em áreas urbanas e coloca espécie em risco

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A máxima “Devagar se vai ao longe” cabe muito bem para o bicho-preguiça, um dos animais mais tranquilos da natureza, famoso por seus movimentos lentos, quase em câmera lenta. Mas esses mamíferos dorminhocos (sim, eles podem dormir até 15 horas por dia) não estão mais desfrutando do sossego do seu hábitat natural.

Na Paraíba, em vez de permanecerem na copa das árvores, dentro das reservas ecológicas do estado, eles frequentemente são flagrados atravessando a Rodovia BR-101, em direção ao Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa.

No caso mais recente, uma preguiça foi flagrada dormindo dentro de um rack – estrutura que armazena e organiza diferentes componentes de instalações de redes –, entre os cabos de internet. Episódios inusitados como esse não só chamam atenção, como levantam uma pergunta importante: o que está afugentando esses animais para as zonas urbanas?

A bióloga Marília Paz, mestre em Ecologia pela UFPB, onde também já realizou trabalhos de educação ambiental e observação de preguiças, tem a resposta: o desmatamento. Segundo a especialista, que atua hoje na Divisão de Fauna da Sudema (Superintendência de Administração do Meio Ambiente), a destruição do hábitat natural – áreas remanescentes de Mata Atlântica – gera uma proximidade maior de fragmentos florestais com a cidade.

“Devido ao avanço da urbanização e da agropecuária, as preguiças vêm perdendo os nichos que ocupam na natureza e podem ser avistadas em bordas de mata de fragmentos florestais urbanos, correndo sérios riscos ao se deslocarem pelo solo”, aponta.

Invasão urbana

Por serem arborícolas (vivem nas árvores) e se alimentam exclusivamente de folhas e brotos, esses animais são severamente prejudicados pelo desmatamento, já que dependem da vegetação nativa para sobreviver.

Quando a área é desmatada, o bicho-preguiça se desloca em busca de uma nova área de floresta. Essa ação os coloca em perigo. “Ao atravessar ruas e avenidas, pelo solo, as preguiças podem ser atropeladas ou até capturadas por traficantes de animais silvestres. Elas também podem utilizar a fiação elétrica como meio de locomoção, ficando expostas a choques elétricos que podem ser fatais ou causar ferimentos graves, como a perda de membros”, observa a bióloga.

Para se ter uma ideia, somente em João Pessoa, o Batalhão de Polícia Ambiental da Paraíba já resgatou 26 preguiças entre janeiro e maio deste ano. Segundo a tenente Telma Lúcia da Silva, chefe do setor de comunicação social do Batalhão Ambiental (BPA), os bairros

com maior incidência de resgates são Castelo Branco e Bancários, devido à proximidade com áreas de mata. “Os acidentes mais comuns envolvendo os bichos-preguiça são os atropelamentos em vias públicas”, destaca a tenente. Ela também menciona que, ao saírem do hábitat natural, esses animais estão expostos a ataques de animais domésticos, e podem ter dificuldade em encontrar alimentos.

Recomendações

Quando um bicho-preguiça é encontrado em situação de risco, a primeira recomendação é manter distância. Por mais amistoso que ele possa parecer, suas três fortes garras em cada membro podem causar ferimentos graves.

Sobre essa interação, a bióloga Marília Paz explica que, de fato, pode ser negativa, já que as pessoas tendem

a humanizar o comportamento do animal. “Quando a preguiça abre os braços em nossa direção, achamos que ela quer nos abraçar, mas, na verdade, essa é uma posição de defesa em que o animal está pronto para desferir golpes com suas garras”, alerta.

Por isso, tanto a bióloga quanto o Batalhão Ambiental orientam a população a ligar para o 190, que é o telefone da Polícia Militar. “Não tente tocá-la ou movê-la, pois isso pode estressá-la. Em seguida, isole a área para evitar que outras pessoas ou animais se aproximem”, complementa a tenente Telma.

O BPA está preparado para realizar o resgate de forma segura. Quando o animal encontrado está saudável, ele é devolvido ao hábitat natural; mas se estiver ferido, é levado ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas).



Apesar de parecer amistoso, o mamífero tem garras que podem causar ferimentos graves em pessoas que tentarem pegá-lo



Fotos: Kenny Rogers/Colaboração

Bicho-preguiça escapa da Mata Atlântica e é encontrado dentro de um rack na Universidade Federal da Paraíba

Saiba Mais

Metabolismo lento deu origem à fama de preguiçoso

Na Paraíba, é encontrada a espécie *Bradypus variegatus*, conhecida popularmente como “bicho-preguiça comum” ou “preguiça-de-garganta-marrom”. De acordo com a bióloga Marília Paz, o hábitat natural dela é a Floresta Neotropical, que está presente em biomas como o da Mata Atlântica e da Amazônia. São mamíferos placentários de médio porte, com pelagem espessa e modo de vida arborícola, alimentando-se de folhas e brotos.

A fama de preguiçosa se deve ao seu metabolismo lento, que demora mais para digerir os alimentos. Para se ter uma ideia, o animal faz suas necessidades fisiológicas apenas uma vez por semana. Outra peculiaridade é a presença de uma vértebra extra na base do pescoço, que permite à preguiça virar a cabeça em até 270°. Além disso, elas não enxergam muito bem e dependem mais do olfato para interagir com o ambiente.

Proximidade com a natureza torna as aparições do bicho comuns na UFPB

Além da aparição do bicho-preguiça no rack de internet da UFPB no início de maio, Marília Paz relata que esses animais já foram encontrados em salas de aula, corredores, telhados e até pendurados em motos, pneus de carros e bicicletas. Essas visitas não ocorrem por acaso, já que a universidade está localizada em meio a um reduto de Mata Atlântica, o que torna essa interação com a fauna silvestre mais natural.

A UFPB, inclusive, possui corredores ecológicos suspensos, instalados pela Superintendência de Infraestrutura (Sinfra), para viabilizar o trânsito de animais entre os fragmentos de mata da instituição.

Para entender como se dá essa convivência, o Jornal A

União entrou em contato com a Sinfra, responsável pelo gerenciamento das atividades relacionadas à infraestrutura da instituição.

Sobre o caso específico do bicho-preguiça no rack de internet, a UFPB informou, em nota, que os seguranças resgataram o animal e o devolveram à mata sem ferimentos. A universidade também esclareceu que a aparição de preguiças em espaços urbanizados internos ocorre de forma esporádica e não é quantificada, pois se trata de uma ocorrência comum no campus.

“Quando esses animais são avistados, a vigilância os captura e os devolve ao seu hábitat natural. A detecção desses animais geralmente ocorre quando pessoas os avistam e enviam fotos para a

segurança, indicando a localização para o resgate”, afirmou a UFPB em nota.

Além disso, a UFPB conta com uma Comissão de Gestão Ambiental (CGA) e projetos de extensão que envolvem a proteção dos animais, como a iniciativa “Animais Comunitários”, que distribui faixas pelo campus alertando sobre a presença de animais na pista. “Os bichos-preguiça habitam, principalmente, as matas dentro da UFPB. É raro encontrá-los fora dessas áreas naturais e nas vias dentro do campus”, finaliza.

Apesar dessa informação, no dia em que a equipe de reportagem entrou em contato com a UFPB, uma preguiça havia sido fotografada na grade de acesso à universidade, no bairro Castelo Branco.

BRASILEIRO

Belo enfrenta São Bernardo amanhã

Botafogo vai em busca de sua oitava vitória e de manter a invencibilidade na Série C

Danrley Pascoal
danrley.p@gmail.com

O Botafogo enfrenta o São Bernardo-SP amanhã no Estádio Primeiro de Maio, no ABC Paulista, às 20h, pelo Campeonato Brasileiro Série C. O Belo vai em busca da sua oitava vitória na competição, o que superaria os sete triunfos conquistados na fase classificatória da edição do ano passado. Este será apenas o segundo encontro entre as duas equipes em toda história, atuaram também pela terceira divisão em 2023, quando empataram em 0 a 0.

Para seguir sem ser derrotado, será preciso que o clube paraibano desbanque um dos postulantes ao acesso à Série B. O São Bernardo ocupava na abertura desta rodada, a quarta colocação na tabela de classificação, tendo 21 pontos, três a menos que o Belo. O técnico Evaristo Piza comentou sobre o adversário de amanhã e ressaltou a dificuldade que sua equipe deve enfrentar contra o time paulista.

“Será um jogo difícil, é uma equipe candidata também à classificação e ao acesso, que tem um grande investimento e um elenco qualificado. Eu assisti o jogo que eles ganharam de 4 a 0 do Athletic Club-MG. Eles tiveram mérito nesse resultado, vinham de dois resultados ruins em casa. Então, temos que ter cuidado. É um adversário que joga com três zagueiros, transformando numa li-



Foto: Cristiano Santos/Botafogo

Depois de vencer a Aparecidense por 4 a 3, no Almeidão, o Botafogo tem um novo desafio amanhã pelo Campeonato Brasileiro da Série C, no interior de São Paulo, pela décima segunda rodada

nha de cinco no momento defensivo e quando passa a atacar vira um 3-2-5, ou seja, defende com cinco e ataca com cinco”, disse Piza em coletiva.

Bom momento

Fora de casa, o Alvinegro busca manter sua invencibilidade de 18 jogos. Na Série C são 10 partidas sem ser derrotado, acumulando sete vitórias e três empates. A última vez que o Botafogo perdeu foi há pouco mais de três meses, no dia 16 de março, contra o Atlético de Cajazeiras, ainda pela primeira fase do Campeonato Paraibano. A sequência positiva foi iniciada no empate em 0 a 0 contra o Treze, fora de casa, pela fase de grupos da Copa do Nordeste.

Com 24 pontos, o Alvinegro tem seis pontos a menos que o total con-

quistado nas 19 partidas da primeira fase da Série C de 2023, quando terminou na sexta posição com 30 pontos. Além disso, a equipe já alcançou a mesma quantidade de vitórias daquela edição com nove rodadas de antecedência, sete triunfos. Se somar mais cinco pontos, o Belo iguala a pontuação da última equipe classificada ao quadrangular final do ano passado.

O adversário

Depois de empatar em 0 a 0 com o Sampaio Corrêa-MA e ser derrotado por 2 a 1 para o Figueirense-SC, ambos no Estádio Primeiro de Maio, o Tigre do ABC se reabilitou após vencer o líder Athletic Club-MG de goleada, fora de casa, na última rodada. A equipe ganhou dos minei-

ros por 4 a 1 e entrou de vez na briga pela liderança da Série C. O confronto de amanhã entre Botafogo e São Bernardo, marca o encontro de dois times com grande potencial de finalizar a primeira fase com a melhor campanha.

Até o momento, o Tigre tem um desempenho regular na terceira divisão, nas 11 partidas que disputou, venceu seis, empatou três e perdeu duas. O principal ponto positivo do time é seu ataque, que fez 20 gols, só o Athletic Club-MG marcou mais tentos, 24. A vitória em casa fará o clube paulista ultrapassar o Botafogo na tabela de classificação.

Arbitragem

Murilo Ugolini Klein (CBF-PR) é o árbitro do confronto entre

paulistas e paraibanos. Sidmar dos Santos Meurer (CBF-PR) e João Fabio Machado Brischiliari (CBF-PR) são os assistentes. O quarto árbitro é Guilherme Francisco Maciel da Silva E Rosário (CBF-SP).

Jogos do dia

Três jogos movimentam a 12ª rodada da Série C neste domingo: às 16h30, Figueirense enfrenta o Athletic Club no Orlando Scarpelli; Tombense e Náutico, em Tombos, e Confiança e Ypiranga, no Batistão, que acontecem às 19h. Amanhã, além de São Bernardo e Botafogo, tem Caxias e Remo, no Estádio Centenário, e São José e Floresta, no Francisco Novelletto, todos às 20h.

Galo encara o Maracanã no Amigão

Danrley Pascoal
danrley.p@gmail.com

Classificado para o mata-mata, o Treze enfrenta o Maracanã, hoje, pela 12ª rodada do Campeonato Brasileiro Série D. O jogo acontece no Estádio Amigão, às 16h. No primeiro encontro, nesta edição da quarta divisão, o Galo venceu por 4 a 0. A equipe de Waguiinho Dias tenta se recuperar da sequência negativa de dois empates e uma derrota, que aconteceu na última rodada, para o Iguatu por 1 a 0, quando perdeu sua invencibilidade.

Contra o Azulão, num duelo em que Waguiinho não pôde contar com atletas como Wallace Pernambucano e Thiago Alagoano, o Treze viu sua sequência sem perder ser quebrada após 10 rodadas invicto. O treinador entrou com um meio de campo bem modificado em relação aos jogos anteriores. Nesta tarde, a equipe busca retornar ao caminho das vitórias.

Apesar do Galo não vencer há três partidas, Waguiinho deve rodar o elenco e dar oportunidades a atletas que tiveram poucos minutos em campo, a ideia é fazer ajustes no time visando

o mata-mata. Com a equipe classificada para a próxima fase, o técnico havia dito em coletiva que iria usar as rodadas finais da fase de grupos da Série D para realizar testes.

Mesmo que entre com um time alternativo ou com seus principais atletas, a vitória contra o Maracanã-CE é essencial para que o elenco siga confiante para o restante da competição. Em caso de um resultado negativo diante do seu torcedor neste domingo, o clube chegaria na rodada 13 sem vencer a mais de um mês, seu último triunfo ocorreu no dia 13 de junho, quando enfrentou o Potiguar de Mossoró, no Amigão.

Apesar da sequência ruim, o Treze segue brigando pela melhor campanha geral da primeira fase da Série D. Neste momento, o Manauara-AM é o clube que ocupa essa posição, sendo o líder do Grupo A1 com 27 pontos, três a mais que a equipe da Paraíba, a qual tem 24 pontos e ocupa a liderança do Grupo A3. O clube com o melhor desempenho na fase inicial decide todos os confrontos do mata-mata em seus domínios. Assim, vencer hoje será essencial na luta por esse objetivo.



Foto: Divulgação/Treze

Técnico Waguiinho confiante numa reabilitação da equipe

O adversário

O Maracanã chega para o duelo contra o Treze ainda com chances de classificação ao mata-mata. No entanto, apenas os três pontos podem manter vivas as possibilidades de continuar na briga pelo acesso. Com nove pontos conquistados, tendo dois triunfos, três empates e seis derrotas, a equipe está a oito pontos do quarto colocado América-RN, que tem 17 pontos.

O time cearense precisa vencer todos os jogos restantes e torcer para que os seus adversários percam, avançar

na competição é tão complicado que nem o triunfo contra o Galo é suficiente para a equipe seguir com chances, o empate do Dragão já seria suficiente para eliminar o clube.

Arbitragem

João Paulo dos Santos Nascimento (CBF-AL) é o árbitro do jogo entre Treze e Maracanã-CE. Luis Filipe Gonçalves Correa (CBF-PB) e Wladimir Cunha Mendes (CBF-PB) são os assistentes. O quarto árbitro é José de Arimateia Freires da Silva (CBF-PB).

Sousa e Potiguar jogam em Assú neste domingo

Danrley Pascoal
danrley.p@gmail.com

O Sousa joga contra o Potiguar de Mossoró, hoje, também pela Série D, partida válida pela 12ª rodada do Grupo A3, às 16h. O duelo acontece no Estádio Edgardzão, na cidade de Assú-RN. Este será o quarto encontro entre as equipes pela quarta divisão, estiveram frente a frente duas vezes no ano passado e se enfrentaram na terceira rodada da competição nacional em 2024. Cada time venceu um duelo e houve um empate.

Após vencer o Santa Cruz-RN por 3 a 0, o Dino tem sonhado com a classificação ao mata-mata do Brasileiro. O triunfo da última rodada deixou a equipe na quinta colocação do Grupo A3, somando 14 pontos, três a menos que o último clube classificado temporariamente para a próxima fase, que, neste momento, é o América-RN, o qual tem 17 pontos. Mesmo fora de casa, os três pontos contra o Potiguar de Mossoró são essenciais para que o clube do Sertão da Paraíba continue vivo na luta pelo acesso.

Adversário

O Potiguar não tem mais chances de classificação para o mata-mata da Série C. O clube do Rio Grande do Norte ocupa a última colocação do Grupo A3 e apenas cumpre tabela nas três últimas rodadas. Assim, dada a situação do adversário, que somou apenas seis pontos em 11 rodadas, o Sousa não pode pensar em outro resultado que não seja uma grande vitória.

Arbitragem

Alan Trindade da Silva (CBF-RJ) é o árbitro do jogo entre Potiguar e Sousa. Francisco de Assis da Hora (CBF-RN) e Matheus Lacerda Lemos (CBF-RN) são os assistentes do confronto. O quarto árbitro é Tarcísio Flores da Silva (CBF-RN).

Outros jogos

Além dos confrontos dos clubes paraibanos, outros dois jogos complementam a rodada 12 do Grupo A3 da Série D neste domingo: Atlético-CE e Iguatu jogam às 16h, no Estádio Dominhão, em Horizonte-CE. Às 18h, o América-RN recebe o Santa Cruz-RN na Arena das Dunas.

PARIS-2024

Judô é maior esperança de medalhas

Modalidade sempre brilha em Olimpíadas e será representada por 13 atletas, com um time bastante experiente

Rodrigo Sampaio
Agência Estado

O torcedor se acostumou a ver o judô brasileiro subindo ao pódio nos Jogos Olímpicos. A modalidade, responsável pelo maior número de medalhas do país na história, será representada em Paris-2024 por um time bastante experiente, com alguns competidores em seu último ciclo. Eles serão responsáveis pela missão de manter uma tradição que já dura 40 anos: fazer o Brasil ter pelo menos um judoca medalhista.

A equipe que vai a Paris mescla juventude com experiência. Dos 13 atletas brasileiros classificados, cinco já tiveram a honra de subir ao pódio olímpico. É o caso de Rafael Silva, o Baby, medalhista de bronze em Londres-2012 e Rio-2016. Aos 37 anos, o atleta mais experiente do time brasileiro vai para a sua quarta Olimpíada e se diz contente pela oportunidade de ainda estar competindo.

Em Paris-2024, existe a possibilidade de o último capítulo da trajetória olímpica do sul-mato-grossense ter como antagonista um personagem antigo. O francês Teddy Riner, lenda do judô, é o favorito ao ouro, especialmente por competir em casa.

"Se encontrar com ele depois das quartas de final, é melhor, mas treinar pensando nas classificações atrapalha um pouco. Eu tô muito feliz de estar na Olimpíada e treinando da melhor maneira possível para enfrentar qualquer adversário lá", comenta Baby ao Estadão.

Depois de passar em branco em Tóquio, em 2021, Rafael Silva cogitou se aposentar, mas se reergueu com o bronze no Mundial de Judô no ano passado e prevê o Brasil conquistando de duas a três medalhas em Paris-2024. O judoca já pensa no pós-carreira e planeja trabalhar com gestão no esporte.

Ele vê a equipe brasileira "homogênea" e busca passar a sua experiência aos mais novos. "A ideia é criar um ambiente vencedor. De estar presente no tatame, treinando junto. Acho que ter atletas medalhistas em um grupo como esse traz essa questão, de a molecada ver e pensar 'se o cara

conseguiu, eu também posso", comenta Baby.

Os Jogos de Paris-2024 também marcam o retorno de Rafaela Silva à Olimpíada. Campeã olímpica no Rio-2016, ela ficou fora da disputa em Tóquio após suspensão por *doping*. Um exame realizado após os Jogos Pan-Americanos de Lima-2019 apontou em seu organismo a presença de uma substância broncodilatadora não permitida. A judoca passou por momentos difíceis, teve de devolver a medalha de ouro pan-americana e ficou dois anos longe dos tatames, retornando somente em 2022.

A carioca de 32 anos conquistou o ouro no Pan de Santiago-2023, e, assim como Baby e Mayra Aguiar, foi poupada da disputa no Mundial de Judô de Abu Dabi. Esperança de medalha em Paris, a judoca crê que chega em sua melhor versão para a disputa na capital francesa e rechaça a hipótese de aposentadoria após a Olimpíada.

"O meu treinador, Geraldo Bernardes, sempre falou que eu me entregava ainda mais quando passo por um momento nega-

tivo na minha vida. Então esse período fora me fortaleceu muito na briga pela vaga em Paris. Acredito que chego um pouco melhor do que no Rio-2016, até porque são oito anos a mais treinando, trabalhando, com experiência, e isso vai fazer a diferença", afirma.

Rafaela chega como cabeça de chave na categoria até 57 quilos, que tem como uma das favoritas a canadense Christa Deguchi, campeã mundial em 2019 e 2023, e medalhista de prata no Mundial deste ano. A brasileira, que pode ter pelo caminho Nora Gjakova, atleta do Kosovo que defende o ouro conquistado em Tóquio, afirma estar estudando bastante as adversárias e não vê favoritismo na disputa.

"Em uma Olimpíada tudo pode acontecer. Às vezes a gente vê um favorito saindo na primeira ou na segunda rodada, ou também vê uma atleta que não teve um resultado expressivo dentro do ciclo, assim como eu cheguei em 2016, surpreender. As pessoas falaram que eu era uma incógnita, que, se um dia eu fui esperança de meda-

lha, virei uma dúvida, e eu saí do Rio com uma medalha de ouro", comenta.

Cargnin

Medalha de bronze em Tóquio, Daniel Cargnin teve a preparação para Paris atrapalhada pela tragédia causada pelas chuvas no Rio Grande do Sul. Natural de Porto Alegre, o atleta do Sogipa conciliou os treinos com trabalho voluntário de auxílio às vítimas das enchentes. O judoca de 26 reconhece que a situação mexeu com a sua cabeça, refletindo no quinto lugar no Mundial de Abu Dabi.

"Quando a parte física 'vai embora' é uma coisa, mas quando é o emocional, parece que é pior ainda. Eu estava indo para o Mundial pensando 'o que eu tô indo fazer?' porque eu não estava treinando direito", recorda Daniel.

O brasileiro teve uma prévia do que pode encontrar em Paris no Mundial. Na disputa pelo bronze, ele encarou Ankhzaya Lavjargal, da Mongólia, e acabou perdendo após ser punido com três shidos. O gaúcho comenta que sofreu uma espécie

de "apagão" durante a luta, se desconectando e deixando passar a chance do pódio. Recuperado dos problemas físicos que o acometeram durante o ciclo, incluindo cirurgias para tratar lesões na lombar e no tornozelo, Daniel agora prioriza a parte mental para não cometer erros em Paris-2024.

"Acredito que a Olimpíada é uma competição emocional, mais do que outras competições. Porque todo mundo chega bem preparado e no seu auge. Quem tá com o emocional um pouco melhor sai com um passo na frente. Porque quando estamos felizes, já é um ponto a mais. Tem gente que chega lá no auge físico, mas está esgotado psicologicamente. Ver meu pai feliz indo me buscar no aeroporto em Santa Catarina e saber que as pessoas estavam torcendo por mim independentemente de pódio ou não foi um momento de felicidade."

Renovação

Além da experiência de medalhistas olímpicos e mundiais, o time brasileiro vai a Paris-2024 com novas caras que representam a renovação constante do judô brasileiro. Seis dos 13 convocados são estreantes: Michel Augusto (até 60kg), Willian Lima (até 66kg), Guilherme Schmidt (até 81kg), Leonardo Gonçalves (até 100kg), Natasha Ferreira (até 48kg) e Beatriz Souza (acima dos 78kg).

Natural de Mogi das Cruzes, William Lima é bicampeão pan-americano no peso meio-leve e tem sete medalhas no circuito internacional. O judoca cresceu na reta final do ciclo olímpico, com ouro no Grand

“

Acredito que a Olimpíada é uma competição emocional, mais do que outras competições. (...) Quem tá com o emocional um pouco melhor sai com um passo na frente

Daniel Cargnin

Prix da Croácia, e vai ser o cabeça de chave número 6. Apesar do franco favoritismo do japonês Abe Hifume em sua categoria, o paulista se permite sonhar com o pódio e destaca a confiança transmitida por atletas mais experientes do time brasileiro.

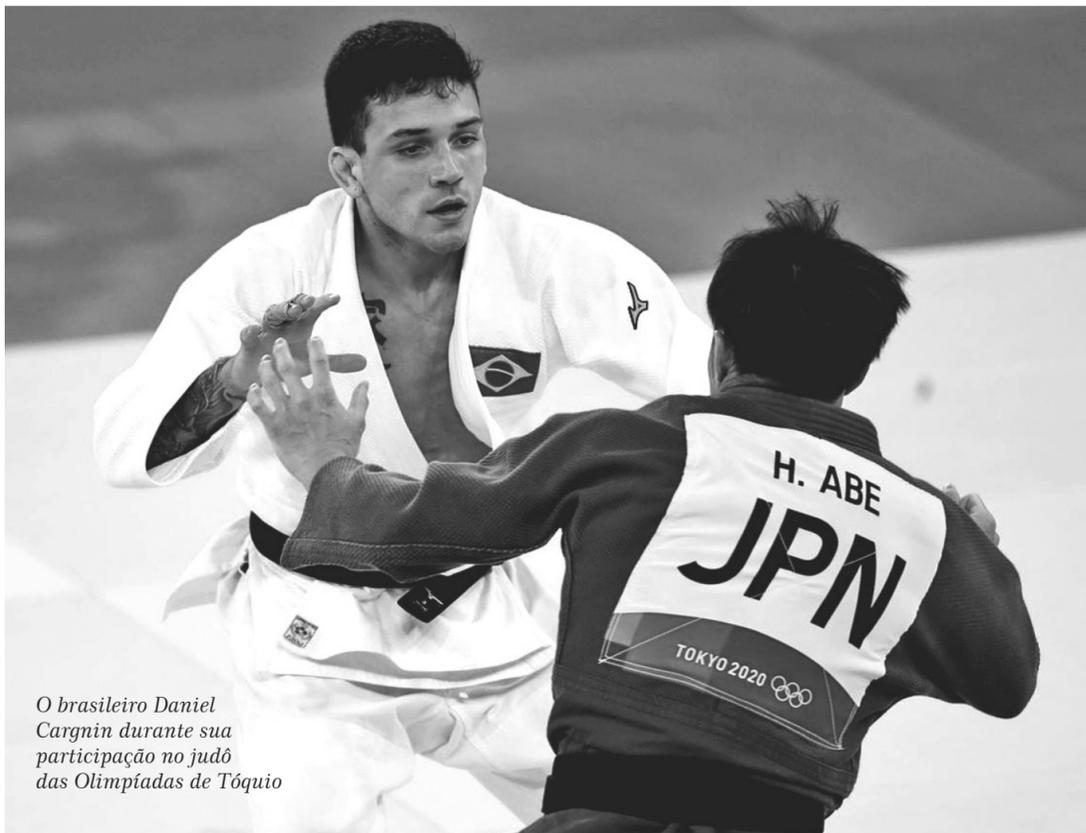
"É algo muito importante ir para a Olimpíada ao lado de grandes ídolos que eu via na TV. Foram exatamente eles que foram me deixaram mais tranquilo e confiante ao longo do ciclo. É muito bom dividir o treinamento com quem sabe o caminho para voltar com a medalha olímpica", diz William. "Se no próximo ciclo eu também puder inspirar outros atletas, será muito gratificante".



Rafaela Silva, campeã mundial, olímpica e pan-americana, vai em busca de fazer mais histórias

Foto: Wander Roberto/COB

Foto: Caspar Nóbrega/COB



O brasileiro Daniel Cargnin durante sua participação no judô das Olimpíadas de Tóquio

TIME BRASILEIRO EM PARIS-2024

■ Masculino

Michel Augusto (até 60 kg)
Willian Lima (até 66 kg)
Daniel Cargnin (até 73 kg)
Guilherme Schmidt (até 81 kg)
Rafael Macedo (até 90 kg)
Leonardo Gonçalves (até 100 kg)
Rafael Silva (acima de 100 kg)

■ Feminino

Natasha Ferreira (até 48 kg)
Larissa Pimenta (até 52 kg)
Rafaela Silva (até 57 kg)
Ketleyn Quadros (até 63 kg)
Mayra Aguiar (até 78 kg)
Beatriz Souza (acima de 78 kg)

JOÃO PESSOA ESPECTROS

Equipe na reta final de preparação

Conferência Nordeste começa no próximo dia 20 e estreia será contra o Cavalaria 2 de Julho, em Salvador

Camilla Barbosa
 acamillabarbosa@gmail.com

Às vésperas da estreia na temporada 2024, a equipe do João Pessoa Espectros está na reta final de sua preparação. A equipe pessoense de futebol americano faz seu primeiro jogo na Conferência Nordeste no dia 20 de julho, contra o Cavalaria 2 de Julho, em Salvador.

A rotina de preparação física envolve treinos em campo, nas quartas-feiras e aos domingos, bem como na parte externa, na qual os atletas são acompanhados pelos departamentos físico e médico.

Recentemente, o clube anunciou novos componentes, após a saída de peças importantes do elenco. Vagli Figueiredo passou a coordenar o setor defensivo, enquanto Felipe Golzio, será o coordenador do ataque. O head coach do time, por sua vez, será Ulysses Araújo, o "Ulão".

"O objetivo de toda a equipe que se propõe a disputar a BFA é querer ser campeão. Mas nós, do João Pessoa Espectros, nessa temporada, temos objetivos a mais, que é ter uma boa reestruturação com essa renovação de elenco; nosso plantel é bem novo comparado aos anos anteriores, que tinha atleta desde sua fundação. Vamos brigar pelo título? sim, mas com foco nessa reestruturação da equipe", destacou o técnico.

Ulão deu os primeiros passos profissional no comando

da equipe pessoense sub-19, ainda em 2015, onde permaneceu por duas temporadas. Foi também assistente técnico na equipe principal, com os treinadores Brian Guzman e, posteriormente, Kevin Velloso. Apesar de ser recente sua chegada à nova posição, ele acredita que está pronto para o desafio.

"Eu não vejo que tenha problemas de entrosamento. Nós temos uma filosofia de time que vai seguindo nossa árvore de técnicos. Então, não tem tanta coisa diferente. Já trabalhei com o meu coordenador ofensivo. Já com o coordenador defensivo é novidade, mas a nossa estrutura, nossa base, tudo isso permite que tenhamos um entrosamento mais fácil. Em duas semanas conseguimos evoluir bastante e com muito foco e disciplina, estamos prontos para o nosso primeiro objetivo da temporada", disse.

Para ele, estar de volta ao clube em que atuou anteriormente representa o prazer do retorno, mas a responsabilidade em função da magnitude.

"Facilita um pouco, como também aumenta bastante a cobrança, porque o time sempre disputou em alto nível. Mas estamos falando de uma equipe preparada, resiliente, e que, por mais renovada que esteja, quando entramos em campo, sabemos da responsabilidade existente, e nos dedicamos

Foto: Ascom/João Pessoa Espectros



A rotina de preparação física envolve treinos em campo, nas quartas-feiras e aos domingos, visando a estreia na Conferência Nordeste, onde o João Pessoa Espectros espera fazer uma temporada bem melhor que a do ano passado

100% a dar sempre o nosso melhor", pontuou.

Com a desistência do Natal Scorpions e a equipe do Caranacas, os sete times que compõem a Conferência decidiram por um calendário mais curto e que afetasse o menos possível

nas questões logísticas e longas viagens. Cada time vai fazer quatro jogos na temporada regular. Para os playoffs, seis irão se classificar para o wild-card - pré-semifinal -, com o 1º e 2º colocados classificados diretamente para a semifinal.

CALENDÁRIO DA TEMPORADA 2024

- 20/07 - Cavalaria 2 de Julho x João Pessoa Espectros
- 3 ou 4/08 - Recife Mariners x João Pessoa Espectros
- 17/08 - João Pessoa Espectros x Sergipe Redentores
- 31/08 - João Pessoa Espectros x Fortaleza Tritões

TRISTE RECORDAÇÃO

Goleada da Alemanha sobre o Brasil completa 10 anos, amanhã

Danrley Pascoal
 danrleypc@gmail.com

O dia 8 de julho sempre estará marcado na história do futebol brasileiro pela maior tragédia esportiva da história da Seleção Brasileira, equiparada à perda do título mundial de 1950 e a eliminação do mundial de 1982. Na data, é lembrado o aniversário da goleada alemã por 7 a 1 contra o Brasil na Copa do Mundo de 2014. O jogo foi válido pela semifinal do torneio e aconteceu no Mineirão. Amanhã faz 10 anos daquele fatídico dia que até hoje causa arrepios no torcedor da

camisa verde-amarela.

Ao longo desses 10 anos, várias personalidades do futebol falaram sobre como foi vivenciar aquele momento. Entre os quais se destacam o Rei Pelé e Neymar, que não pôde atuar naquela partida porque saiu machucado no duelo contra a Colômbia, ainda nas quartas de final, e não se recuperou a tempo de jogar contra a Alemanha.

"Na minha opinião, quando perdemos de 7 a 1, o Brasil já tinha perdido a sua identidade porque todos os jogadores importantes estavam jogando no futebol europeu. As pessoas já esqueceram que,

logo em seguida, perdemos de 3 a 0 para a Holanda na disputa do 3º e 4º lugares da Copa do Mundo", afirmou o Rei ao Jornal Extra em 2015.

"Isso já passou. Não tem como apagar, ficou na história. Não podemos ficar remoendo. [...] O ruim do brasileiro é que ele fica lembrando toda hora disso. Todo mundo só lembra do 7 a 1, ninguém fala do título que conquistamos", destacou Neymar, referindo-se ao troféu da Copa das Confederações de 2013. "Acho bom falar das coisas boas e deixar as ruins para trás", concluiu o craque brasileiro. A fala foi

dada ao site Gazeta Esportiva no ano de 2017.

Reforço do Fluminense para a temporada 2024, Thiago Silva foi questionado na sua entrevista de apresentação sobre a goleada sofrida há 10 anos. O zagueiro também não atuou naquela partida porque estava suspenso devido a uma suspensão pelo segundo cartão amarelo recebido contra os colombianos. "Claro que não tenho boas lembranças, não era nem o momento de falar. Vou responder por educação a você porque o momento não era esse", afirmou Thiago Silva, demonstrando incômodo.

O jogo

O primeiro tempo daquele jogo acabou 5 a 0 para a Alemanha. Os gols dos germânicos nos 45 minutos iniciais foram marcados por Thomas Müller (11'), Miroslav Klose

(23'), Toni Kroos (24' e 26'), Sami Khedira (29'). Na segunda etapa, André Schürrle duas vezes (69' e 79') completou o triunfo rival. O meia Oscar marcou o gol de honra brasileiro aos 90 minutos.

ESCALAÇÕES

■ **Brasil**
 Júlio César; Maicon, David Luiz, Dante e Marcelo; Luiz Gustavo, Fernandinho (Paulinho), Bernard, Oscar e Hulk (Ramires); Fred (Willian). Técnico: Luiz Felipe Scolari.

■ **Alemanha**
 Alemanha: Neuer; Lahm, Boateng, Hummels (Mertesacker) e Höwedes; Schweinsteiger, Khedira (Draxler), Kroos, Özil e Müller; Klose (Schürrle). Técnico: Joachim Löw.



Enquanto os alemães se deleitam em comemoração de gols, David Luiz e Maicon aparecem desorientados

Foto: Reprodução/Alemanha.com.br

BRASILEIRO

Série A tem oito jogos neste domingo

Na lanterna, o Fluminense busca reação para se livrar do fantasma do rebaixamento, em jogo contra o Fortaleza

Camilla Barbosa
acamilbarbosa@gmail.com

Neste domingo, oito partidas completam a 15ª rodada do Campeonato Brasileiro Série A, que foi iniciada na noite de ontem. Às 16h, na Arena Castelão, o Fortaleza recebe o Fluminense. O time carioca é o atual lanterna da primeira divisão e vai a campo, desfalcado, em busca da sua segunda vitória no campeonato. O único triunfo até aqui foi alcançado ainda na 3ª rodada, quando derrotou o Vasco pelo placar de 2 a 1.

Na segunda partida à frente do Fluminense, Mano Menezes já tem mais um problema para solucionar: a escalação do time que vai a campo hoje. Isso porque o Tricolor das Laranjeiras soma mais de cinco desfalques, entre lesionados, suspensos por segundo cartão amarelo e convocados para Copa América.

Resta ao time carioca, portanto, apoiar-se sob o retrospecto geral favorável do confronto. Nas 23 vezes em que se enfrentaram, venceu 11 vezes. Já o Leão, por sua vez, conquistou sete vitórias no confronto e quer reduzir esse número. Nas outras cinco vezes em que duelaram, as partidas ficaram empatadas.

O Fortaleza, que vem de derrota contra o Vasco, por 2 a 0, espera contar com o apoio da torcida, em casa, para ajudar o time na missão de vencer o adversário. Para isso, colocou o ingresso a preço promocional com o intuito de receber mais de 30 mil pessoas no estádio.

No mesmo horário, Cruzeiro e Corinthians se enfrentam no Estádio Mineirão, em Belo Horizonte. Chegando com duas vitórias e duas derrotas nos últimos quatro jogos, o time celeste duela com o paulista, que vem de uma série de três empates e uma derrota e precisa vencer para se distanciar da zona de rebaixamento.

No histórico do confronto, o Alvinegro venceu mais vezes: são 39 vitórias, contra 30 do clube estrelado. Outras 23 partidas terminaram em-

patadas, como na última vez em que se enfrentaram, em 19 de agosto de 2023. Na ocasião, pelo Campeonato Brasileiro daquele ano, a partida teve o placar final de 1 a 1, no Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), em Belo Horizonte.

Também às 16h, o duelo dos times gaúchos, Juventude e Grêmio, acontece no Estádio Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul. O único clássico da rodada representa mais uma tentativa do time porto-alegrense sair da zona de rebaixamento.

Na última vez em que estiveram frente a frente, em 6 de abril, em partida válida pelo Campeonato Gaúcho, o Imortal Tricolor venceu por 3 a 1. A superioridade do Grêmio é comprovada historicamente: nas 135 vezes que se enfrentaram, saiu vitorioso em 70 partidas. Já o Alvi-verde acumula 23 triunfos, e 42 empates.

Às 18h, Internacional e Vasco da Gama se enfrentam. O duelo marca o retorno do Colorado à Arena Beira-Rio, na qual não jogava desde abril, pouco antes do espaço ser inundado pelas fortes chuvas na região. Comemorando a volta ao estádio, diversas ações serão realizadas, como, por exemplo, o uso de um patch comemorativo no uniforme.

O duelo entre Vitória e Criciúma está programado para começar às 18h30. O Leão recebe o Tigre, no Barradão, em Salvador, com desfalques dos dois volantes, Caio Vinícius e Dudu, que receberam o terceiro cartão amarelo contra o Corinthians, na quinta-feira, e estão suspensos. No entanto, o técnico Thiago Carpini poderá voltar a contar com Léo Naldi, que cumpriu suspensão na última partida.

No mesmo horário entram em campo Atlético-GO e Athletico-PR, no Estádio Antônio Accioly, em Goiânia. A partida marca a estreia do técnico Vagner Mancini, que retorna ao comando do Dragão após quatro temporadas. O anúncio da contratação de Mancini foi feito pelo clube na última quinta-feira.

O técnico tem uma missão difícil pela frente: tirar o

time, que tem apenas 11 pontos acumulados nas 14 partidas jogadas até aqui, do Z4. Além disso, o Dragão não venceu há cinco jogos.

Já o Palmeiras recebe o Bahia, às 18h30, no Allianz Parque. O Alviverde, que

vem de um empate contra o Grêmio, e Abel Ferreira terá jogadores retornando ao time: Gabriel Menino e Raphael Veiga, que estavam suspensos após receberem o terceiro cartão vermelho; e o zagueiro Gustavo Gómez,

que voltou ao clube depois da eliminação do Paraguai da Copa América.

Encerrando a rodada, Botafogo e Atlético Mineiro duelam entre si, às 20h30, no Estádio Nilton Santos, o Engenhão. O Atlético, que vem

de derrota por 4 a 2 para o Flamengo, dentro da Arena MRV, retorna aos gramados neste domingo, diante do Botafogo. O Galo, por sua vez, quer superar a goleada sofrida contra o Flamengo, e voltar a pontuar.



O paraibano Tiquinho comanda o ataque do Botafogo no duelo de hoje contra o Atlético Mineiro, no Estádio Nilton Santos



O Fluminense, que vem de um empate contra o Inter e segue no Z4, vai medir forças contra o Fortaleza, hoje, no Castelão



Grêmio e Palmeiras se enfrentaram no meio de semana no empate de 2 a 2, e neste domingo as equipes jogam contra adversários diferentes pelo Brasileirão

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO

16h

Fortaleza x Fluminense
(Globo/Premiere)

Juventude x Grêmio
(Globo/Premiere)

18h

Internacional x Vasco
(Premiere)

18h30

Vitória x Criciúma -
(Premiere)

Palmeiras x Bahia
(Premiere)

Atlético-GO x Athletico-PR
(Premiere)

20h30

Botafogo x Atlético-MG
(SporTV/Premiere)

LUTA

Para manter a fé

Federações de cultos afro-brasileiros na Paraíba se mantêm atuantes no combate ao racismo religioso

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

Bater o tambor nunca deixou de ser uma prática desafiadora para o povo de santo. Se até 6 de novembro de 1966, quando o então governador da Paraíba, João Agripino, garantiu o exercício das religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias no estado até então proibidas, hoje, quase 60 anos depois, ainda é preciso lutar para combater o racismo religioso. Nesse caminho de enfrentamento para manter a fé, as federações de cultos africanos tiveram um importante papel.

Criada na década de 1960 para defender os terreiros de jurema, umbanda e candomblé das perseguições policiais, a Federação dos Cultos Africanos da Paraíba foi a primeira organização desse tipo no estado. Depois surgiram outras, como a Federação Independente dos Cultos Afro-brasileiros do Estado da Paraíba (1997) e a Federação dos Cultos Afro-brasileiros do Estado da Paraíba (2011), que trabalham para defender a liberdade de culto das casas associadas e combater a intolerância religiosa.

Mãe Renilda Bezerra, do terreiro Ilê Axé Oju Ofa Danadana, localizado no bairro Mangabeira, na capital, viveu toda essa história e destaca a importância da primeira associação. “Quando a gente cria a Federação dos Cultos Africanos da Paraíba, a polícia deixa de bater em nossa porta, porque, no tempo de Pedro Gondim, a gente apanhava e ia preso”, relata a ialorixá. Ela recorda ainda

o primeiro terreiro, de Mãe Cleonice de Yansã, inaugurado depois que o governador João Agripino concedeu liberdade aos cultos na Paraíba, assim como a primeira Festa de Iemanjá, hoje declarada patrimônio cultural imaterial da Paraíba, que foi organizada pela entidade em 8 de dezembro de 1966, um mês depois da liberação dos cultos afro-brasileiros na Paraíba.

Mas a história da organização teve seus altos e baixos. Por mais de 40 anos, esteve sob a presidência de apenas dois representantes e, com a morte do último deles, Walter Pereira, a instituição chegou a ficar inativa por cinco anos e, ainda hoje, tenta retomar suas atividades.

Nesse tempo, surgiram outras associações que a mãe de santo também esteve à frente, como a Cruzada Federativa de Umbanda, fundada em 1972, e depois a Federação Independente dos Cultos Afro-brasileiros do Estado da Paraíba (Ficab). “A Cruzada foi se acabando e as pessoas vinham procurar a mim para fundar uma nova federação. Eu fui obrigada a fundar essa nova entidade porque Walter Pereira, que era presidente da primeira federação, ia aos terreiros, ameaçava e levava a polícia”, revela a sacerdotisa, que hoje lidera a instituição com mais de mil terreiros filiados.

Passados os anos de repressão, a organização dos terreiros não deixou de ser fundamental, porque mesmo com as garantias constitucionais de um estado laico e da liberdade de culto, o povo de santo ainda sofre muita discriminação e preconceito por



Mãe Renilda Bezerra, do terreiro Ilê Axé Oju Ofa Danadana

suas práticas religiosas. “Nós não chamamos mais de intolerância religiosa, nós chamamos de racismo religioso porque é crime, um crime inafiançável”, frisa Mãe Renilda, que faz questão de denunciar todo tipo de racismo religioso sofrido por ela, assim como de seus filhos de santo e dos associados da entidade que preside.

“Um grande racismo que enfrentamos é quando os nossos associados vão tocar e os vizinhos chamam a polícia por conta do som. Mas, para as igrejas e para os bares, eles não chamam. É somente para os terreiros”, compara. Outro caso de racismo religioso enfrentado é quando um filho de santo morre e a família, por ser de outra religião, não permite que sejam feitas as ações próprias do culto afro-brasileiro dentro do velório.

Foto: Jessica Gonçalves/Divulgação



Lavagem da escadaria da Igreja São Pedro, no Centro Histórico da capital, realizada em maio



Ialorixá Mãe Penha (à esq.), a presidente da FCAB-PB, com a ialorixá Mãe Lúcia (à dir.)

Foto: Jessica Gonçalves/Divulgação

A atuação da Ficab procura acompanhar quem sofre esse tipo de violência, ainda que não seja filiado à entidade, prestando assistência desde a denúncia na delegacia especializada ou no Centro da Igualdade Racial João Balula (órgão do Governo do Estado localizado no Centro da capital paraibana e que atende pessoas que sofreram racismo, intolerância religiosa ou xenofobia) até o final do processo. A federação liderada por Mãe Renilda também mantém parceria com a Defensoria Pública do Estado

(DP-PB) e o Ministério Público da Paraíba (MPPB). “A gente diz à mãe de santo: ‘Não se cale! Não se cale, porque isso é crime! E o lugar do crime é na Justiça’”, alerta a ialorixá.

Mãe Renilda acredita ainda ser necessário se fazer presente em outras instâncias onde são criadas e fiscalizadas as políticas públicas, por isso mantém assento no Conselho Estadual de Saúde, no Conselho de Segurança Alimentar, no Conselho para a Promoção de Igualdade Racial e até na Confederação Nacional das Associações de

Moradores (Conam Brasil). “É uma forma de, juntos, sermos fortes: nós fortalecemos as instituições, as instituições nos fortalecem. Mas é importante também que nós estejamos nas gestões de governo, porque só quem conhece os problemas de nosso povo somos nós”, defende.

Para dar visibilidade às manifestações religiosas afro-brasileiras, a entidade promove anualmente o Encontro das Religiões dos Orixás, espaço de articulação e diálogo entre lideranças das religiões afro e diversas entidades e representações sociais. Em fevereiro do próximo ano, se realizará uma caminhada para marcar o Dia do Turbante e reafirmar o uso desse ornamento religioso que, segundo Mãe Renilda, tem sido frequentemente objeto de olhares e gestos discriminatórios. A Ficab também desenvolve ações de assistência às pessoas em situação de rua, distribuindo alimentação e roupas e promovendo a dignidade menstrual para as mulheres que vivem nessa situação.

Identidade religiosa é respeitada por meio do diálogo

Mãe Penha de Iemanjá cresceu em casa de santo e viveu sua religião às escondidas até os nove anos de idade por causa da perseguição. Ela se lembra de ter presenciado a polícia chegando à casa dos padrinhos para levar a mesa do santo até a delegacia. “Era proibido por lei. Ninguém podia sequer cantar um ponto, porque se a polícia batesse, levava você preso”.

A ialorixá também fez parte da Federação dos Cultos Africanos da Paraíba, mas com o declínio da entidade, desligou-se em 2011 e fundou a Federação dos Cultos Afro-brasileiros do Estado da Paraíba (FCAB-PB), que congrega mais de 1.200 casas filiadas sob sua presidência. Segundo Mãe Penha, é importante que os terreiros se organizem porque a proibição acabou, mas o preconceito continua. “Tem vezes que estou dentro da minha casa e vou chamada porque aquele vizinho que é evangélico sacudiu uma pedra porque o tambor estava batendo... ou sacudiu



Foto: Evandro Pereira

Ainda no Cabo Branco, a FCAB-PB lançou um abaixo-assinado reivindicando a realocação da imagem recém-restaurada de Iemanjá para a Praça dos Pescadores, no bairro de Tambaú

água dentro da casa do filiado, porque ele também estava batendo, cantando... Então existe muito dessas coisas”, conta.

Na rua onde mora, no bairro Mandacaru, em João Pessoa, a maioria das famílias é evangélica, mas Mãe Penha diz que nenhum deles a incomoda mais porque ela deixa bem claro que é preciso respeitar os espaços de cada um. Nas relações de vizinhança, a mãe de santo recomenda o diálogo como primeira estratégia: “Você

vai lá conversar com aquela pessoa. Conversar, explicar, chamar para ir até a casa de santo pra mostrar que ali não tem nada pra queimar. Ali tem a palavra de Deus. Mas se você explica e aquela pessoa continua fazendo, aí você vai procurar os seus direitos”.

No mês de dezembro, a mãe de santo e seus filhos passam três dias na Praia de Tambaú, na capital, montando o Palácio de Iemanjá para as manifestações religiosas à rainha das águas. Outra luta, nesse sentido, tem sido a preservação da estátua da orixá, que tem sido constantemente vandalizada.

A entidade liderada por Mãe Penha chegou a lançar um abaixo-assinado reivindicando a realocação da imagem para a Praça dos Pescadores, no Largo da Gameleira, em Tambaú. “A imagem ainda continua no mesmo canto, na Ponta do Cabo Branco, no mesmo local onde ela foi destruída três vezes. Nossa luta é para que ela saia de

lá porque é um lugar muito esquisito e os seguidores e fiéis não vão lá de jeito nenhum porque é muito deserto. É perigoso chegar até mesmo durante o dia”, relata a ialorixá.

Em fevereiro deste ano, a estátua foi restaurada graças à colaboração de um devoto, mas a Prefeitura de João Pessoa ainda mantém um projeto de reforma da praça onde a imagem está localizada, bem como a substituição da mesma por outra, a ser confeccionada por material mais resistente à depredação.

A FCAB-PB realiza também, sempre no último domingo do mês de maio, a Caminhada de Orixalá. O cortejo sai da sede da entidade, localizada no bairro Mandacaru, até a Igreja de São Pedro Gonçalves, no Centro Histórico de João Pessoa, onde são lavadas as escadarias do templo com água de cheiro. “Fazendo isso, nossos netos vão saber que a nossa fé é maior do que tudo e vão seguir”, conclui Mãe Penha.



Foto: Ortilio Antônio

Por três vezes a estátua já foi vandalizada no local

Olivina Olívia

Educadora escreveu o nome na *Página Feminina*

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Seu nome está gravado na memória dos pessoenses por causa da escola localizada no Centro da capital paraibana, mas poucos conhecem seu legado, que ultrapassou a sala de aula. A professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha galgou, a partir de sua condição de mulher e educadora, espaços predominantemente masculinos para sua época, escrevendo para jornais e revistas, publicando livros e levando adiante, com outras companheiras, a bandeira pelos direitos femininos.

A filha do Barão de Abiahy, Silvino Elvídio Carneiro da Cunha (1831-1892), e sua esposa, Maria Leonarda Merandolina Bezerra Cavalcanti (1854-1935), nasceu em 26 de maio de 1886, na capital da Província da Parahyba do Norte, atual João Pessoa, e cresceu rodeada pelos livros. Apesar de ter perdido o pai logo cedo, quando estava prestes a completar os seis anos, Olivina não herdou nem o título, nem as terras do pai porque, segundo ela mesma revelou, em entrevista ao Jornal *O Norte* pouco antes de sua morte, a Proclamação da República, ocorrida em 1889, “a reduziu de baronesa a uma humilde professora da província”.

No contexto da sociedade de seu tempo, marcada pelo colonialismo, o destino de uma jovem de família abastada só poderia ser o magistério, profissão que era vista como uma espécie de sacerdócio feminino. A condição econômica familiar favoreceu o acesso de Olivina aos estudos e permitiu que ela fosse diplomada professora pela Escola Normal da Parahyba, em 1904.

No exercício da profissão, transitou em diferentes áreas do ensino, ministrando aulas de Música, Desenho, Matemática, Geografia, Francês, Álgebra, Português e até Pedagogia em diferentes instituições, inclusive no Lyceu. Na car-

reira do magistério, ela chegou a ocupar o cargo de catedrática de Português e colaborar para a elaboração dos currículos de Geografia e Pedagogia da Escola Normal.

Mas a professora não se contentou com a sala de aula. Queria que outras mulheres também pudessem estudar e participar ativamente da vida da sociedade. Com esse propósito, fundou, com Lyllia Guedes, Eudésia Vieira e outras companheiras, a Associação Parahybana pelo Progresso Feminino, da qual esteve à frente como vice-presidente.

Na notícia dada na edição de 15 de março de 1933 do Jornal *A União*, encontramos um pouco dos anseios e da forma de organização daquele grupo de mulheres: “Desde que um grupo de cinco [sócias] em diante deseje começar uma língua que lhe seja ainda desconhecida, será formada uma classe com professor habilitado. As que já sabem um pouco procurarão desenvolver seus conhecimentos por meio de leitura e conversação. Nas outras matérias, dar-se-á o mesmo. Cada sócia dispensará às outras o auxílio que estiver ao seu alcance no ponto de vista educativo”. O relato destaca ainda o cuidado com a “cultura física” e “jogos recreativos” para “distrair e descansar a mente” das intelectuais, assim como a preocupação com o “palpitante problema que é a mendicância em nossa terra”, propondo-se a realizar obras de caridade.

Para levar a termo esses objetivos, em julho daquele mesmo ano, “uma comissão de senhoras e senhoritas” procurou o então diretor do jornal, Samuel Duarte, “pleiteando uma página d’*A União*, quinzenalmente, para a necessária divulgação de trabalhos literários e de propaganda firmados por suas consócias, sendo imediatamente atendida”. Nascia ali a *Página Feminina*, que teve sua estreia na edição de 20 de agosto de 1933, na qual Olivina Olívia assinava o artigo *Em torno de uma ideia*, descrevendo de manei-

ra sólida e rebuscada os propósitos da entidade e da seção daquele periódico.

“Olivina Olívia Carneiro da Cunha, que escrevia com frequência poesias, crônicas e artigos sobre educação, feminismo, religião e a prática da caridade, falava da nossa fauna e flora e também discorria sobre homenagens e intelectuais paraibanos, dentre outras temáticas”, escreve a pesquisadora Viviane Freitas, que teve como objeto de estudo de seu mestrado a vida e a obra da professora-jornalista.

A defesa da educação das mulheres era a principal bandeira de Olivina, por isso incentivava, partindo também de sua experiência familiar, a leitura. “Tenhamos pelo livro um verdadeiro culto. Guardemo-lo com carinho, consultemo-lo a toda hora, como se fora um irmão amigo. (...) O livro é para mim como fragmentos de almas privilegiadas que neles deixam a sua essência. Ele encarna os milagres de uma civilização”, escreve a educadora na crônica *O melhor amigo*. Recorrendo a filósofos e críticos literários para fundamentar sua opinião, arremata: “Creio em Deus e nos livros são”.

Em outro artigo, publicado em dezembro daquele mesmo ano, ela defendia também o direito das mulheres a trabalhar e gozar das mesmas prerrogativas que os homens: “Já caducou o princípio: A mulher é inferior ao homem. Nesse ponto o poder de sugestão desapareceu. A mulher tem mesma capacidade de trabalho que o homem. Hoje, todos estão convencidos dessa verdade. A evolução, na sua marcha assombrosa, tem-lhe mostrado qual deve ser a ação no campo da luta igual: Não mais esse grilhão que lhe tolhia os passos no caminho do progresso”.

Viviane Freitas também localizou textos publicados por Olivina na revista ilustrada *Era Nova*, que circulou entre 1921 a 1925, assim como na revista *Manairá*, fundada por Wilson Madruga e Alberto Diniz, em 1939.

Ana Maria Coutinho Sales, docente aposentada da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), estudou a história das escritoras e professoras da Paraíba no começo do século 20 e, dentre elas, também Olivina Olívia. A pesquisadora destaca em seus trabalhos que a imprensa era um espaço privilegiado para dar visibilidade à participação da mulher, tornando-se um meio para ultrapassar a fronteira entre a esfera da vida privada e o espaço público, sobretudo diante dos preconceitos, da repressão e da censura.

“Ao escreverem suas crônicas, as jornalistas tornam-se descortinadoras. Elas nos deixaram, seja nas páginas das revistas *Flor de Liz* e *Era Nova*, seja nas do Jornal *A União*, comentários sobre fatos inócuos ou fatos miúdos, acontecimentos aparentemente insignificantes, mas todos reveladores de comportamentos e mentalidades de uma época. Através do exercício de uma escrita marcada por um estilo leve e simples, elas pinçam, no fato corriqueiro da experiência cotidiana, a duração do seu significado humano”, pontua Sales.

A docente avalia que a presença de Olivina no jornalismo foi fundamental para desenvolver sua vertente literária. “Esse exercício de ler e publicar seus textos provavelmente impulsionou para que mais tarde ela os reunisse e escrevesse seus livros”, postula. Dentre as obras deixadas por ela, estão três livros de poesias: *Pérolas esparsas*, *Migalhas de inspiração* e *Paisagem da minha terra* (todos sem registro de datas), e um livro de memórias familiares, publicado em 1940, intitulado *Barão de Abiahy*.

Suas poesias tratavam de temáticas das mais diversas, mas a especialista realça o olhar sensível para a realidade das mulheres. “Se existe uma marca de destaque na produção literária de Olivina, esta marca consiste no cuidado e no zelo de construir personagens femininas

identificadas com a luta pela preservação do meio ambiente e com o mundo do trabalho, como fica evidente em diversos textos, a exemplo da homenagem que fez às enfermeiras, no poema *A enfermeira e a caridade*”, ilustra Ana Sales.

Apesar de ser considerada uma mulher à frente de seu tempo, a produção jornalística e literária de Olivina Olívia tem sido pouco conhecida (suas obras nunca foram reeditadas, por exemplo), prevalecendo mais a memória da educadora. Na década de 1960, ela chegou a se aventurar na política e disputar uma vaga na Câmara de Vereadores, mas não obteve os votos que esperava dos ex-alunos. Aliás, desses, como confessou em sua última entrevista, lamentava que poucos a cumprimentassem ou visitassem no auge de seus quase 90 anos. A exceção era o ex-governador Dorgival Terceiro Neto, que a visitava e abraçava com frequência.

Olivina Olívia viveu seus últimos anos numa casa da família, na Praça Venâncio Neiva (onde hoje funciona a Associação Paraibana do Ministério Público), em companhia das irmãs Julita Julieta Carneiro da Cunha e Rita Ricardina. Com o falecimento dessas, contou com os cuidados da amiga Isabel Braga e de sobrinhos, que sempre a visitavam. Morreu em 12 de março de 1977, recebendo, poucos meses depois, a homenagem do Governo do Estado como *patronesse* da escola situada ao lado do Lyceu Paraibano, onde exerceu o magistério por longos anos.

“A morte não apaga uma existência, quando é esta preciosa, reacende-a”, escreveu Olivina Olívia, fazendo referência a seu pai, o Barão de Abiahy, mas certamente se aplicaria também à autora, que buscou, nas condições que lhe foram impostas, semear ideias, escrever primorosamente sua vida como contemporânea do futuro.

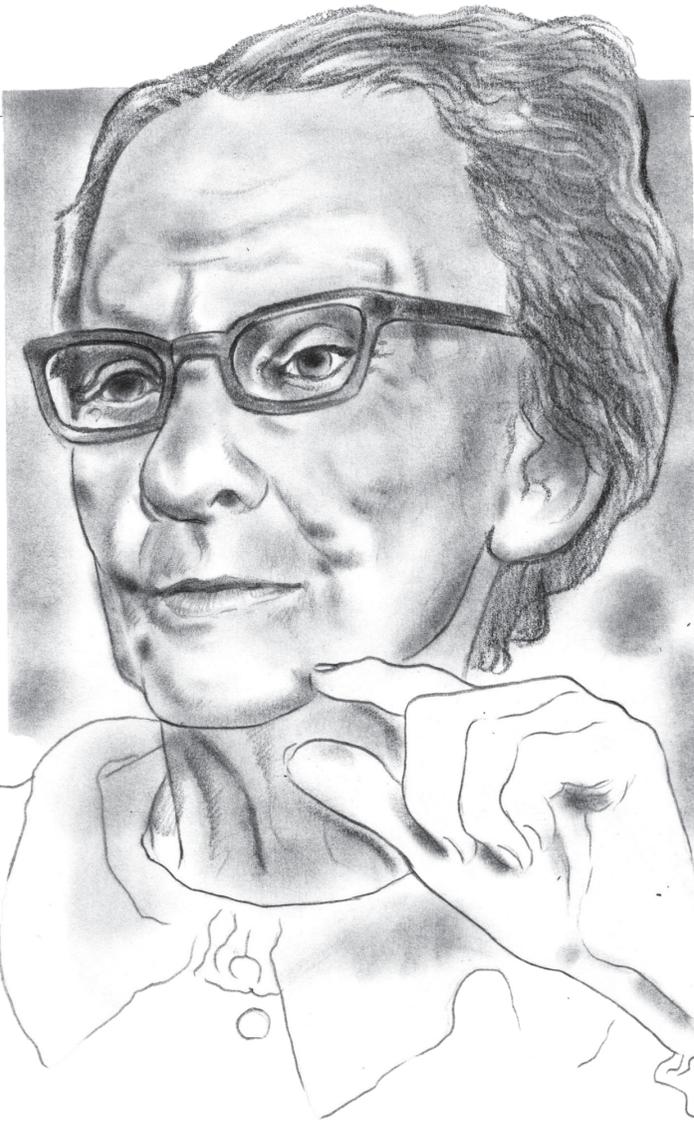


Ilustração: Ticiano

Professora Olivina Olívia foi uma das fundadoras da Associação Parahybana pelo Progresso e frequentemente escrevia poesias, crônicas e artigos sobre educação, feminismo, religião e a prática da caridade no Jornal *A União*



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Artigo

Transformando o desconforto do *networking* em oportunidade

Na minha trajetória profissional, acumulei alguns milhares de eventos corporativos, tanto os realizados por mim mesma como aqueles que frequento ao palestrar ou fazer parte de outras comunidades e ecossistemas. É fato que chegamos em um *script* intangível, mas bem definido de *networking*. Buscamos uma cara conhecida, respiramos aliviados, contamos indiretamente com ela como nosso lugar de apoio para novas conexões. Naquele ambiente novo, o desconforto nos coloca no desafio de abordar alguém que nos dê algum sinal de boas-vindas ao diálogo.

O objetivo de todos os eventos é *networking*. Mesmo que o conteúdo seja a intenção principal de um encontro, há sempre algum momento ou dinâmica dedicada às interações humanas. Ainda bem. Evento é sempre um destino poderoso de *networking*. E, apesar da minha facilidade de comunicação, atrelada ao fato de eventos serem algo tão presente na minha vida, reconheço que o *networking* nem sempre é confortável, talvez também pela formalidade intrínseca do ambiente empresarial.

E, por isso, tento quebrar essa sina nos projetos que lidero. O *networking* de CNPJ não é humano. A pauta é frágil e ilusoriamente positiva; é um lugar onde está todo mundo bem e seus negócios melhores ainda. Irreal. É na conexão de CPFs que as conexões realmente acontecem.

Quando falamos de CPF, falamos de pessoas. Nem todo dia é um bom dia, nem sempre estamos animados e confiantes. O sorriso largo que anuncia a vida de resultados e as metas constantemente batidas não são uma constante. E é realmente na entrega a esse *networking* humano que nossas redes de relacionamento podem ser verdadeiramente construídas.



Foto: Reprodução/Fitahby

Além da agenda empresarial, atividades como o rapel para conectar os participantes: se desejamos ter uma rede de “networking” real, precisamos humanizar as nossas relações

Recentemente, realizamos um evento que consagrou essa minha permanente busca pela conexão de pessoas. Levei 26 lideranças para uma missão empresarial em Andradás, no Sul de Minas Gerais, uma cidade que reserva um potente ecossistema de negócios, ainda pouco explorado. Nas vias normais, teríamos uma agenda de visitas a negócios locais e interações formais entre os participantes da viagem. A fala superficial do CNPJ, mirando exclusivamente negócios, nos leva, inclusive, para um lugar tão restrito do imenso potencial do *networking*: o contexto binário da avaliação do potencial do contato entre representar ou não uma oportunidade de negócios.

Quebramos essa sina. Tivemos, sim, uma agenda com empreendedores e negócios locais e visitas empresariais, mas fomos além. Não tivemos *coffee break* e nem um momento

formal para que os participantes se conectassem. Pelo contrário, criamos um ambiente constante de interações. Como? Humanizamos. Na programação, levamos as pessoas para um rapel na cachoeira, uma meditação entre as árvores, degustações de vinho e um piquenique no pôr do sol. Nós não apenas humanizamos como vulnerabilizamos nosso ambiente.

A vulnerabilidade é poderosa. Ela é gentil, acolhe, conecta. Ela é porta de entrada para relações reais. É naquele momento de medo real e explícito, na descida do rapel, que temos alguém vulnerável e exposto e, ao lado, uma pessoa que conheceu há pouco, mas que verdadeiramente promove apoio e torcida para a conclusão daquela descida.

O mesmo se consagra no momento leve e divertido da degustação de vinhos, que

soma o generoso lubrificante social que um pequeno teor alcoólico representa, somado ao fato de ser *hobby* de uns e curiosidade de outros. E ali se compartilham não apenas o momento, mas lembranças e experiências. Pessoas expondo suas vidas e histórias de uma forma leve, íntima e vulnerável. Mais progresso rumo a relações reais. As outras atividades seguem o tom, até que a natureza nos ofereceu um pôr do sol magnífico, que consagrou esse momento de vulnerabilidade. Por razões distintas, muitos foram tomados por emoções. Muitas lágrimas de gratidão aconteceram naquele momento. Olhar para o lado e ver alguém, que eu só conhecia até então de uma sala de reunião ou de um formal evento corporativo, expondo com toda verdade e vulnerabilidade seu coração, foi muito poderoso. Abraços espontâneos, sorrisos, histórias pessoais e íntimas contadas.

São nesses momentos que tenho certeza de que, se desejamos ter uma rede de *networking* real, precisamos humanizar nossas relações. E para que isso aconteça, precisamos promover espaços para que seres humanos estejam presentes e expostos, na dor e na alegria de serem o que são, sem que exista qualquer julgamento de que um medo ou uma lágrima repercuta como alguma fraqueza. Pelo contrário, esses são momentos de força. É aí que percebemos que a vulnerabilidade é a grandeza do ser.

n n n n

(*) *Lais Macedo é empresária e presidente do Future is Now; Neste mês, excepcionalmente não teremos as colunas de Angélica Lúcio, que retornará no primeiro domingo de agosto.*

Tocando em Frente

Os conjuntos vocais – XXIV

MPB4 – Até porque foram criados na mesma década de 1960, mas não somente por isso, o Quarteto em Cy (1963-64) e o MPB4 (1965), os dois conjuntos vocais, viveram o nascimento e o auge do consagrado gênero denominado de bossa nova. Não será exagero até se afirmar que esses grupos e o dos Cariocas pontificaram na moderna música brasileira, na segunda metade do século 20.

Na realidade, o MPB4 embrionou em 1962, quando três dos seus integrantes começaram a se apresentar nos Centros Populares de Cultura, os CPCs, vinculados a UNE (União Nacional dos Estudantes), o que já diz do seu engajamento no que viria a ser a chamada música de protesto. Em princípio, apenas três faziam parte do grupo que, quando passou a quatro elementos, se iniciou com o nome de Quarteto do CPC. Em 1964, estavam então definidos o nome, o caminho musical a seguir e a constituição do conjunto: MPB4 foi o nome sugerido pelo jornalista Sérgio Porto, e dele faziam parte Ruy Alexandre Farias, como primeira voz; Magro (Antônio José Waghabi Filho), na segunda voz; Aquiles Rique Reis, terceira voz; Miltinho (Milton Lima dos Santos Filho), quarta voz. Posteriormente, orientados por instrução de professora/orientadora de *bel canto* (impostação vocal) foram inventadas as participações de Aquiles e Miltinho (de quarta e terceira vozes).

Entre 1964 e 1965, após estreadem no disco com um compacto duplo (CD), com destaque para a interpretação do “Samba da Minha Terra” (Dorival Caymmi), já vamos encontrá-los se apresentando no programa *O Fim da Bossa* (Rede Record de São Paulo), dividindo a cena com o Quarteto em Cy. À estreia em caráter profissional, com contrato assinado, aconteceu em 1964, ano que marcou também a apresentação na boate Petit Paris, em Niterói. Esse foi o passaporte para a entrada deles, em 1965, na então emergente Elenço, levados pelo diretor e produtor musical Aloysio de Oliveira, idealizador da gravadora, onde



Foto: Reprodução/Arquivo Nacional

MPB4 na década de 1960, um dos grupos que pontificaram na moderna música brasileira

produziram o LP MPB4, em que se destacava a faixa “Olé, Olá” (Chico Buarque). Naquele mesmo ano, ainda com o Quarteto em Cy, apresentaram-se também no evento *No samba que eu vou*, em São Paulo. É quando se efetua uma estreita ligação musical, harmônica e temática com Chico Buarque, numa relação que perduraria por cerca de 10 anos, com ênfase num repertório dominado pelas já referidas músicas de protesto.

Por essa época, voltando ao Rio de Janeiro, são levados por Aloysio de Oliveira a participar do show *Contraponto*, do qual também participaram o Quarteto em Cy; o cantor, instrumentista, arranjador, compositor, produtor musical e diretor musical Oscar Castro-Neves; e a violonista, cantora e compositora Rosinha de Valença. No mesmo ano, apresentam-se na Boate Zum Zum, com o show *O samba pede passagem*, e sobem ao palco do Teatro Opinião, participando também Baden Powell, Aracy de Almeida e Ismael Silva.

Em 1967, surge a consagração definitiva com a participação no 3º FMPB (Festival da Música Popular Brasileira), da Rede

Record de São Paulo, quando defenderam com o autor a música “Roda Viva” (Chico Buarque), que alcançou o 3º lugar.

Nesses passos iniciais do MPB4, elencamos algumas de suas participações em atividades profissionais no universo musical: em 1969, novo show no Teatro Opinião, agora com a participação da dupla Cynara e Cybele; em 1970-72, gravaram “Apesar de você” e “Partido Alto” (Chico Buarque) com a primeira, apesar de censurada pelo Regime Militar, cair no gosto popular e, por isso mesmo, tornar-se muito divulgada nos círculos universitários; em 1972-73, acompanham Chico Buarque em apresentações em Portugal e na Argentina; o ano de 1974 marca a entrada na cena musical de Gonzaguinha, cognominado por certa imprensa de o “Cantor Rancor”, dada a sua preferência pela chamada música de contestação. Toma-se, assim, outro preferido pelo MPB4; por essa época (1974-75), uma memorável interpretação do grupo, com o Quarteto em Cy, serve de tilha sonora para o tema homônimo da novela global *Fogo sobre terra* (Vinícius/

Toquinho); ainda em 1975, já liberada pela censura, a nova versão de “Cálice” (Chico Buarque/Gilberto Gil) recebe um dramático e belo arranjo de Waghabi, o Magro, que, como ocorreria com “Apesar de você”, causa um verdadeiro *frisson* no meio universitário; a poderosa gravadora Ariola é lançada em 1979, juntando uma plêiade de compositores e intérpretes consagrados: Toquinho, Vinícius, Elba, Kleiton & Kleidir, Ney Matogrosso, Milton Nascimento, Moraes Moreira, Chico Buarque, Marina e Alceu Valença, que lança sua primeiro LP, e em cujo grupo figurava o MPB4; em 1980, a participação no álbum *Arca de Noé* chama a atenção pela interpretação de “O Pato” (Jaime Silva/Neuza Teixeira), já um sucesso de João Gilberto (1959).

O sucesso foi contínuo, mas ainda merecem destaque; em 1995, nas comemorações dos 30 anos de carreira, em um espetáculo que juntou duas gerações do MPB4: além dos titulares, houve a participação de Marcos Feijão (filho de Miltinho), com bateria e percussão; Pedro Reis (filho de Aquiles), com violão, baixo e guitarra; e João Faria (filho de Ruy), com violão e contrabaixo; em 1997, gravam o CD *Bate-boca*, em parceria com o Quarteto em Cy, e músicas de Chico Buarque e Tom Jobim.

Somente de 1964 a 1997, gravaram 29 LPs, vários compactos (simples ou duplos), afora a edição de várias compilações.

Dois importantes destaques: o grupo recebeu o Prêmio Sharp nos anos de 1987, 1989 e 1995; em 1996, figurou no *Guinness Book*, como o grupo que se manteve por mais tempo no cenário artístico nacional com a mesma formação.

Em 2004, Ruy resolveu deixar o grupo, entrando em seu lugar Dalmo Medeiros. Em 2012, o MPB4 perde Waghabi (o Magro) para um C.A. Em seu lugar, entra Paulo Malaguti “Paulaíra”, vindo do grupo Céu da Boca.

Em 2017, foi lançado o *CD 50 Anos de Carreira — o Samba, a Vida, a Roda Viva* e o grupo conquista o Prêmio de Melhor Grupo de MPB.



Eita!!!!

Meio século de "Chinatown"

Um dos maiores representantes do gênero *neo-noir*, o longa-metragem *Chinatown* celebra cinco décadas neste ano. O filme, dirigido por Roman Polanski, conta com roteiro de Robert Towne (recentemente falecido) e é estrelado por Jack Nicholson (foto acima, à dir.), Faye Dunaway e John Huston. Na Los Angeles dos anos 1930, um detetive particular (Nicholson) recebe a visita de uma mulher que acredita que seu marido, engenheiro-chefe do Departamento de Águas e Energia, tem uma amante. Ele logo descobre que a mulher era uma farsante e encontra a verdadeira contratante (Dunaway), filha de um dos homens mais poderosos da cidade (Huston). O engenheiro aparece morto e o investigador, envolvido com a viúva, se vê no meio de um perigoso jogo de poder.

Gênese

O filme foi inspirado pela série de disputas sobre a água no Sul da Califórnia, nos EUA, no início do século 20, pelo qual os interesses de Los Angeles se sobrepuseram aos direitos à água no Vale Owens. Em 1971, o produtor Robert Evans ofereceu ao roteirista Towne 175 mil dólares para escrever uma adaptação para *O Grande Gatsby* (1974). O escritor se sentiu incapaz de melhorar o texto do livro de F. Scott Fitzgerald e retrucou, aceitando 25 mil dólares para escrever um enredo próprio sobre *Chinatown*.

Trilogia incompleta

Chinatown é a primeira parte de uma trilogia planejada pelo roteirista Robert Towne sobre a corrupção no desenvolvimento de Los Angeles, que mostraria o mesmo detetive e a "Cidade dos Anjos" como cenário. A segunda parte, *A Chave do Enigma* (1990), foi dirigida pelo próprio Jack Nicholson, amigo íntimo de Towne. Nesse longa, o investigador deve desvendar um enigma envolvendo uma companhia de gás. Por conta de não ter repetido o sucesso de seu predecessor, sendo um fracasso de bilheteria e crítica, não houve a realização da última produção da trilogia, que se chamaria *Cloverleaf*.

Prêmios e brigas nos bastidores

Chinatown foi indicado a 11 Oscars (incluindo Melhor Filme e Direção), tendo conquistado apenas a estatuetta de Melhor Roteiro Original. No Globo de Ouro, levou como Melhor Filme/Drama, Diretor, Ator/Drama (Nicholson) e Roteiro. Já no Bafta, venceu como Melhor Diretor (Polanski), Ator (Nicholson) e Roteiro. Houve também desavenças no set, principalmente entre o diretor Roman Polanski (que aparece numa participação especial como o gângster que corta o nariz do detetive) e a Faye Dunaway. Um exemplo foi quando o cineasta arrancou fios de cabelo da atriz que, segundo ele, estariam atrapalhando a fotografia de uma das cenas. O realizador reescrevia o roteiro constantemente e chegou a demitir o veterano Stanley Cortez, que foi diretor de fotografia de clássicos como *Soberba*, de Orson Welles, e *O Mensageiro do Diabo*, de Charles Laughton. "O estilo de Cortez e seu uso de iluminação eram antiquados", alegou Polanski.

TECNOLOGIA

Tudo que está na internet pode ser usado para IA?

"Você pode chamar isso de freeware", afirmou o executivo da Microsoft

Sabrina Brito
 Agência Estado

Mustafa Suleyman, CEO da Microsoft AI, divisão da empresa responsável pelos seus projetos na área, afirmou que tudo que é publicado online pode ser considerado *freeware*, ou seja, pode ser utilizado para treinar modelos de inteligência artificial (IA) generativa sem a necessidade de pagamento ou pedido de consentimento. Esse tipo de IA é usado para gerar textos, imagens e vídeos a partir de comandos do usuário.

"Com relação ao conteúdo que já está na web aberta, o contrato social desse conteúdo, desde os anos 1990, é que ele seja de uso honesto. Qualquer um pode copiá-lo, recriá-lo, reproduzi-lo. Você pode chamar isso de *freeware*", declarou Suleyman em uma entrevista para a CNBC.

Com relação ao conteúdo que já está na web aberta, o contrato social desse conteúdo, desde os anos 1990, é que ele seja de uso honesto. Qualquer um pode copiá-lo, recriá-lo, reproduzi-lo



Foto: Reprodução/Linkedin

Segundo Suleyman, qualquer texto ou mídia publicada pode aperfeiçoar as IAs

Assim, qualquer *post*, texto ou mídia publicados na internet poderiam ser usados para aperfeiçoar inteligências artificiais, na opinião do executivo. A exceção seria apenas quando existem restrições claras de proibição do uso de determinado conteúdo.

Modelos de inteligência artificial generativa, a exemplo do Gemini, do Google, exigem grandes quantidades de dados e informações para serem aperfeiçoados. Com o crescimento da tecnologia, questões sobre privacidade e direito autoral sobre dados que alimentam esses algoritmos se tornaram urgentes.

A declaração de Suleyman acontece no auge da disputa entre a Meta e o governo brasileiro. A empresa dona do Facebook, Instagram e WhatsApp alterou sua política de privacidade para permitir que

posts de usuários sejam utilizados para treinar a inteligência artificial da companhia, que pretende criar uma espécie de ChatGPT próprio.

O processo pouco transparente fez a Autoridade Nacional de Proteção de Dados exigir, na última terça-feira (2), que a Meta pausasse o proces-

so sob pena de multa de R\$ 50 mil.

A declaração de Mustafa Suleyman também ocorre em meio ao processo do *New York Times* contra a OpenAI e a Microsoft em decorrência do suposto uso de diversos artigos do veículo para treinar seus modelos de inteligência artificial.



Imagem: Pixabay

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: nota musical (1) = fa + documento papal (2) = bula. **Solução:** curta narrativa (3) = fábula. **Charada de hoje:** O sofrimento (1) daquele herói popular (2) que atravessou a corrente fluvial (2) levou-a a um lugar de repouso (5).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde

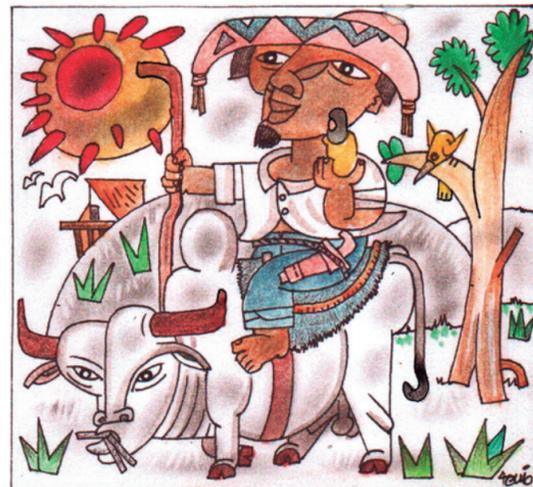


Zé Meiota



9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - árvore; 2 - cajado; 3 - castanha; 4 - rabo do boi; 5 - chitre; 6 - chapéu; 7 - cauda do passarinho; 8 - planta; 9 - chama